

SÓLON CÍCERO LINHARES

**EDUCAÇÃO, TRABALHO E DIMENSÕES SOCIAL E ESCOLAR DA
DROGADIÇÃO: UM ESTUDO SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS
ANTIDROGAS E O PROERD EM CURITIBA/PR.
MESTRANDO: SÓLON CÍCERO LINHARES**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Curso de Pós-Graduação em Educação – Área Educação e Trabalho, Linha de Pesquisa – Economia Política e Educação, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Regina Klein

CURITIBA

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

AGRADECIMENTO

Em especial:

À orientadora Professora Dr^a Lígia Regina Klein, pela diuturna orientação, disponibilidade e generosidade no partilhamento de seus conhecimentos.

Aos Integrantes da Banca de qualificação e defesa, professoras: Dr^a Maria Auxiliadora Cavazotti, Dr^a Araci Asineli da Luz e Dr^a Cláudia Barcelos de Moura Abreu, pela leitura atenta do trabalho e observações pertinentes.

Às escolas que integraram o universo da pesquisa, especialmente aos alunos e professores que se dispuseram a responder aos questionários e entrevistas, meus agradecimentos.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação nas pessoas do Coordenador Professor Dr. Marcos Aurélio Taborda de Oliveira, Vice Coordenadora Professora Dr^a Cláudia Barcelos de Moura Abreu, secretárias Darci, Francisca e Sônia, pela oportunidade e apoio, meus agradecimentos.

Ao Departamento de Polícia Federal, que entendendo a importância desse trabalho, concedeu-me horário especial para freqüentar as atividades em sala de aula e pesquisas de campo, meus agradecimentos.

Aos professores do meu curso de mestrado pelo ensinamento e dedicação, bem como aos colegas de turma, meus agradecimentos.

Meus sinceros agradecimentos aos meus pais Luiz e Suely, pelo apoio e exemplo de vida.

Aos meus irmãos, Júnior e Gerusa, pela compreensão e amizade nos momentos mais difíceis.

Ao meu primo Thayan, amigo, irmão e companheiro de todas as horas, demonstrando empenho e colaboração contínua na elaboração das minhas estatísticas.

Em especial, um agradecimento a minha mãe, que atuou como minha assistente no desenvolvimento das pesquisas, se mostrando fiel, batalhadora e eterna companheira.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEBRID	Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas
CEPAL	Comissão Econômica para América Latina
CETAD	Centro de Estudos e Terapia ao Abuso de Drogas/CETAD da Universidade Federal da Bahia
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
D.A.R.E.	Drug Abuse Resistance Education
DEA	Drug Enforcement Administration: Departamento de narcóticos dos EUA
DPF	Departamento de Polícia Federal
DST	Doença Sexualmente Transmissível
FARC	Forças Armadas Revolucionária da Colômbia
IEPAS	Instituto de Estudos e Pesquisas em AIDS de Santos (SP)
LSD	Dietilamina do ácido lisérgico
MDMA	Metilendioximetanfetamina
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONG	Organização Não Governamental
OTAN	Organização do Tratado de Atlântico Norte
PIB	Produto Interno Bruto
PNB	Produto Nacional Bruto
PRD	Programa de Redução de Danos
PREVIDA	Semana Estadual de Combate ao uso indevido de drogas do Estado do Paraná
PROAD	Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes - Universidade de São Paulo e Secretaria Municipal de Saúde de Santos/SP
PROERD	Programa Educacional de Resistência à Violência e às Drogas
PRONAICA	Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente

RELARD	Rede Latino-americana de Redução de Danos
RIEP	Rede de Integração da Educação Pública
SENAD	Secretaria Nacional Antidrogas
SNC	Sistema Nervoso Central
UDI	Usuário de Drogas Injetáveis

LISTA DE TABELAS

<u>TABELA 1 – TAXAS DE CRESCIMENTO EM PORCENTAGEM</u>	40
<u>TABELA 2 – PRODUÇÃO DE DROGAS</u>	42
<u>TABELA 3 – RESULTADOS OBTIDOS NO PROERD A PARTIR DO 1º SEMESTRE LETIVO DE 2000 ATÉ O 1º SEMESTRE DE 2004</u>	112
<u>TABELA 4 – TOTAL DE ESCOLAS ATENDIDAS NO PARANÁ</u>	112
<u>TABELA 5 – ALUNOS ATENDIDOS NO ESTADO DO PARANÁ, ATÉ O PRIMEIRO SEMESTRE DO ANO DE 2.004</u>	112
<u>TABELA 6 – INSTRUTORES, MENTORES E MASTERS QUE ESTÃO ATUANDO NO ESTADO DO PARANÁ</u>	112
<u>TABELA 7 – CUSTO BÁSICO PARA APLICAÇÃO DO PROERD</u>	112
<u>TABELA 8 – QUESTÃO FICTÍCIA, AOS ALUNOS</u>	114
<u>TABELA 9 – NÚMEROS DE ALUNOS E PROFESSORES QUE PARTICIPARAM DA PESQUISA</u>	115
<u>TABELA 10 – ALUNOS DIVIDIDOS POR SÉRIES</u>	115
<u>TABELA 11 – USO DE ÁLCOOL, SEGUNDO OS ALUNOS</u>	115
<u>TABELA 12 – USO DE NICOTINA, SEGUNDO OS ALUNOS</u>	117
<u>TABELA 13 – USO DE ALGUMA DROGA INDETERMINADA, SEGUNDO OS ALUNOS</u>	118
<u>TABELA 14 – PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NO PROERD, NA 4ª SÉRIE</u>	119
<u>TABELA 15 – OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE O PROERD</u>	119
<u>TABELA 16 – USO DE DROGA DETERMINADA, SEGUNDO OS ALUNOS</u>	122
<u>TABELA 17 – FREQUÊNCIA DE USO DE ÁLCOOL, CIGARRO OU DROGA, SEGUNDO OS ALUNOS</u>	122
<u>TABELA 18 – MOTIVO DE INICIAÇÃO NO USO DE ÁLCOOL, CIGARRO E DROGA, SEGUNDO OS ALUNOS</u>	124

<u>TABELA 19 – FORMAS DE CONVENCIMENTO AO USO DE DROGAS, SEGUNDO OS ALUNOS</u>	125
<u>TABELA 20 – QUEM OFERECE DROGAS, SEGUNDO OS ALUNOS</u>	128
<u>TABELA 21 – LOCAL DA INICIAÇÃO AO USO DE DROGAS, SEGUNDO OS ALUNOS</u>	129
<u>TABELA 22 – OPINIÃO SOBRE QUEM NÃO FAZ USO DE DROGAS, SEGUNDO OS ALUNOS</u>	131
<u>TABELA 23 – COERÇÃO DE GANGUE E USUÁRIOS DE DROGAS SOBRE OS PROFESSORES, SEGUNDO OS PROFESSORES</u>	133
<u>TABELA 24 – CONHECIMENTO SOBRE PROCEDIMENTO FRENTE A ALUNO USUÁRIO DE DROGAS, SEGUNDO OS PROFESSORES</u>	133
<u>TABELA 25 – OPINIÃO DE PROFESSORES SOBRE INSERÇÃO NA ESCOLA DE PROGRAMAS DE PREVENÇÃO AO USO INDEVIDO DE DROGAS E O PROERD</u>	135
<u>TABELA 26 – CONHECIMENTO TÁCITO SOBRE O PROERD, SEGUNDO OS PROFESSORES</u>	136
<u>TABELA 27 – PARTICIPAÇÃO NO PROERD, SEGUNDOS OS PROFESSORES</u>	137
<u>TABELA 28 – CONHECIMENTO DE DROGAS, SEGUNDO OS PROFESSORES</u>	139
<u>TABELA 29 – SUGESTÃO, À SECRETARIA DE ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA, DE AUXÍLIO NO COMBATE ÀS DROGAS DENTRO DA ESCOLA, SEGUNDO OS PROFESSORES</u>	140
<u>TABELA 30 – DEBATE, EM SALA DE AULA, COM OS ALUNOS SOBRE O USO INDEVIDO DROGAS, SEGUNDO OS PROFESSORES</u>	141
<u>TABELA 31 – FONTES DE INFORMAÇÃO QUE SUBSIDIARAM O DEBATE, SEGUNDO OS PROFESSORES</u>	141

RESUMO

O trabalho aponta para uma ampla discussão crítica acerca da drogadição e suas decorrentes modificações dentro do modo capitalista de produção.

Os instrumentos estatais de políticas públicas de enfrentamento das drogas como a repressão e a prevenção, também são abordados, mormente os resultados obtidos.

O estudo trata ainda, em especial, do PROERD, como programa educacional de resistência à violência e às drogas, seus acertos e desacertos.

Por fim, deixa claro que o cerne da problemática das drogas, é a mercantilização das condições de existência e que os programas de repressão e prevenção, por mais eficazes que sejam, levam em conta apenas os efeitos da problemática, desconsiderando a causa, que é sistêmica.

Palavras Chaves – PROERD – DROGADIÇÃO – CAPITALISMO

ABSTRACT

This work points to a comprehensive critical discussion concerning the drug addiction and its consequent modifications in the capitalist system of production.

The tools to confront drug addiction adopted by public policies, as repression and prevention, and mainly their gotten results, are also presented.

DARE, the educational program of resistance against violence and drugs, is especially presented, as well as its achievements and mistakes.

Finally, it is shown that the main issue of the drug problem is the marketability of its conditions of existence, and, despite the efficient programs of repression and prevention, they do not reach the cause of the problem, taking in account only its effects which is systemic.

Key words: DARE - DRUG ADDICTION - CAPITALISM.

SUMÁRIO

<u>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS</u>	iii
<u>LISTA DE TABELAS</u>	v
<u>RESUMO</u>	vii
<u>1 INTRODUÇÃO</u>	1
<u>1.1 O PROBLEMA DA PESQUISA</u>	1
<u>1.2 HIPÓTESES</u>	5
<u>1.3 OBJETIVO DA PESQUISA</u>	6
<u>2 CLASSIFICAÇÃO E USO DOS PSICOTRÓPICOS</u>	7
<u>2.1 BREVE HISTÓRICO</u>	7
<u>2.2 CLASSIFICAÇÃO DAS DROGAS E CARACTERÍSTICAS</u> <u>INDIVIDUAIS</u>	9
<u>2.2.1 Depressoras do Sistema Nervoso Central</u>	12
<u>2.2.1.1 Álcool</u>	12
<u>2.2.1.2 Solventes ou Inalantes</u>	16
<u>2.2.1.3 Tranquilizantes ou Ansiolíticos (Benzodiazepínicos)</u>	17
<u>2.2.1.4 Calmantes e Sedativos (Barbitúricos)</u>	19
<u>2.2.1.5 Ópio e Morfina (Opiáceos/Opióides)</u>	20
<u>2.2.2 Drogas Estimulantes do sistema Nervoso Central</u>	23
<u>2.2.2.1 Anfetaminas</u>	23
<u>2.2.2.2 Cocaína</u>	24
<u>2.2.2.3 Tabaco</u>	27
<u>2.2.3 Drogas Perturbadoras do Sistema Nervoso Central</u>	28
<u>2.2.3.1 Maconha</u>	29
<u>2.2.3.2 Alucinógenos</u>	31
<u>2.2.3.3 LSD-25 (ácido) e Êxtase</u>	32
<u>2.2.3.4 Anticolinérgicos</u>	35

3 A REPRESSÃO COMO FUNDAMENTO DE POLÍTICAS

PÚBLICAS ANTIDROGAS 37

3.1 AS AÇÕES DE REPRESSÃO FEITAS PELO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL..... 44

3.2 CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS 52

3.2.1 O Psicotrópico como Mercadoria 52

3.2.1.1 Produção 58

3.2.1.2 Distribuição..... 60

3.2.1.3 Base Financeira 62

3.2.2 O Mercado da Droga e suas Implicações Econômicas e Geopolíticas..... 65

4 A PREVENÇÃO COMO FUNDAMENTO DE POLÍTICAS

PÚBLICAS ANTIDROGAS 76

4.1 O CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES DE PREVENÇÃO AO USO INDEVIDO DE DROGAS EM CONJUNTO COM A SENAD E O DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL..... 86

4.2 REDES SOCIAIS 92

4.3 REDUÇÃO DE DANOS 97

4.4 O PROERD – PROGRAMA EDUCACIONAL DE RESISTÊNCIA ÀS DROGAS E À VIOLÊNCIA 105

5 POSSIBILIDADES E LIMITES DO PROERD 113

5.1 ANÁLISES DOS DADOS LEVANTADOS JUNTO AOS ALUNOS DA RIEP..... 113

5.1.1 Exposição e Análise dos Dados das Escolas, Segundo os Alunos 115

5.1.2 Exposição e Análise dos Dados das Escolas, Segundo os Professores 132

5.2 OBSERVAÇÃO DAS AULAS DO PROERD 143

5.3 LEVANTAMENTO DOS PADRÕES DE COMPORTAMENTO (ESPECIFICAMENTE A MOTIVAÇÃO) DOS ALUNOS DAS ESCOLAS

<u>PÚBLICAS DA RIEP QUE FIZERAM USO DE DROGAS E ANÁLISE DO</u>	
<u>PROERD</u>	144
<u>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	148
<u>GLOSSÁRIO</u>	151
<u>REFERÊNCIAS</u>	152
<u>ANEXO I – QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS</u>	156
<u>ANEXO II – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES</u>	159
<u>ANEXO III - FOTOS</u>	161

1 INTRODUÇÃO

1.1 O PROBLEMA DA PESQUISA

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade.

Em junho de 1998, o excelentíssimo Presidente da República do Brasil, participando de Sessão Especial da Assembléia Geral das Nações Unidas, dedicada a enfrentar o problema mundial da droga decorrente do consumo, aderiu aos “Princípios Diretivos de Redução da Demanda por Drogas” estabelecidos pelos Estados-membros, reforçando o compromisso político, social, sanitários e educacional, de caráter permanente, no investimento em programas de redução da demanda, para concretizar a execução das medidas descritas no artigo 14, Parágrafo 4º, da Convenção das Nações Unidas Contra o Tráfico Ilícito (sic) de Entorpecentes e Substâncias Psicotrópicas, desde 1988.¹

Nesse sentido, a SENAD e o DPF vêm desenvolvendo ações voltadas para a redução da demanda e da oferta de drogas, respectivamente, ou seja, programas educacionais voltados à prevenção de drogas e ações repressivas no combate às drogas.

¹ Artigo 14: Medidas para erradicar o cultivo ilícito de plantas das quais se extraem entorpecentes e para eliminar a demanda ilícita de entorpecentes e de substâncias psicotrópicas.

Parágrafo 4º: As partes adotarão medidas adequadas que tenderão a suprimir ou reduzir a demanda ilícita de entorpecentes e de substâncias psicotrópicas, com vistas a diminuir o sofrimento humano e eliminar os incentivos financeiros do tráfico ilícito. Aquelas medidas poderão fundamentar-se, inter alia (sic), em recomendações das Nações Unidas, tais como a Organização Mundial da Saúde e outras organizações internacionais competentes e, no Plano Amplo e Multidisciplinário aprovado pela Conferência Internacional sobre o Uso Indevido e o Tráfico de Drogas, celebrado em 1987, na medida em que se relacione com os esforços das organizações governamentais e não-governamentais e de entidades privadas no âmbito da prevenção, tratamento e reabilitação. As partes poderão negociar Acordos ou Ajustes bilaterais ou multilaterais que tendam a eliminar ou reduzir a demanda ilícita de entorpecentes e substâncias psicotrópicas.

Considerando que, no Brasil, aproximadamente 12,5% da população é representada por adolescentes de 12 a 17 anos, dos quais 90% se encontram na escola e, ainda, que suas famílias têm, em média, renda *per capita* de meio salário mínimo², este trabalho se propõe à análise da prevenção das drogas como forma de redução da demanda dentro de um contexto escolar.

Nesse sentido, avaliou-se a eficácia do PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência), enquanto programa educacional de resistência às drogas em sua relação com as formas e meios mais comuns de cooptação de crianças e adolescentes para a drogadição.

O PROERD é um programa educacional de resistência à violência e às drogas que se destina às crianças de quartas e sextas séries do ensino fundamental.

O programa tem como fundamento o tripé família-escola-polícia, que juntos devem atuar coordenadamente no combate às drogas e à violência, ou seja, as ações desse tripé que são representadas na família pelos pais, irmãos e parentes próximos, na escola, pelos professores e na polícia pelos policiais instrutores, devem ser executadas com harmonia, intensidade e principalmente com empenho nos objetivos e intuítos do PROERD. As estratégias utilizadas pelo programa têm como foco principal o desenvolvimento de fatores de proteção tais como: “a competência social, habilidades de comunicação, auto-estima, empatia, tomada de decisões, resolução de conflitos, objetivo de vida, independência, alternativa positiva ao uso de drogas e outros comportamentos destrutivos.”³

O trabalho aborda, no segundo capítulo, a Classificação (Estimulantes, Depressivas e Perturbadoras do Sistema Nervoso Central) e Uso dos Psicotrópicos na contemporaneidade.

O terceiro capítulo trata da repressão como fundamento de políticas públicas antidrogas, partindo-se de uma análise inicial para, sem seguida tratar dessas políticas

² A VOZ DOS ADOLESCENTES. UNICEF, 2002.

³ PROERD. Paraná, 2001.

na atualidade e por fim, das ações do Departamento de Polícia Federal como órgão repressivo.

Ainda nesse capítulo, foram analisadas, como considerações críticas, as concepções macro da drogadição, ou seja, o psicotrópico como mercadoria, tratado como um elemento orgânico do modo de produção capitalista, bem como suas implicações, decorrentes do comércio ilegal.

No quarto capítulo desse estudo, a abordagem foi sobre a prevenção como fundamento de políticas públicas antidrogas, partindo-se de uma análise inicial para, em seguida tratar dessas políticas na atualidade. Para tanto, relatou-se a observação feita junto ao I Curso de Formação de Palestrantes de Prevenção ao Uso Indevido de Drogas, elaborado em conjunto com o Departamento de Polícia Federal e a Secretaria Nacional Antidrogas.

Foram analisadas, também, as Redes Sociais e a Redução de Danos como formas de prevenção ao uso indevido de drogas.

Por fim, ainda nesse capítulo, tratou-se especificamente do PROERD, partindo-se de uma análise histórica, para em seguida tratar de seus fundamentos e conteúdos aplicados nas escolas públicas e particulares do município de Curitiba/PR.

As possibilidades e limites do PROERD, que estão inseridas no quinto capítulo, são análises feitas, através de questionários aplicados para professores e alunos de cinco escolas da RIEP (Rede de Integração da Educação Pública). A RIEP tem por finalidade estabelecer uma relação com projetos de campo de experimentação, atuação e pesquisa com a Universidade Federal do Paraná. É composta por 13 escolas públicas do ensino fundamental e médio, incluída a Escola Técnica Federal da Universidade Federal do Estado do Paraná.

Foram sorteadas cinco escolas da RIEP, todas com ensino fundamental, localizadas em regiões periféricas de Curitiba/PR, as quais foram identificadas pelos números (01), (02), (03), (04) e (05).

Com relação às turmas pesquisadas, o critério de escolha também se deu através de sorteio, sendo que apenas uma turma de quinta a oitava série das cinco escolas sorteadas da RIEP foi analisada, isto é, uma turma da quinta série, uma da sexta, uma da sétima e uma da oitava série.

Para garantir a credibilidade das respostas ao questionário, foi inserida uma questão (nº 10) sobre o uso de uma **droga fictícia**.⁴

A coleta seguiu às normas éticas da Universidade Federal do Paraná, no que tange aos procedimentos de pesquisa envolvendo seres humanos. O consentimento informado foi verbal, prévio, voluntário e espontâneo, sem qualquer tipo de identificação, tanto dos alunos como dos professores das escolas da RIEP, possibilitando, inclusive, aos alunos e professores, entregar os questionários em branco se assim os desejassem.

A concepção adotada como fundamentação para as análises foi o Materialismo Histórico Dialético porque permite compreender as práticas ligadas à drogadição em uma perspectiva de totalidade, processualidade e concretude históricas.

Abstratamente a categoria **drogas** sempre existiu, no entanto é preciso analisá-la dentro de um paradigma de concretude, verificar as conseqüências do seu encadeamento, suas relações mútuas, suas ações recíprocas e as suas decorrentes modificações no modo de produção capitalista.

Segundo MARQUES⁵ o método dialético possibilita apreender numa totalidade concreta “as coisas e suas imagens conceituais”. Trata-se da estruturação, pelo pensamento, da realidade social em uma totalidade significativa embora relativa, não-absoluta e não-cabal porque histórica.

⁴ GALDURÓZ, José Carlos F. et al. V Levantamento Nacional Sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, 2004. p. 16.

⁵ MARQUES, J. Luiz. **O Socialismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1991. p. 30.

É nessa perspectiva que Marx afirmava: “não reconhecemos senão uma única ciência, a ciência da história”, ou seja, esta é que permite à razão pensante totalizar as conexões e as concatenações dos fenômenos da realidade social, a base econômica com a superestrutura da sociedade.

O Materialismo Histórico Dialético também é ferramenta importante para se explicar o conflito entre movimentos opostos, a luta dos contrários, que se verifica, também na drogadição. Por exemplo, ao mesmo tempo em que o Governo dos Estados Unidos gasta milhões de dólares com políticas públicas de repressão e prevenção às drogas, o narcotráfico movimentou, nos Estados Unidos, no ano de 1991⁶, cerca de 125 bilhões de dólares, valor equivalente ao da dívida externa brasileira e superior ao faturamento da maioria das empresas americanas. Cidades importantes, como Miami e Los Angeles, tornaram-se centros de investimentos desse dinheiro, ou seja, lucra-se bem mais com a droga do que se gasta para combatê-la.

1.2 HIPÓTESES

As políticas públicas de prevenção e repressão às drogas obtêm êxito apenas relativo ou parcial, por que:

- a) na dimensão micro, dependem de levar em conta, de modo amplo e radical, as formas mais comuns de cooptação das crianças, adolescentes e jovens;
- b) na dimensão macro, não há dispositivos suficientes para enfrentar o mercado.

⁶ ARBEX JR, José. **Narcotráfico**: um jogo de poder nas Américas. São Paulo: Moderna, 1993. Coleção Polêmica. p. 9.

1.3 OBJETIVO DA PESQUISA

- a) levantamento dos padrões de comportamento dos alunos (especificamente a motivação) das escolas públicas da RIEP com ensino fundamental, que fizeram uso ou continuam fazendo uso de drogas;
- b) verificar se o PROERD, como programa de prevenção às drogas na escola, leva em conta esses padrões e motivações;
- c) contribuir para o aprofundamento da temática junto aos professores da Educação Básica.

2 CLASSIFICAÇÃO E USO DOS PSICOTRÓPICOS

2.1 BREVE HISTÓRICO

As ações das drogas são datadas de muito tempo. Registros arqueológicos revelam que os primeiros indícios sobre o consumo de álcool pelo ser humano datam de aproximadamente 6000 a.C. Inicialmente as bebidas dependiam exclusivamente do processo de fermentação e por isso seu teor alcoólico era relativamente baixo, como é o caso da cerveja e do vinho. Após o advento do processo de destilação, trazidos pelos Árabes, na Idade Média, surgiram novos tipos de bebidas alcoólicas, que passaram a ser consumidas na sua forma destilada. Essas bebidas eram utilizadas para redução da dor e alívio para os males físicos, pois seus efeitos, no organismo, eram produzidos por ações mais rápidas que as do vinho e a cerveja. Daí surgiu o termo uísque (do gálico *usquebaugh*), que significa “água da vida”.⁷

Há registros de mais de 4000 anos a.C., indicando que os Sumerianos (atual Irã) utilizavam-se da papoula de ópio como “planta da alegria”, que traduzia o contato com os Deuses. Os antigos habitantes do Rio Danúbio, na Europa Oriental, conhecidos como povo Cita, há 500 anos a.C. queimavam a maconha (cânhamo) em pedras aquecidas e inalavam os vapores dentro de suas tendas.⁸

Os camponeses Asiáticos no século XVI já faziam uso de ópio como fonte de alívio e, em 1776, na Guerra Civil Americana o ópio era livremente utilizado por soldados como forma de anestésico.

Já a primeira droga sintética utilizada pela medicina foi o hidrato de cloral, em 1869. Em 1890, iniciou-se a livre comercialização de um vinho, elaborado com

⁷ CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. Bebidas Alcoólicas – Álcool Etílico e Etanol; Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo; 2005.

⁸ INSTITUTO PARANAENSE DE PSICOLOGIA – IPP-PUC/PR. Grupo de Apoio ao Dependente Químico. Disponível em: <<http://www.puc.br/saude/história>> Acesso em: 2005.

extratos de coca e xaropes, com as mesmas composições. Em 1914 foi proibida, a livre negociação desse vinho, cuja conseqüência foi a instauração do **mercado negro**, ou seja, a venda de uma droga ilícita. Só nessa época os EUA – Estados Unidos da América faturaram cerca de 200 bilhões de dólares. Em 1920 os EUA instauraram a **lei seca** – proibição do comércio de álcool, que perdurou por cerca de 13 anos e teve, também como conseqüência, um quadro de tráfico e criminalidade que marcou a história desse país.⁹

Durante a segunda guerra, receitas de anfetaminas (estimulantes) eram utilizadas para combater a fadiga. Barbitúricos/hipnóticos tiveram seu ápice em 1950, com o lema utilizado pelos laboratórios “Viva melhor com a Química”. O LSD-25 foi descoberto em 1943, por acaso, pelo cientista suíço Hoffman, ao aspirar pequeníssima quantidade de pó, por descuido, em seu laboratório. Eis o que ele descreveu “Os objetos e o aspecto dos meus colegas de laboratório pareciam sofrer mudanças ópticas. Não conseguindo me concentrar em meu trabalho, num estado de sonambulismo, fui para casa onde uma vontade irresistível de me deitar apoderou-se de mim. Fechei as cortinas do quarto e imediatamente caí em um estado mental peculiar; semelhante à embriaguez, mas caracterizado por imaginação exagerada. Com os olhos fechados, figuras fantásticas de extraordinária plasticidade e coloração surgiram diante de meus olhos”. Em 1960, ocorreu o auge do uso do LSD-25, pois muitos psiquiatras receitavam indiscriminadamente o consumo dessa droga, embora com resultados poucos satisfatórios.¹⁰

Já em 1970, ocorreu a proliferação da cocaína e seus derivados, entre eles o *crack*. A cocaína é uma substância natural, extraída das folhas de uma planta

⁹ CARNEIRO, Henrique, 1960. **Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas: histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas** / Henrique Carneiro. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, pg 48 e 64.

¹⁰ CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. Livreto Informativo; Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo; 2004.

encontrada exclusivamente na América do Sul, a *Erythroxylon coca*, conhecida como Coca ou Epadu, este último nome dado pelos índios brasileiros.

Em 1990, houve a explosão do Êxtase MDMA no Brasil. O Êxtase, invariavelmente é consumido por certas subculturas, tais como alguns jovens freqüentadores de danceterias ou boates, tendo em vista que inibem o sono (em até 08 horas) e prolongam o estado de agitação de seus usuários. Sua comercialização, geralmente, é na forma de comprimido, podendo ainda ser encontrado na forma de cápsula ou em pó.

Recentemente fala-se em outras drogas sintéticas que prolongam o estado de euforia de jovens estudantes universitários nas conhecidas **festa Rave**, como a cápsula do vento, por exemplo.

2.2 CLASSIFICAÇÃO DAS DROGAS E CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS

O termo **droga**, em sentido amplo, possui vários significados. Na linguagem comum do dia a dia, droga sugere algo ruim, sem qualidade, que causa mal. Na linguagem médica, droga é quase sinônimo de medicamento, substância com poder de cura, que causa o bem. Uma verdadeira contradição do ponto de vista da linguagem, que, no entanto, se explica pelo seu percurso histórico e pelos seus usos sociais.

A palavra **droga** teve origem na palavra *droog* (Holandês arcaico) que significa folha seca; isso porque na Antiguidade quase todos os medicamentos eram feitos à base de vegetais.¹¹

A Organização Mundial da Saúde define droga como qualquer substância que, não sendo produzida pelo organismo, tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento.

¹¹ GLOSSÁRIO DE ÁLCOOL E DROGAS. Tradução e Notas: J. M. Bertolote, 2004, pg. 59.

Uma droga não é por si só boa ou má. Existem substâncias que são usadas com finalidade de produzir efeitos benéficos (como o tratamento de doenças), sendo consideradas **medicamentos**. Mas também existem substâncias que provocam malefícios à saúde, os **venenos** ou **tóxicos**. É interessante que **uma mesma substância** pode funcionar como um medicamento em algumas situações e como um tóxico em outras¹².

O termo psicotrópico, por sua vez, define as drogas que atuam sobre o cérebro. A palavra vem do grego: psico e trópico. Trópico relaciona-se com tropismo que significa ter **atração por** e psico relaciona-se com o **psiquismo** (sentimentos, pensamentos). Portanto, psicotrópico significa atração pelo psiquismo, e drogas psicotrópicas são aquelas que, ao atuar sobre o cérebro, altera de alguma maneira, o psiquismo.¹³

Assim, as drogas psicotrópicas são as utilizadas para alterar o funcionamento cerebral, causando modificações no estado mental, no psiquismo. Essas drogas também são conhecidas como **substâncias psicoativas**, porque estimulam o psiquismo.

Vale ressaltar que nem todas as substâncias psicoativas têm a capacidade de provocar dependência. Mas, mesmo substâncias aparentemente inofensivas, e presentes em muitos produtos de uso doméstico ou profissional, podem ter essa capacidade. É o caso dos inalantes, como a **cola de sapateiro**.

Também é de suma importância para conhecimento dos efeitos da droga, a diferença entre tolerância e dependência. A primeira se refere a uma diminuição de resposta a uma dose de determinada substância, a qual ocorre com o uso continuado da mesma, de modo que são necessárias doses mais elevadas para produzir os efeitos

¹² NICASTRI, Sérgio. **Drogas**: classificação e efeitos no organismo. Brasília, 2004. Palestra.

¹³ CEBRID, Livro Informativo ..., op. cit.

originalmente alcançados pelas primeiras doses. A segunda diz respeito à necessidade de repetidas doses da droga para sentir-se bem ou para evitar sensações ruins¹⁴.

Com relação à classificação, existem diversas formas de elencar as drogas. Por exemplo, as leves e pesadas, as lícitas e ilícitas, com potencial de abuso e sem potencial de abuso, entre outras.

Existe ainda uma classificação que tem por objeto os sujeitos que fazem uso da droga¹⁵, a qual se pauta pela constatação das seguintes características:

- a) experimentador: aquele que não possui ligação com a droga;
- b) ocasional: faz uso em eventos, shows de rock, etc;
- c) habitual: que faz uso freqüente da droga, no entanto não necessita dela para realizar as atividades normais do dia a dia;
- d) dependente: aquele sujeito que necessita da droga para a realização das atividades normais e mais corriqueiras; A droga faz parte da sua rotina diária.

No entanto a classificação que melhor se adequou à doutrina médica, porque se fundamenta nas ações que às drogas causam ao Sistema Nervoso Central (SNC), foi a que classificou em:

- a) drogas **depressoras** da atividade mental;
- b) drogas **estimulantes** da atividade mental;
- c) drogas **perturbadoras** da atividade mental.

No que se refere às principais características e efeitos das drogas, trataremos primeiramente das **depressoras do sistema nervoso central**.

¹⁴ LEXICON OF PSYCHIATRIC AND MENTAL HEALTH TERMS, 2. ed. Geneva, World Health Organization, 1984. (Adaptação brasileira; Glossário de termos de psiquiatria e saúde mental da CID-10 e seus derivados. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997).

¹⁵ NOWLIS, Helen. **Droque demystisicce**: droque et education, 1975. Unesco.

2.2.1 Depressoras do Sistema Nervoso Central

2.2.1.1 Álcool

Álcool é um composto orgânico em que um átomo de H, de um alcano, é substituído por um grupo de hidroxila, OH, assim temos: CH₄ (alcano) – CH₃OH (álcool). Os álcoois mais conhecidos e utilizados são o metanol e o etanol, este último encontrado em bebidas alcoólicas, sendo sua concentração, variável, isto é, pode variar de 4% (quatro por cento) em bebida como a cerveja e até 50% (cinquenta por cento) no caso de cachaça.¹⁶

Assim, pessoa que consome bebidas alcoólicas de forma excessiva, ao longo do tempo, pode desenvolver dependência do álcool, condição esta conhecida como “alcoholismo”.¹⁷

A palavra alcoholismo foi empregada, pela primeira vez, em 1856, por um médico sueco, Magnus-Huss, como o conjunto das conseqüências da ingestão do álcool. Trata-se, portanto, de um fenômeno de origem capitalista, o qual preocupava muito a classe hegemônica da época, no que diz respeito aos prejuízos de ordem econômica e financeira trazidos pela ingestão excessivas do álcool pela classe operária.

Não foi em vão que às três maiores associações de classe da época (Manipuladores de Tecidos, Cardadores e Acabadores) enviaram, em 1907, um telegrama ao Governador Civil onde “rogam a fineza de não permitir tabernas abertas

¹⁶ Disponível em: <<http://www.quiprocura.net/alcool.htm>>

¹⁷ CEBRID, Bebidas Alcoólicas ..., op. cit.

ao Domingo, porque causam enorme prejuízo às famílias operárias.”¹⁸ A questão tornou-se um verdadeiro manifesto, intitulado: “Abaixo a Taberna! Abaixo o Alcoolismo!”¹⁹

Por outro prisma, Karl Marx em passagem do *Capital*²⁰ ao descrever a dura realidade da classe trabalhadora identificou no álcool o papel de um consolo inevitável, a única maneira de se suportar a dor de uma estressante jornada de trabalho, que ao passar dos tempos degradava cada vez mais a infância e o tempo de vida do proletariado “É impossível passar uma criança pelo purgatório de uma olaria sem degradar-se moralmente... A linguagem baixa que costumam ouvir desde a mais tenra idade, os hábitos obscenos, sórdidos e impudentes em meio aos quais crescem inconscientes e meio selvagens, tornam-nas, para o futuro, marginais, vis e dissolutas. **É natural, portanto, que a embriaguez reine nesta classe, desde a infância.**”

Em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, publicado em 1843, Engels observou a importância do álcool como praticamente o único lazer operário. Em *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito em Hegel*, na qual Karl Marx escreveu a famosa frase a respeito da religião como “ópio do povo”, ambos os fenômenos – religião e droga – são vistos como meios de fugir à crueldade da dor da exploração do trabalho, verdadeiros remédios contra o sofrimento.²¹

O uso do álcool pela força de trabalho sempre foi uma prática comum na sociedade capitalista, pois garantia a manutenção dos níveis de produtividade exigidos a todo custo pelos proprietários dos meios de produção.

As bebidas alcoólicas consolidaram-se como mercadorias de primeira importância na economia mundial. O vinho teve uma superprodução mundial, nos

¹⁸ CORREIA, João Carlos. **O Espaço público e a questão operária**: o testemunho do Jornal A Estrela. Portugal: Univ. da Beira Interior, 1998.

¹⁹ CORREIA, op. cit.

²⁰ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política: livro I*. Tradução: Reginaldo Sant’Anna. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 527.

²¹ CARNEIRO, Henrique S. *Bebidas alcoólicas e outras drogas na época moderna* (2003). **Agência Baiana de Notícias**, jul. 2004.

anos 60, de 280 milhões de hectolitros (28 bilhões de litros), caindo para 154 milhões de hectolitros no final dos anos noventa. Mas a cerveja continua sendo a bebida alcoólica mais consumida. O Brasil, com 70 milhões de hectolitros/ano, está em quinto lugar na produção mundial (após Estados Unidos da América/ Alemanha, China e Japão), mas tem a segunda²² maior produtora mundial, a Ambev, com 60 milhões de hectolitros/ano.²³

Já com relação aos efeitos que o álcool causa no organismo, pode-se afirmar que se dividem em duas fases distintas: a primeira estimulante e a segunda depressora. Nos primeiros momentos após a ingestão do álcool os efeitos são de euforia, desinibição e loquacidade, logo em seguida os efeitos passam a se tornarem depressores, como falta de coordenação motora, descontrole físico e mental e sonolência.²⁴

Há uma relação entre os efeitos do álcool e dos níveis da substância no sangue, que variam em função do tipo de bebida utilizada, da velocidade do consumo e da presença de alimentos no estômago, além de possíveis alterações no metabolismo da droga por diversas situações – por exemplo, na insuficiência hepática, onde a degradação da substância é mais lenta. Com níveis de álcool mais baixos, observam-se desinibição do comportamento, com diminuição da crítica, hilaridade e labilidade afetiva (a pessoa ri ou chora por motivos pouco significativos), notando-se desde já presença de certo grau de incoordenação motora e prejuízo das funções sensoriais. Com aumento desses níveis, verifica-se uma piora da incoordenação motora (ataxia), a fala torna-se pastosa, havendo dificuldades de marcha e aumento importante do tempo de resposta (reflexos mais lentos), além do aumento da sonolência, com prejuízo das capacidades de raciocínio e concentração. Com níveis sanguíneos ainda maiores,

²² A primeira é a Anheuser Bush, dos EUA, com 113 milhões de hectolitros/ano). Mas, em aguardente de cana, o Brasil é o primeiro produtor mundial com cerca de 1 bilhão de litros/ano.

²³ CARNEIRO, **Pequena Enciclopédia** ..., op. cit. pg. 38 e 39.

²⁴ SBPC – Ciência e Cultura, v. 38 , n. 05, maio 1986.

podem surgir náusea e vômitos, visão dupla (diplopia), acentuação da ataxia e da sonolência (até o coma), podendo ocorrer hipotermia e morte por parada respiratória.²⁵

O álcool também induz tolerância (necessidade de quantidades progressivamente maiores da substância para se produzir o mesmo efeito desejado ou intoxicação) e síndrome de abstinência (sintomas desagradáveis que ocorrem com a redução ou com a interrupção do consumo da substância).

Segundo dados do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID)²⁶ numa totalidade de 48.155 estudantes do ensino fundamental e médio das redes municipal e estadual do Brasil a porcentagem dos que fizeram uso na vida, de álcool é, na ordem de 65,2%, uso no ano de 63,3%, no mês de 44,3%, uso freqüente 11,7% e uso pesado 6,7%.²⁷

Outro dado importante e ao mesmo tempo assustador colhido na pesquisa foi o uso na vida, levando em conta a idade do usuário: Crianças de 10 a 12 anos, 41,2%; Adolescentes entre 13 e 15 anos, 69,5% e entre 16 e 18 anos, 80,8%.

Esses dados do CEBRID demonstram a fragilidade do sistema institucional no que se refere o combate ao álcool, droga considerada legal pelo poder público.

Demonstra também que não bastam apenas ações com instrumentos de prevenção, é necessário mais, o Estado deve interferir com ações concretas, como por exemplo, proibindo propagandas de bebidas alcoólicas em horários impróprios para

²⁵ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES EM PREVENÇÃO AO USO INDEVIDO DE DROGAS, I., 30 de maio a 03 de junho de 2005. ANP – Academia Nacional de Polícia. Brasília, 2005. Apostila.

²⁶ GALDURÓZ, op. Cit, pg. 25.

²⁷ Id. pg. 25.

Uso na vida: quando a pessoa fez uso de qualquer droga psicotrópica pelo menos uma vez na vida;

Uso no ano: quando a pessoa utilizou droga psicotrópica pelo menos uma vez nos doze meses que antecederam a pesquisa;

Uso no mês: quando a pessoa utilizou droga psicotrópica pelo menos uma vez nos trinta dias que antecederam a pesquisa;

Uso freqüente: quando a pessoa utilizou droga psicotrópica seis ou mais vezes nos trinta dias que antecederam a pesquisa;

Uso pesado: quando a pessoa utilizou droga psicotrópica vinte ou mais vezes nos trinta dias que antecederam a pesquisa.

crianças e adolescentes. No entanto, infelizmente, o que se vê com frequência são empresas de publicidade e propaganda engajadas cada vez mais em passar a falsa impressão de que consumir álcool traz felicidade, bem estar e tranqüilidade.

2.2.1.2 Solventes ou Inalantes

Solvente significa substância capaz de dissolver coisas, e inalante toda substância que pode ser inalada, isto é, introduzida no organismo através da aspiração pelo nariz ou pela boca.²⁸

Existem, no mercado, vários produtos comerciais que contêm solventes, como é o caso dos esmaltes, colas, tintas, tóneres, gasolina, vernizes, propelentes, removedores. Sua aspiração pode se dar tanto involuntariamente, como, por exemplo, por trabalhadores das indústrias químicas ou de oficinas de pintura, ou voluntariamente como é o caso das crianças e adolescentes que vivem na rua e aspiram cola de sapateiro, esmalte e ainda os estudante que aspiram o corretivo Carbox, etc.²⁹

Os solventes ou inalantes são substâncias pertencentes a um grupo químico chamado hidrocarbonetos, como o tolueno, xilol, n-hexano, acetato de etila, tricloroetileno, etc.³⁰

Os efeitos têm início bastante rápido após a inalação (de segundos a minutos), sendo também de curta duração, predispondo o usuário a aspirações repetidas, com conseqüências às vezes desastrosas. Os efeitos dos solventes vão desde uma estimulação inicial, quando a pessoa fica eufórica, com diminuição de inibição de comportamento, passando posteriormente ao predomínio da depressão do SNC, tornando-se o sujeito confuso, desorientado, podendo também ocorrer alucinações auditivas e visuais; numa terceira fase a depressão se aprofunda, com redução

²⁸ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

²⁹ DROGAS. Cartilha sobre maconha, cocaína e inalantes. Brasília: SENAD, 2004.

³⁰ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

acentuada do alerta, incoordenação ocular e motora (marcha vacilante, fala pastosa, reflexos bastante diminuídos) sendo que as alucinações tornam-se mais evidentes; na quarta fase, a depressão tardia, ocorre inconsciência, podendo haver convulsões, coma e morte.³¹

O uso crônico dessas substâncias pode levar à destruição de neurônios, causando danos irreversíveis no cérebro, assim como lesões do fígado, rins, nervos periféricos e medula óssea. Um outro efeito, ainda pouco esclarecido, dessas substâncias (particularmente dos compostos halogenados, como o clorofórmio) é sua interação com a adrenalina, aumentando sua capacidade de causar arritmias cardíacas, o que pode provocar morte súbita. Embora haja tolerância, até hoje não temos uma descrição característica de síndrome de abstinência por este grupo de substâncias.³²

Tradicionalmente, o uso, na vida, de solventes é alto no Brasil (CARLINI-COTRIM et al., 1989; CARLINI et al., 1993; GALDURÓZ et al., 1997) e não foi diferente o que se constatou no V Levantamento Nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino³³. Os solventes foram as drogas que apareceram em primeiro lugar de uso na vida, nas 27 capitais. No conjunto das capitais o uso na vida foi de 15,5%. A capital que teve o maior uso na vida de solventes foi Teresina/PI, com 19,2%.

2.2.1.3 Tranquilizantes ou Ansiolíticos (Benzodiazepínicos)

Essas drogas levam o nome de tranquilizantes ou ansiolíticos porque atacam diretamente a ansiedade. De fato esse é o principal efeito terapêutico desses medicamentos, isto é, diminui ou abole a ansiedade das pessoas, sem afetar em demasia as funções psíquicas e motoras.³⁴

³¹ CEBRID, Livro Informativo ..., op. cit.

³² NICASTRI, op. cit.

³³ GALDURÓZ, op. cit.

³⁴ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

O meprobamato, nos anos 60, era o principal agente ansiolítico utilizado; no entanto praticamente desapareceu das farmácias com a descoberta de um importante grupo de substâncias: os benzodiazepínicos. São atualmente os mais utilizados em todo mundo, inclusive no Brasil.³⁵

Não raro, a denominação dessas drogas termina com o sufixo **pam**: diazepam, bromazepam, clorazepam, flurazepam, lorazepam, nitrazepam, flunitrazepam. Essas substâncias também são comercializadas, pelos laboratórios, com nomes fantasias como é o caso do Noan, Valium, Calmociteno, Dienpax, Psicosedin, Frontal, Frisium, Kiatrium, Lexotam, Lorax, Urbanil, Somalium, etc.³⁶

Os efeitos iniciam potencializando as ações do GABA (ácido gama-amino-butírico), o principal neurotransmissor³⁷ inibitório do SNC. Como consequência dessa ação, eles produzem: diminuição da ansiedade, indução do sono, relaxamento muscular e redução do estado de alerta. Além desses efeitos principais, essas drogas dificultam processos de aprendizagem e memória, alterando também funções motoras, prejudicando atividades como dirigir automóveis e outras que exija reflexos rápidos.

Tem-se percebido que os sujeitos que fazem uso dos ansiolíticos benzodiazepínicos freqüentemente o fazem juntamente com o álcool, o que potencializa seus efeitos podendo levar o sujeito ao estado de coma.

Os benzodiazepínicos são controlados pelo Ministério da Saúde, sendo obrigatória a apresentação de receita especial do médico para a venda em farmácias e drogarias.

No Brasil, segundo o V Levantamento Nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de

³⁵ Id.

³⁶ Id.

³⁷ *Neurotransmissores* são substâncias químicas produzidas por células nervosas (neurônios) para comunicarem-se umas com as outras, por meio de regiões especializadas denominadas *sinapses*. São classicamente divididos em dois tipos: os *inibitórios* (que diminuem o nível de atividade elétrica do neurônio sobre o qual atuam) e os *excitatórios* (com ação oposta).

ensino³⁸, o uso na vida ficou na casa dos 4,17%. A capital com maior uso na vida foi Recife/PE com 6,8%.³⁹

2.2.1.4 Calmantes e Sedativos (Barbitúricos)

O termo sedativo vem de calmante, sedante. Assim são os medicamentos com capacidade de diminuir a atividade do sistema nervoso central, mormente quando o sujeito está em estado de excitação acima do normal.

É importante acrescentar que sedativo é um termo genérico, pois quando utilizado para dor, recebe o nome de analgésico; quando utilizado para produzir sono é chamado de sonífero ou hipnótico (**barbitúricos**); quando atua sobre a ansiedade é conhecido como ansiolítico e, por fim, quando utilizados para acalmar o sistema nervoso central, como no caso do cérebro hiperexcitado dos epiléticos, são as drogas antiepiléticas. Trataremos especificamente dos barbitúricos.⁴⁰

Os barbitúricos são um grupo de substâncias sintetizadas artificialmente e existem desde o começo do século XX. Possuem diversas propriedades em comum com o álcool e com outros tranqüilizantes (Benzodiazepínicos).⁴¹

Seu uso inicial foi dirigido ao tratamento da insônia, porém a dose, para causar os efeitos terapêuticos desejáveis, não é muito distante da dose tóxica ou letal. O sono produzido por essas drogas, assim como aquele provocado por todas as drogas indutoras de sono é muito diferente do sono **natural** (fisiológico). Como consequência de sua principal ação farmacológica, observa-se que seus principais efeitos são a diminuição da capacidade de raciocínio e concentração, sensação de calma, relaxamento e sonolência. Os reflexos tendem a ficar mais lentos e, com doses um

³⁸ GALDURÓZ, op. cit.

³⁹ Id.

⁴⁰ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

⁴¹ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

pouco maiores, a pessoa sente-se como que embriagada, a fala fica pastosa e há dificuldades na marcha. Com doses tóxicas, começam a surgir sinais de incoordenação motora, ocorre uma acentuação importante da sonolência (até o coma), podendo haver morte por parada respiratória. São drogas que causam tolerância (sobretudo quando o sujeito utiliza doses altas desde o início) e síndrome de abstinência quando da sua retirada (insônia, irritação, agressividade, ansiedade e até convulsões).⁴²

Existem muitas evidências de que os barbitúricos levam a pessoa a um estado de dependência; com o tempo a dose tem de ser aumentada, ou seja, há desenvolvimento de tolerância.

No V Levantamento Nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino⁴³, constatou-se que no Brasil e suas regiões não houve uso na vida entre os estudantes do ensino fundamental e médio acima de 1,0%. O maior uso na vida desses medicamentos foi constatado entre os estudantes do Recife/PE com 1,1 % e em São Luís com a mesma porcentagem.

2.2.1.5 Ópio e Morfina (Opiáceos/Opióides)

A papoula do oriente, nome popular da planta *papaver somniferum*, foi utilizada pelos povos sumérios, há 5 mil anos. Ao se fazer cortes na cápsula da papoula, quando ainda verde, obtêm-se um suco leitoso, o ópio (do grego opium quer dizer suco). Quando seco, esse suco passa a se chamar pó de ópio, que possui várias substâncias, dentre elas a **morfina** (do grego Morfeu, Deus dos sonhos da mitologia) e a **codeína**. Químicos descobriram que ao se fazer uma pequena mudança na fórmula da morfina se extraiu outra droga, a **heroína**. Portanto, esta droga — a heroína — é uma substância semi-sintética ou seminatural.

⁴² NICASTRI, op. cit.

⁴³ GALDURÓZ, op. cit.

Todas essas substâncias oriundas do ópio são chamadas de drogas **opiáceas** ou simplesmente opiáceos, que podem ser divididas em opiáceos naturais, quando não sofrem nenhuma modificação na sua estrutura química (morfina e codeína) e os opiáceos semi-sintéticos, quando resultantes de modificações parciais na estrutura química originária (heroína). No entanto, quando a fabricação é totalmente feita em laboratório, obtém-se uma droga sintética, com ações semelhantes às dos opiáceos, as drogas conhecidas por **opióides**, por exemplo, meperidina, oxycodona, propoxifeno e a **metadona**. Estas são drogas colocadas em ampolas ou comprimidos e utilizadas invariavelmente como medicamentos analgésicos e ainda para tratamento de dependentes químicos de morfina e heroína.⁴⁴

Sua ação deve-se à sua capacidade de imitar o funcionamento de diversas substâncias naturalmente produzidas pelo organismo (endorfinas e encefalinas). Em linhas gerais, são também depressores da atividade mental, mas possuem ações mais específicas, tais como analgesia e inibição do reflexo da tosse. Causam, ainda, efeitos somáticos, tais como contração pupilar (miose) importante e diminuição da motilidade do trato gastrointestinal. Os opióides possuem também efeito sedativo, prejudicando a capacidade de concentração, torpor e sonolência. Deprimem o centro respiratório, de modo que a respiração torna-se mais lenta e superficial, até a parada respiratória, perda da consciência e morte. Apresentam também tolerância e importantes sinais e sintomas físicos de abstinência (náuseas, vômitos, diarreia, câibras, cólicas intestinais, lacrimejamento, corrimento nasal e piloereção, com duração de até 12 dias)⁴⁵. São utilizados clinicamente como remédios para controlar a tosse, antidiarréicos e analgésicos potentes para o câncer.⁴⁶

A Organização Mundial de saúde tem aconselhado os médicos de todo o mundo que, nos casos de tratamento de pacientes com câncer, onde a dor é insuportável, é plenamente justificável a prescrição do uso contínuo de morfina.

⁴⁴ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

⁴⁵ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

⁴⁶ NICASTRI, op. cit.

Felizmente os casos de dependências voluntárias com opiáceos são pouquíssimos no Brasil, principalmente quando comparado com outros países.

O que se constatou no V Levantamento Nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre Estudantes de Ensino Fundamental e médio da rede pública de ensino⁴⁷ foi que no Brasil as drogas derivadas dos opiáceos não atingiu 0,5% em todas as capitais e ainda que não houve relato de uso de heroína.

A pesquisa do CEBRID também demonstrou que entre crianças de 10 a 12 anos de idade o uso de opiáceos na vida foi de 0,3%, num universo de 48.155 estudantes pesquisados, o que equivale a um número próximo a 145 crianças de 10 a 12 anos, um número relativamente pequeno, mas ao mesmo tempo assustador face o poder destrutivo e dependente dessa droga.

Passamos à análise das **drogas estimulantes do sistema nervoso central**.

⁴⁷ GALDURÓZ, op. cit.

2.2.2 Drogas Estimulantes do sistema Nervoso Central

2.2.2.1 Anfetaminas

São fabricadas em laboratórios, portanto, drogas sintéticas e têm atributos estimulantes: aceleram a atividade do Sistema Nervoso Central, fazendo com que o cérebro trabalhe mais depressa, deixando seus usuários mais **acesos, elétricos**, sem sono.

As anfetaminas também são conhecidas por **rebite** e **bola**. No primeiro caso, são geralmente utilizados para exploração da classe trabalhadora, especificamente os motoristas de caminhões que são obrigados por seus patrões a cumprirem prazos predeterminados de viagens para a entrega de produtos perecíveis. Já no segundo caso, são geralmente utilizadas por estudantes, para não dormirem durante o período noturno. As anfetaminas também são utilizadas em regimes de emagrecimento sem acompanhamento médico.

Seu mecanismo de ação é aumentar a liberação e prolongar o tempo de atuação de alguns neurotransmissores utilizados pelo cérebro (a dopamina e a noradrenalina). Uma pessoa que utiliza essas substâncias experimenta uma diminuição do sono e do apetite, fala mais rápido, sente-se cheia de energia e menos fatigável, muitas vezes realizando esforços excessivos, o que pode ser prejudicial. Observam-se também dilatação pupilar (midríase), taquicardia e elevação da pressão arterial em consequência do uso dessas drogas.⁴⁸

Em doses tóxicas, todos esses efeitos acentuam-se, o sujeito tende a ficar mais irritável e agressivo, podendo surgir idéias de que outras pessoas estão tramando contra si (delírios persecutórios) e alucinações. Também é possível a ocorrência de convulsões.⁴⁹

⁴⁸ NICASTRI, op. cit.

⁴⁹ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

Essas drogas induzem tolerância, sendo menos claro se ocorre uma verdadeira síndrome de abstinência. São freqüentes os relatos de sintomas depressivos (falta de energia, desânimo, perda da motivação), por vezes bastante intensos, ao se interromper o uso dessas substâncias.

No V Levantamento Nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino⁵⁰ ficou evidenciado o uso, na vida, no Brasil de 3,7%, sendo João Pessoa/PB a capital que maior apresentou uso na vida 6,6%. O percentual de crianças com idades entre 10 a 12 anos que fizeram uso na vida é da ordem de 9,9% ou 4.768 crianças de um total de 48.155 pesquisadas.

Esse levantamento nacional feito pela CEBRID também nos traz um dado significativo em termos estatísticos, no que diz respeito ao uso na vida por sexo: constatou-se que o uso feito pelas pessoas do sexo feminino foi quase mais que a metade do uso pelo sexo masculino. Isto se deve fundamentalmente ao uso, pelas mulheres, em maior escala que os homens, com a finalidade de auxílio na redução do apetite e emagrecimento.

2.2.2.2 Cocaína

É um alcalóide obtido das folhas de coca (*Erythroxylon coca*) encontrada somente na América do Sul. A cocaína é um poderoso estimulante do Sistema Nervoso Central, utilizado sem indicação terapêutica para produzir euforia.

Pode ser consumida na forma de um sal (o cloridrato de cocaína, um pó que é inalado ou dissolvido em água e injetado), ou sob a forma de uma base que é fumada

⁵⁰ GALDURÓZ, op. cit.

(o *crack*). Existe ainda a pasta de coca, um produto menos purificado, que também pode ser fumado, conhecido como **merla**.⁵¹

Enquanto o *crack* ganhou popularidade na cidade de São Paulo, Brasília foi a cidade vítima da **merla**. De fato, pesquisas mostram que mais de 50% dos usuários de drogas da Capital Federal fazem uso de **merla**, e apenas 2% de *crack*.⁵²

Por apresentarem aspecto de pedra no caso do *crack* e pasta no caso da **merla**, não podendo ser transformados em pó fino, tanto o *crack* como a **merla** não podem ser aspirados e por não serem solúveis em água também não podem ser injetados.⁵³

Recentemente, uma nova droga foi descoberta no estado do Acre, fronteira com a Bolívia. Possivelmente uma das mais potentes e perigosas drogas conhecidas, o **oxi** ou **oxidado**, como é conhecido pelos seus usuários, é uma variante do *crack*. Segundo a ONG (Organização Não Governamental) Rede Acreana de Redução de Danos – REARD, a diferença é que, na elaboração, ao invés de se acrescentar bicarbonato e amoníaco ao cloridato de cocaína, como é o caso do *crack*, adiciona-se querosene e cal virgem para obter o **oxi**.⁵⁴

Antes de se conhecer e de se isolar cocaína da planta, a coca (planta) era muito usada sob a forma de chá. Ainda hoje esse chá é muito comum na Bolívia e Peru, sendo em ambos permitida por lei, por se tratar de uma tradição indígena com razões inclusive terapêuticas, face a altitude desses países. O Órgão do Governo do Peru que controla a qualidade das folhas vendidas no comércio para o fabrico do chá de coca é o Instituto Peruano da Coca. É salutar ressaltar que o chá da coca contém pouquíssima cocaína e quando ingerida oralmente é processada pelos intestinos, onde já começa a ser metabolizada, sendo boa parte dela destruída antes mesmo de chegar ao cérebro, diferentemente do que ocorre quando da ingestão da cocaína na sua forma isolada da folha.

⁵¹ DROGAS. Cartilha sobre maconha ..., op. cit.

⁵² Id.

⁵³ Id.

⁵⁴ Disponível em: <<http://www.narconews.com>>

O mecanismo de ação da cocaína no Sistema Nervoso Central é bastante semelhante ao das **anfetaminas**, mas ela atua ainda sobre um terceiro neurotransmissor, a serotonina, além da noradrenalina e da dopamina.⁵⁵

Seus efeitos são descritos como tendo um início rápido e uma duração breve, mais intensos e fugazes quando a via de utilização é a intravenosa ou quando o sujeito utiliza o *crack*. Caracterizam-se por uma sensação intensa de euforia e poder, além de um estado de excitação, hiperatividade, insônia, falta de apetite e perda da sensação de cansaço.

Apesar de não serem descritas nem tolerância, nem uma síndrome de abstinência inequívoca, o aumento progressivo das doses consumidas pelos sujeitos é observado freqüentemente. Particularmente no caso do *crack*, os sujeitos desenvolvem dependência severa rapidamente, muitas vezes em questão de poucos meses ou mesmo algumas semanas de uso. Com doses maiores, são observados outros efeitos, tais como irritabilidade, agressividade e até delírios e alucinações, que caracterizam um verdadeiro estado psicótico (a psicose cocaínica). Também podem ser observado aumento da temperatura e convulsões (freqüentemente de difícil tratamento, podendo levar à morte, se forem prolongadas). Ocorrem ainda uma dilatação pupilar (midríase), elevação da pressão arterial e taquicardia (sendo que pode ocorrer parada cardíaca por fibrilação ventricular, uma das possíveis causas de morte por superdosagem).⁵⁶

No Brasil, a cocaína é a substância mais utilizada pelos usuários de drogas injetáveis (UDIs). Muitas dessas pessoas compartilham agulhas e seringas e expõem-se ao contágio de várias doenças, dentre elas hepatites, malária, dengue e AIDS. Esta conduta praticada pelos usuários de drogas injetáveis é um fator de risco para a transmissão do vírus HIV.

Segundo dados do Projeto Brasil, estudos epidemiológicos realizado entre 1995 e 1996 com 701 usuários de drogas injetáveis (UDIs), envolvendo vários centros

⁵⁵ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

⁵⁶ NICASTRI, op. cit.

do País, e coordenado pelo Instituto de Estudos e Pesquisas em AIDS de Santos (IEPAS), as taxas de prevalência de infecção pelo HIV entre usuários de drogas injetáveis chegavam a 71% em Itajaí/SC, 64% em Santos/SP e 51% em Salvador/BA, todas cidades portuárias.

No âmbito nacional, 21,3% dos casos de AIDS registrados até maio de 1997 referiam-se à categoria de usuário de drogas injetáveis. As campanhas do Ministério de Saúde, por meio da Coordenação Nacional de DST/AIDS, têm reduzido muito o número de infectados por essa via.

No V Levantamento Nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino (CEBRID, 2004)⁵⁷, a cocaína apresentou números significativos. No Brasil o uso na vida ficou em 2,0%. O maior índice de uso na vida ficou na região Norte com 2,9% e a capital com maior uso na vida foi Boa Vista/RR com 4,9%. Outro dado importante é de que a cocaína é consumida em mais que o dobro pelo sexo masculino se comparado com a utilização feita pelo sexo feminino.

2.2.2.3 Tabaco

O tabaco é uma planta cujo nome científico é *Nicotina Tabacum*, da qual é extraída uma substância chamada de nicotina. Sua utilização data de aproximadamente 1000 a.C. nas sociedades indígenas da América Central, em rituais mágico-religiosos, com o objetivo de fortalecer, purificar, contemplar e proteger os ímpetos guerreiros, além disso, esses povos tinham a crença que a planta tinha o poder de predizer o futuro.⁵⁸

⁵⁷ GALDURÓZ, op. cit.

⁵⁸ DROGAS. Cartilha sobre maconha ..., op. cit.

Por volta de 1840 e 1850 surgiram as primeiras descrições de homens e mulheres fumando cigarros, porém, somente após a Primeira Guerra Mundial, seu consumo se expandiu de forma gradativa.

A partir da década de 1960, surgiram os primeiros relatórios científicos que relacionaram o cigarro ao adoecimento do fumante, e hoje existem inúmeros trabalhos comprovando os malefícios do tabagismo à saúde do fumante e do não-fumante exposto à fumaça do cigarro.

Os efeitos do tabaco sobre o sistema nervoso central são a elevação leve no humor e diminuição do apetite. Após o fumante tragar a nicotina, esta é absorvida pelos pulmões e chega ao cérebro em aproximadamente 9 segundos.

Quando utilizada por um período longo o tabaco pode provocar tolerância e também quando suspensa a droga pode causar síndrome de abstinência (irritabilidade, agitação, prisão de ventre, dificuldade de concentração, sudorese, tontura, insônia e cefaléia), esses sintomas desaparecem dentro de uma ou duas semanas.⁵⁹

No V Levantamento Nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino⁶⁰ o tabaco apareceu como uso na vida com porcentagem de 24,9%.

Por fim, as **drogas perturbadoras do sistema nervoso central**.

2.2.3 Drogas Perturbadoras do Sistema Nervoso Central

Nessa modalidade, classificamos diversas substâncias cujo efeito principal é provocar alterações no funcionamento cerebral, que resultam em vários fenômenos psíquicos anormais, dentre os quais destacamos os delírios e as alucinações (daí essas drogas receberem por vezes a denominação **alucinógenos**).⁶¹

⁵⁹ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

⁶⁰ GALDURÓZ, op. cit.

⁶¹ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

Pode-se definir operacionalmente **alucinação** como uma percepção sem objeto, ou seja, a pessoa vê, ouve ou sente algo que realmente não está presente objetivamente. **Delírio**, por sua vez, poderia ser definido como um falso juízo da realidade, ou seja, o sujeito passa a atribuir significados anormais aos eventos que ocorrem à sua volta (por exemplo, notando em toda parte indícios claros – embora irreais – de uma perseguição contra a sua pessoa, no caso do delírio persecutório a que já nos referimos anteriormente). Esse tipo de fenômeno ocorre de modo espontâneo em certas doenças mentais denominadas **psicoses**, razão pela qual essas drogas também são chamadas **psicotomiméticos**.⁶²

2.2.3.1 Maconha

Na Convenção Única de Narcóticos e Drogas de 1961, a maconha foi definida como as extremidades floridas ou frutificadas da planta *cannabis* (excluindo as sementes e as folhas sem aquelas extremidades) da qual a resina não foi extraída. Suas folhas e inflorescências secas podem ser fumadas ou ingeridas. Há também o haxixe, pasta semi-sólida obtida por meio de grande pressão nas inflorescências, preparação com maiores concentrações de THC (tetra-hidrocanabinol), uma das diversas substâncias produzidas pela planta, principal responsável pelos seus efeitos psíquicos. Há uma grande variação na quantidade de THC produzida pela planta (conforme condições de solo, clima e tempo decorrido entre a colheita e o uso) e na sensibilidade das pessoas à sua ação, o que explica a capacidade da maconha produzir efeitos mais ou menos intensos.⁶³

Os efeitos psíquicos agudos da maconha podem ser descritos em alguns casos como uma sensação de bem-estar, acompanhada de calma e relaxamento, sentir-se

⁶² NICASTRI, op. cit.

⁶³ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

menos fatigado e hilaridade, enquanto que outras pessoas sentem angústia, ficam aturdidas, temerosas de perder o autocontrole e ansiosas, com tremores e sudorese. Há uma perturbação na capacidade de calcular o tempo e o espaço, além de um prejuízo de memória e de atenção. Com doses maiores ou dependendo da sensibilidade individual, podem ocorrer perturbações mais evidentes do psiquismo, com predominância de delírios e alucinações.⁶⁴

Os efeitos físicos agudos são hiperemia conjuntival (vermelhidão no olho), diminuição da produção da saliva (o que faz com que a boca fique seca) e taquicardia (podendo-se chegar a frequências de 140 batimentos por minuto ou mais).⁶⁵

Em termos de efeitos físicos crônicos, são comuns problemas respiratórios, uma vez que a fumaça produzida pela maconha é muito irritante, além de conter alto teor de alcatrão (maior que no caso do tabaco) e nele existir uma substância chamada **benzopireno**, que é um conhecido agente cancerígeno. Ocorre ainda uma diminuição (de até 50-60%) na produção de testosterona dos homens, podendo haver infertilidade.

Há também relatos de efeitos psíquicos crônicos da maconha, cujo uso continuado interfere com a capacidade de aprendizado e memorização, podendo induzir um estado de diminuição da motivação, ou seja, a pessoa não sente vontade de fazer mais nada, tudo parece ficar sem graça, perder a importância, na assim chamada **síndrome amotivacional**.⁶⁶

No V Levantamento Nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino a maconha mostrou-se muito consumida entre os estudantes. 5,9% foram a porcentagem de uso na vida, nas 27 capitais.⁶⁷ A título de comparação, em 2001 o uso na vida para a faixa

⁶⁴ ADOLESCÊNCIA E TÓXICOS. **VIVER. Revista de Psicologia**. São Paulo, Editora Voar, n. 22, 1987.

⁶⁵ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

⁶⁶ Id.

⁶⁷ GALDURÓZ, op. cit.

etária entre 12 a 17 anos de idade foi de 3,5%⁶⁸, ou seja, houve um aumento de mais de 2,0%.

O percentual de crianças na faixa etária entre 10 e 12 anos de idade que fizeram uso na vida foi de 0,6%, saltando para 3,9% entre 13 e 15 anos de idade. Outro dado também revelador foi a utilização, no mês, de 48.155 estudantes, cerca de 3,2%. A capital que apresentou maior índice de consumo foi Boa Vista/RR com 8,5% seguida por Porto Alegre/RS com 8,3%.

2.2.3.2 Alucinógenos

Designação dada a diversas drogas que possuem a propriedade de provocar uma série de distorções do funcionamento normal do cérebro, trazendo como consequência uma variada gama de alterações psíquicas, entre as quais alucinações e delírios, sem que haja uma estimulação ou depressão da atividade cerebral.⁶⁹

Várias dessas drogas são capazes de produzir seus efeitos psíquicos em doses que praticamente não alteram qualquer outra função no organismo: são os alucinógenos propriamente ditos ou alucinógenos primários. Outras drogas, por sua vez, apenas são capazes de induzir efeitos alucinógenos em doses que afetam de maneira importante diversas outras funções, sendo consideradas alucinógenos secundários, como no caso dos anticolinérgicos.⁷⁰

Diversas plantas possuem propriedades alucinógenas como, por exemplo, alguns cogumelos (*Psilocibe mexicana*, que produz a psilocibina), a jurema (*Mimosa hostilis*, que sintetiza a dimetiltriptilina) e outras plantas eventualmente utilizadas na forma de chás ou beberagens alucinógenas. Há também substâncias alucinógenas

⁶⁸ CARLINI, E. A. et al. I levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, 2001.

⁶⁹ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

⁷⁰ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

sintetizadas artificialmente, sendo a principal delas a dietilamida do ácido lisérgico (LSD), que será discutido como droga protótipo desse grupo.⁷¹

Para o V Levantamento Nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino apontou que, no Brasil, diferentemente de outros países, o uso de alucinógenos, na vida, foi baixo: 1,0% em todas as regiões.⁷²

2.2.3.3 LSD-25 (ácido) e Êxtase

Conhecidos também como alucinógenos sintéticos são substâncias fabricadas em laboratórios, não sendo, portanto, de origem natural.

O LSD (abreviação de dietilamina do ácido lisérgico) é, talvez a mais potente droga alucinógena existente, com ação psicotrópica que se conhece (doses de 20 a 50 milionésimos de grama produzem efeitos com duração de 4 a 12 horas).

Seus efeitos dependem muito da sensibilidade da pessoa às ações da droga, de seu estado de espírito no momento da utilização e também do ambiente em que se deu a experiência. Assim, as distorções perceptivas (cores, formas e contornos alterados), a fusão de sentidos (por exemplo, a impressão de que os sons adquirem forma ou cor), perda da discriminação de tempo e espaço (minutos parecendo horas ou metros assemelhando-se a quilômetros) e as alucinações (visuais ou auditivas) podem ser vivenciadas como sensações agradáveis, mas também podem deixar o usuário extremamente amedrontado. Dessa forma, tanto estados de exaltação como de muita ansiedade, angústia e pânico são relatados (as boas ou más **viagens**).⁷³

Outra repercussão psíquica da ação do LSD sobre o cérebro são os delírios, ou seja, falsos juízos de realidade: há uma realidade, um fato qualquer, mas a pessoa delirante não é capaz de fazer avaliações corretas a seu respeito. Assim sendo, são

⁷¹ NICASTRI, op. cit.

⁷² GALDURÓZ, op. cit.

⁷³ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

comuns delírios de grandiosidade (quando o sujeito julga-se com capacidades ou forças extraordinárias, sendo capaz de, por exemplo, atirar-se de janelas, acreditando que pode voar; avançar mar adentro, crendo que pode caminhar sobre a água; ficar parado em frente a um carro numa estrada, julgando ter força mental suficiente para pará-lo) e delírios persecutórios (como por exemplo, o sujeito acreditando ver à sua volta indícios de uma conspiração contra si, podendo até agredir outras pessoas numa tentativa de defender-se da **perseguição**).⁷⁴

Ainda no campo dos efeitos tóxicos dessa substância, há descrições de pessoas que experimentam sensações de ansiedade muito intensa, depressão e até quadros psicóticos por longos períodos após o consumo do LSD. Uma variante desse efeito é o “flashback”, quando após semanas ou meses depois de uma experiência com LSD, o sujeito volta a apresentar repentinamente todos os efeitos psíquicos da experiência anterior, sem ter voltado a consumir a droga novamente, com conseqüências imprevisíveis, uma vez que tais efeitos não estavam sendo esperados, podendo surgir em ocasiões bastante impróprias. O LSD provoca poucos efeitos no resto do organismo, podendo haver uma aceleração do pulso, dilatação pupilar e, mais raramente, episódios de convulsão já foram relatados.⁷⁵

O fenômeno da tolerância desenvolve-se muito rapidamente com o LSD, mas também há um desaparecimento rápido do mesmo com a interrupção do uso da substância. Não há descrição de uma síndrome de abstinência se um usuário crônico deixa de consumir a substância, mas ainda assim pode ocorrer a dependência (quando, por exemplo, as experiências com o LSD ou outros perturbadores do SNC são encaradas como **respostas aos problemas da vida** ou **formas de encontrar-se**, que fazem com que a pessoa tenha dificuldades em deixar de consumir a substância, freqüentemente ficando à deriva no dia-a-dia, sem destino ou objetivos que venham enriquecer sua vida pessoal). O Ministério da Saúde do Brasil não reconhece nenhum

⁷⁴ NICASTRI, op. cit.

⁷⁵ Id.

uso clínico dos alucinógenos, sendo sua produção, porte e comércio proibido em todo o território nacional.⁷⁶

Uma substância que vem ganhando atenção em anos mais recentes é o **êxtase** (metileno-dioxi-metanfetamina ou MDMA). É uma substância alucinógena, mas que guarda relação química com as anfetaminas, apresentando também propriedades estimulantes. Seu uso é freqüentemente associado à cultura de certos grupos, tais como alguns jovens freqüentadores de danceterias ou boates.

Trata-se de uma droga que foi sintetizado em 1912 e patenteado em 1914 pela Alemanha pela empresa farmacêutica Merck. O propósito era a utilização para diminuir o apetite, no entanto em função de sua baixa utilidade clínica, os estudos com essa substância foram abandonados. Em 1970 voltou a ser questionado como auxiliar no processo psicoterapêutico e paralelamente começou a sua utilização nos EUA de forma recreativa, o que foi proibido em 1985 pelo Governo Americano.⁷⁷

Tem havido relatos de casos de morte por hipertermia maligna, em que a participação da droga não é completamente esclarecida (possivelmente estimulando hiperatividade e reduzindo a sensação de sede ou, talvez, induzindo um quadro tóxico específico). Também existem suspeitas de que a substância seja tóxica para um grupo específico de neurônios produtores de serotonina.⁷⁸

Embora ainda tenham sido realizados poucos estudos sobre a situação brasileira, no que se refere ao **êxtase**, existem indícios de uma popularização do uso recreativo da droga em alguns segmentos da população, especificamente em algumas capitais brasileiras. Seu consumo parece estar mais restrito a jovens de classes sociais privilegiadas, que dispõe de tempo e dinheiro para freqüentar festas e boates onde é encontrada a droga.

Com o aumento do consumo, tem crescido também o número de apreensões da droga pela polícia, bem como registros de morte associadas ao consumo.

⁷⁶ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

⁷⁷ CEBRID, Livro Informativo ..., op. cit.

⁷⁸ NICASTRI, op. cit.

2.2.3.4 Anticolinérgicos

São diversas substâncias provenientes de plantas ou sintetizadas em laboratório que têm a capacidade de bloquear as ações da acetilcolina, um neurotransmissor encontrado no sistema nervoso central e periférico. Além dos medicamentos usados para os tratamentos da doença de Parkinson, como o Artane e o Akineton, algumas plantas como a trombetaira (*Datura sp*) e o lírio tem efeitos anticolinérgicos.⁷⁹

Produzem efeitos sobre o psiquismo quando utilizados em doses relativamente grandes, de forma que também provocam alterações de funcionamento em diversos sistemas biológicos, sendo, portanto, drogas pouco específicas.

Atuam principalmente produzindo alucinações e delírios, sendo comuns as descrições pelas pessoas intoxicadas de sentirem-se perseguidas, de verem pessoas ou animais, etc. Esses sintomas dependem bastante da personalidade do sujeito, assim como das condições ambientais onde ocorreu o consumo dessas substâncias. Os efeitos são em geral bastante intensos, podendo durar até 2 a 3 dias.⁸⁰

Os anticolinérgicos são também capazes de produzir vários efeitos somáticos, tais como midríase, boca seca, aumento da frequência cardíaca, diminuição da motilidade intestinal (até paralisia) e dificuldades para urinar. Em doses elevadas, podem produzir grande elevação da temperatura (até 40-41 °C), com possibilidade de ocorrerem convulsões.⁸¹

Nessa situação, a pessoa apresenta-se com a pele muito quente e seca, com uma hiperemia principalmente localizada no rosto e no pescoço. São exemplos de drogas desse grupo algumas plantas, como certas espécies do gênero *Datura* (conhecidas como saia branca, trombetaira ou zabumba, que produzem atropina e

⁷⁹ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ..., op. cit.

⁸⁰ NICASTRI, op. cit.

⁸¹ Id.

escopolamina) e certos medicamentos, como o tri-hexafenidil, a dicitolomina e o biperideno.⁸²

Essas drogas não desenvolvem tolerância no organismo e também não há descrição de síndrome de abstinência.

Para o V Levantamento Nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino⁸³ o uso, na vida, de anticolinérgicos foi de 1,2%; no ano, o uso foi de 0,7%; no mês, o uso foi de 0,5%; freqüente o uso foi de 0,1 e uso pesado também de 0,1% em todas as regiões, o que demonstra um uso baixo na sua totalidade. No entanto na região nordeste observou-se o maior uso na vida, na ordem de 1,5%, e as capitais Recife/PE e São Luís/MA apresentaram os maiores índices, 2,3% e 2,1% respectivamente.

⁸² Id.

⁸³ GALDURÓZ, op. cit.

3 A REPRESSÃO COMO FUNDAMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS ANTIDROGAS

Reduzir a oferta e o consumo, como formas de repressão às drogas, sempre foi uma bandeira levantada pelo Governo dos Estados Unidos e por alguns Governos da América Latina.

O fundamento e o foco das políticas de repressão são as drogas em si, ou seja, não se leva em consideração os sujeitos como parte do processo, bem como suas relações interpessoais e menos ainda as determinações sociais, por isso alguns estados criminalizam ao proibir o consumo de algumas drogas e outros não.

No Brasil, recentemente entrou em vigor a Lei 10.409/2002, apesar de suas incongruências jurídicas, que não é objetivo desse trabalho abordá-las, em combinação com a Lei 6368/1976, são os principais instrumentos legais que embasam a política pública repressiva.

O artigo 12 dessa última Lei descreveu condutas alternativas, que o sujeito eventualmente ao se enquadrar em alguma delas, estará cometendo o crime de tráfico ilícito de drogas e para tanto, será preso e condenado pela Justiça a crime que é equiparado ao hediondo, ou seja, cabe a polícia, como aparelho repressivo do estado, através dos instrumentos jurídicos estabelecidos em lei, coibir as ações dos traficantes.

Portanto, toda política pública repressiva antidrogas é embasada em legislação que permite através dos seus dispositivos legais, a concretude dos objetivos e pressupostos visados pela própria política antidrogas.

A eficácia de uma política de repressão está na probabilidade do sujeito ser preso e a severidade das penas, que devem ser relacionadas com os benefícios que o crime trás, para só assim verificar se o aparelho repressivo judicial e policial é suficientemente desestimulante para inibir os criminosos em potencial, isto é, visam limitar o consumo de droga agindo diretamente sobre a oferta (destruição de plantios) e a demanda (consumidores permanentes), ou, indiretamente, pela prisão dos

traficantes para desencorajá-los, ao mesmo tempo, de utilizar a droga e de praticar o seu comércio.⁸⁴

A portaria nº. 344 de 12 de maio de 1998 é um dos instrumentos jurídicos que enumera as drogas consideradas proibidas para o consumo, portanto o comércio de alguma delas é ilegal no Brasil, considerado como tráfico de drogas.

Assim, para que os Governos possibilitem que seus aparelhos repressivos exerçam suas funções é preciso proibir certas condutas, no caso das drogas, a produção, o comércio e consumo.

É certo que esse instrumento do Estado também tem características econômicas, inerentes ao próprio comércio capitalista, ou seja, a proibição de determinado produto ou mercadoria, estimula seus lucros. Para tanto, examinar os precedentes históricos, onde alguns Governos proibiram o consumo de determinadas drogas, é essencial para se entender a dinâmica das políticas públicas repressivas. É o caso da Lei Seca nos Estados Unidos da América (EUA) onde se proibiu o consumo de álcool nos períodos de 1917 a 1933, a qual se tornou definitiva através 18ª emenda à Constituição (janeiro de 1920) e abolida quatorze anos mais tarde. É importante que se registre que foi o único momento da História no qual foram relatados casos de uso de álcool injetável – em consequência da dificuldade de acesso a bebidas alcoólicas.

Não é demais lembrar que em 1917 o mundo convivia com a 1ª Grande Guerra Mundial, os Russos iniciavam sua revolução sócio-econômica, a economia mundial estava em queda e os americanos lutavam pela manutenção do capitalismo e sua economia necessitava de uma **injeção** que freasse o abismo em que estava entrando.

Nesse contexto, o Congresso Americano resolveu instituir a política repressiva de proibição ao consumo de álcool. De imediato o preço saltou quatro vezes em relação ao que era quando legalizado e o álcool se tornou uma das drogas mais atrativas entre os americanos.⁸⁵

⁸⁴ KOPP, Pierre. **A economia da droga**. Bauru: EDUSC, 1998, p. 166.

⁸⁵ Ibid., p. 142.

Logicamente isso se deu porque o preço de qualquer mercadoria oscila em relação ao seu valor, através da lei da oferta e da demanda. Quando essa Lei é explorada a exemplo de uma mercadoria que é estimulada pelo vício (drogas), a demanda sempre se mantém, mesmo que a oferta seja pequena e conseqüentemente o preço sobe absurdamente.

A proibição da comercialização das drogas, como bem salientou o Economista Jaime VILELA⁸⁶, é uma necessidade do capitalismo em crise.

É o mecanismo para reverter, contrabalançar a queda tendencial da taxa média de lucro, causa fundamental da crise crônica da economia capitalista mundial.

Por isso a importância da proibição como política pública repressiva, isto é, proibir uma mercadoria, enquanto é uma necessidade, não a elimina do mercado, pelo contrário, a encarece, estimula o monopólio de seu comércio, e os preços se elevam, deixando aos capitalistas comerciais vultosas taxas de lucro. A proibição faz parte das medidas que incrementam os lucros capitalistas, são parte das medidas que o capital tem para tentar contrabalançar a queda da taxa de lucro.⁸⁷

VILELA⁸⁸ arremata demonstrando que a proibição e a repressão às drogas, como forma de coibir o consumo, faz com que o psicotrópico se torne uma mercadoria de difícil acesso e, portanto, com preço elevadíssimo, proporcionando um comércio altamente lucrativo: o tráfico, que geralmente é comandado por pessoas ligadas aos interesses do próprio Estado.

Assim, do ponto de vista de que a proibição constitui um recurso para a recomposição do lucro nas fases mais críticas do capitalismo, é como, o sistema capitalista necessitasse narcotizar-se para evitar as convulsões que sacodem o organismo econômico e social.⁸⁹

⁸⁶ VILELA, Jaime. **Coca, narcotráfico e recolonização**. Revista Marxismo Vivo nº 06, Edição nº 142 de 12 de dezembro a 22 de janeiro de 2003, La Paz, Bolívia.

⁸⁷ Id.

⁸⁸ Id.

⁸⁹ Id.

O reconhecido economista elaborou uma tabela que demonstra claramente **ondas** longas de desenvolvimento capitalista e proibição das drogas entre os períodos de 1826 a 1999, conforme pode se observar:

TABELA 1 – TAXAS DE CRESCIMENTO EM PORCENTAGEM

Anos (Crise / Auge) Número de Anos	1826 a 1847 crise 21	1848 a 1873 auge 25	1874 a 1893 crise 19	1894 a 1913 auge 19	1914 a 1939 crise 25	1940 a 1967 auge 27	1968 a ? crise
Taxa crescimento anual do comércio mundial	2,7	5,5	2,2	3,7	0,4	4,8	
Taxa crescimento anual da Produção Industrial Inglesa	3,2	4,6	1,2	2,2	2	3	2,0 ¹
Taxa crescimento anual da Produção Industrial Alemã		4,5	2,5	4,3	2,2	3,9	
Taxa crescimento anual da Produção Industrial EUA		5,4	4,9	5,9	2,0	5,2	1,9 ¹
Taxa média de crescimento Mundial Anual acumulativa			4,0	2,5	1,9	4,9	-3,0 ²
POLÍTICAS PROIBITIVAS	Proibição Inglesa ao ópio china períodos (1842 a 1856)				Proibição do álcool nos EUA períodos (1920 a 1933)		Proibição da cocaína e outros desde 1962 (EUA)

FONTE: Jaime Vilela - Economista da Universidade Mayor San Andrés – La Paz – Bolívia

NOTAS: (1) Só até 1975.

(2) Dados referentes a 1955 – 1960.

Na tabela pode-se observar o ciclo de crises amplas e generalizadas. A primeira crise, que se inicia em 1875, tem sua finalização em 1892 e coincide com o surgimento do imperialismo, que teve um auge prolongado antes que viesse outra crise generalizada em 1913. Esta última teve suas expressões mais evidentes na queda das bolsas de valores em 1929, a recessão e paralisia generalizada. Acrescentem-se, ainda, as duas grandes guerras mundiais e a guerra fria com término em 1968.

Mas o crucial é que justamente nos momentos de crise entram em ação as políticas públicas de ilegalização do comércio de determinadas drogas:

- a) 1º momento: entre 1914 a 1939, quando o crescimento do comércio mundial caiu a 0,4%, ou a produção industrial norte-americana estava em

2%, que desembocou na depressão dos anos 20, os EUA ilegalizaram o comércio do álcool. A Lei Nacional de Proibição do Álcool, conhecida como **Lei Seca**, entrou em vigência em 1920 e permaneceu até 1933.

b) 2º momento: no final da década de 60, quando o crescimento da economia chegava a menos de 3%, novamente as correntes proibicionistas e repressivas desataram uma furiosa ofensiva. A Convenção de Viena sobre “substâncias controladas e estupefacientes” começou a entrar em ação.

VILELA⁹⁰ finaliza seu estudo fazendo uma crítica:

Até hoje não se fez uma análise marxista do tráfico e comércio de drogas, em especial o papel que cumpre esse comércio ilegal no processo de acumulação capitalista. Pior: não existem trabalhos sobre a influência no ciclo a longo prazo da acumulação de capital. (...) Reiteramos que existe uma dupla moral do capitalismo imperialista. Por um lado desata políticas proibitivas, e por outro, seu próprio sistema necessita dessa proibição como única forma de obter enormes massas de mais-valia. O capital, em fases depressivas, necessita do lucro como a vida necessita do oxigênio.

Evidencia-se então, que a repressão das drogas através da oferta possui também outro enfoque, pouco abordado em estudos e pesquisas sobre o tema: o paradigma econômico, que será objeto de estudo ainda nesse capítulo da pesquisa.

Com relação à cocaína produzida na América Latina, os dados de VILELA⁹¹ são expressivos: apesar da política repressiva a produção se mantém estável.

⁹⁰ VILELA, op. cit.

⁹¹ Id.

TABELA 2 – PRODUÇÃO DE DROGAS

PAIS PRODUTOR EXTENSÃO	ANOS											
	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	
PERU												
Cocaína (milhões de tm)	200	210	242	240	224	162	160	131	118	96	72	
Decréscimo (%)		5%	15%	-1%	-7%	-28%	-1%	-18%	-10%	-19%	-25%	
BOLÍVIA												
Cocaína (milhões de tm)	78	77	78	80	84	90	85	75	70	53	23	
Decréscimo (%)		-1%	1%	3%	5%	7%	-6%	-12%	-7%	-24%	-57%	
COLÔMBIA												
Cocaína (milhões de tm)	33	45	45	45	45	67	81	109	129	166	195	
Decréscimo (%)		36%	0%	0%	0%	49%	21%	35%	18%	29%	17%	
TOTAL REGIÃO ANDINA COCAÍNA (milhões de tm)	311	332	365	365	353	319	326	315	317	315	290	
Decréscimo (%)		7%	10%	0%	-3%	-10%	2%	-3%	1%	-1%	-8%	

FONTE: VILELA, Jaime. **Coca, narcotráfico e recolonização**. Economista da Universidade Mayor San Andrés, La Paz, Bolívia, 2002. Informe ao Parlamento Boliviano.

Tm – toneladas métricas.

Sobre os dados, VILELA⁹², conclui que a produção de folha de coca na Bolívia teve uma redução de 90 mil toneladas métricas entre 1994 e 1999 para 23 mil toneladas métricas, o que incide, evidentemente, na produção potencial da cocaína. É mister frisar que a Bolívia produz uma parte de coca para o consumo doméstico (mascar) em forma de folha de coca, a qual não é utilizada como matéria prima para o fabrico da cocaína.

A produção do Peru também sofreu uma queda significativa entre os anos de 1992 a 1999. Uma produção que em 1992 era de 240 mil toneladas métricas de coca passou em 1999 para 72 mil toneladas métricas. No entanto, contraditoriamente, e de maneira inversamente proporcional, as reduções ocorridas no Peru e na Bolívia foram supridas com volumes cada vez maiores de produção de coca na Colômbia. Entre 1989 e 1999, subiu de 33 mil toneladas métricas para 195 mil toneladas métricas.

O resultado dessas tendências à queda e aumento da produção de coca fez com que a produção sofresse pouca ou quase insignificante variação nos períodos de 1989 a 1999. Em 1989 se produzia, em toda a região, 311 mil toneladas métricas de coca;

⁹² VILELA, op. cit.

houve um aumento absoluto até chegar a 365 mil toneladas em 1992 e ficou em 290 mil em 1999. Uma redução total na região andina, em onze anos, de menos de 7%. Um fracasso frente ao monumental investimento financeiro, político e militar realizado pelo Governo dos Estados Unidos e Europeu em sua política internacional “**guerra contra as drogas**”.

Nesse contexto, pairam muitas críticas às políticas públicas de repressão, pois têm como fundamento primordial o combate às drogas através da erradicação de plantios e pela não entrada do entorpecente no território nacional. Nos Estados Unidos já se mostrou ineficiente, pois sua eficácia para reduzir a entrada da droga é fraca e nula para limitar o consumo⁹³, tendo em vista que 15 a 20 milhões de americanos fumam maconha e mais de 5 milhões são consumidores dependentes de cocaína e esses números crescem a cada ano.

De uma maneira geral medidas repressivas têm se mostrado pouco eficazes. Se por um lado a redução da oferta de uma droga pode contribuir para a diminuição do seu consumo, por outro pode também propiciar o aumento do consumo de outras drogas. É o caso, por exemplo, do uso de solventes por crianças em situação de rua na cidade de São Paulo. No início dos anos 90, o controle da venda de cola de sapateiro foi intensificado e isso reduziu o acesso das crianças ao produto. Entretanto, logo em seguida houve um aumento exagerado do uso de esmalte de unha e outros solventes mais acessíveis no mercado. Outro exemplo desse fenômeno é a tendência ao aumento do consumo de álcool e de cocaína, nos períodos de menor disponibilidade de maconha.

A restrição do acesso à determinada droga pode diminuir seu consumo, porém, pode desencadear um processo de substituição por outras drogas mais disponíveis. Isso acontece porque o consumo de uma determinada droga não depende somente de sua oferta. Depende também de fatores ligados às necessidades do próprio sujeito e ao

⁹³ KOPP, op. cit., p. 191.

ambiente em que ele vive. As pessoas não se tornam dependentes apenas por haver disponibilidade de drogas.

Por fim, é essencial registrar que para se elaborar uma política pública eficaz no combate às drogas é necessária a corroboração de outras categorias essenciais, quase sempre esquecidas. De nada adianta ter uma excelente política se se desconsiderar as inescrupulosas formas de exploração da classe operária, as péssimas condições materiais em que vivem e o desemprego estrutural que os assola. De nada adiante tomar como norte apenas a elevação e a severidade das penas, acreditando que a criminalidade tenderá a diminuir face o temor dos delinquentes em serem presos. O sujeito que está desempregado, carente das condições mais primitivas de sobrevivência, não vai temer a implacabilidade das penas impostas pelo Estado, ao contrário, esse sujeito buscará formas de sobreviver, de se alimentar e para isso, não hesitará um momento sequer, caso o crime seja sua única e última opção.

3.1 AS AÇÕES DE REPRESSÃO FEITAS PELO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

O Departamento de Polícia Federal, instituição vinculada ao Ministério do Estado e Justiça da República Federativa do Brasil, tem trabalhado no sentido de reprimir o tráfico ilícito de drogas, prerrogativa prevista no artigo 144, inciso II da Constituição Federal de 1988.

Para tanto, o Departamento de Polícia Federal conta com um capacitado Serviço de Inteligência, que trabalha diuturnamente no levantamento de organizações criminosas e suas formas de atuações. Geralmente, quando ocorre a investigação de uma organização criminosa por vários anos, o resultado é a descoberta de outras novas organizações criminosas e assim por diante.

Os últimos dados revelados pelo Departamento de Polícia Federal demonstraram o movimento financeiro dos doze maiores traficantes da região fronteira entre Brasil e Paraguai, bem como as formas de ações, lavagem do dinheiro e até as fortes influências políticas desses marginais, sendo inclusive matéria de reportagem publicada no *Correio Brasiliense*⁹⁴.

Segundo Roberto Acevedo, Governador do Departamento de Amambay/Paraguay, esses traficantes comprometem juizes da Suprema Corte do Paraguay, parte significativa da polícia e nas últimas eleições conseguiu eleger pelo menos dois deputados para representar seus interesses.

Movimentam juntos mais de 20 milhões de dólares por mês, têm patrimônio estimado em 600 milhões de dólares e residem em grandes mansões no exterior. O dinheiro sujo, oriundo do tráfico, foi em grande parte lavado através do esquema de remessa ilegal de dólares ao exterior através das contas CC5, do escândalo Banestado.⁹⁵

Para se ter uma idéia da amplitude da movimentação econômica decorrente do tráfico de drogas, somente na região de fronteira Brasil/Paraguai, vale mencionar os dados relativos a 4 operações do Departamento de Polícia Federal:

Documentos secretos da Fiscalia Nacional (Ministério Público), Secretaria Nacional Antidrogas do Paraguay e do Departamento de Polícia Federal revelam que o traficante brasileiro Odacir Antônio Dametto, que se esconde atrás das fachadas de fazendeiro e bem sucedido empresário, com negócios de exportação de grãos no Mercosul, é proprietário de 19 fazendas em Capitá Bado/Paraguay. Dametto responde a vários inquéritos no Brasil desde o início dos anos 2000, quando foi apreendido um

⁹⁴ MACEDO, Ana Paula. *Correio Brasiliense*. Crime Organizado – Barões do Tráfico, 8 maio 2005.

⁹⁵ Contas CC5 eram contas correntes bancárias, que existiam para facilitar o envio de remessas de dinheiro para o exterior. O “escândalo Banestado” ficou conhecido após uma Comissão Parlamentar de Inquérito comprovar que o Banco do Estado do Paraná (Banestado) era uma instituição financeira que enviava remessas de dinheiro oriundas de atividades ilícitas, os quais necessitam serem “lavados”.

carregamento de maconha escondida entre sementes de girassol, transportado por um caminhão de sua empresa, a Aralsoja, de Mato Grosso do Sul.

Além disso, comanda as empresas Semillas Dametto S.R.L., de exportação de grãos e Agroganadera Tupi Guarani S.A. importação e exportação.

O resultado das investigações na vida de Dametto demonstrou também os negócios de outros três grandes traficantes, Luiz Carlos da Rocha, Carlos Alberto da Silva Duro e Jarvis Chimenes Pavão, sendo esses três considerados, juntamente com Dametto, os quatro maiores traficantes de drogas do Brasil e Paraguai.

Luiz Carlos da Rocha, de acordo com Inquéritos Policiais instaurados no Departamento de Polícia Federal, a partir dos anos 90 é o líder de uma organização criminosa que atua no tráfico de drogas nos Estados do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraná e São Paulo e ainda no continente Europeu. Segundo registros da Polícia Federal ele comandou uma conexão portuguesa de tráfico de drogas, onde se usavam **mulas** para transportar a droga até Portugal.

Atualmente Rocha é proprietário de 14 fazendas nos departamentos de Amambay e Concepción e outras duas propriedades rurais, a Fazenda Bonsucesso e Paraíso da Amazônia em Matupá, norte do Mato Grosso, com mais de 10 mil cabeças de gado. Rocha ainda é investigado por ser proprietário de um holding (empresa de ações e títulos comerciais) a Topaz Holding Ltda., com sede nas Ilhas Cayman. Através dela, foi realizada uma transação suspeita no valor de 719,9 mil dólares. Segundo a Fiscalia Paraguaia (Ministério Público Paraguaio) a negociata foi realizada através do Banco do Estado do Paraná.

Carlos Alberto da Silva Duro já foi indiciado em Inquérito da Polícia Federal em Mato Grosso do Sul em 1993, por tráfico de drogas. A família de Duro se instalou no Paraguai na região de Amambay onde possui duas fazendas. Em 2004 foi condenado, juntamente com seus irmãos Paulo Juarez e Dagoberto da Silva Duro a 21 anos e dez meses de prisão por tráfico e associação para o crime, lavagem de dinheiro e ao pagamento de multa no valor de 193,5 mil reais pelo Juiz Federal de Ponta-

Porã/MS, Odilon de Oliveira, que tem proteção 24h por dia de policiais federais, tendo em vista que foi alvo de tentativa de execução por parte de Nilton César Antunes Veron, **representante** dos traficantes de drogas da região de Amambay/Paraguay, para assuntos de pistolagem. Veron teria oferecido 500 mil reais para quem matasse o referido magistrado. A investida foi frustrada com sua prisão em 16 de janeiro de 2005, em Pedro Juan Caballero, capital de Amambay/Paraguay, com mais de 100 kilos de cocaína.

Jarvis Chimenes Pavão, envolveu-se com tráfico de drogas, segundo dados da Polícia Federal, em 1994, quando foi preso em Itajaí/SC, com mais de 25 Kilos de cocaína apreendidos no interior de seu automóvel. Desde então Jarvis figura como um dos maiores traficantes de drogas, em 2000 foram presas 11 pessoas de sua organização criminosa no Balneário Camboriú/SC, com 231 quilos de cocaína. Atualmente está instalado na região de Amambay/Paraguay, onde comanda sua organização criminosa. Jarvis é proprietário da empresa J.F. Pavão S.R.L. importação e exportação, dedicada a importação e comercialização da cerveja Cintra.

Com relação às drogas em espécie, o Departamento de Polícia Federal elaborou alguns parâmetros sobre a produção e o comércio de drogas ilícitas no Brasil, que se tornaram importante no desenvolvimento dessas ações de repressão, principalmente no que se refere ao levantamento de novas redes ilegais de traficantes de drogas.⁹⁶

a) cocaína:

- a) ausência de monopólio: porque são produzidas, em sua grande maioria, pela Colômbia (apresenta a pasta base de melhor qualidade), Peru (intermediário) e Bolívia (cocaína baixa qualidade);
- b) importações para o consumo: não existe produção de pasta base de cocaína no Brasil. Os traficantes importam a matéria prima de um dos países acima mencionados e no Brasil executam o seu processamento, ou

⁹⁶ CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES ... op. cit.

seja, transformam a pasta base em cloridrato de cocaína para posterior revenda para o consumo;

c) tráfico formiga: caracteriza-se principalmente pelo tráfico de pequeno porte, isto é, através de “mulas” ou através da Empresa de Correios e Telégrafos. No Brasil não há grandes apreensões de cocaína. Pode-se citar por exemplo a Operação ocorrida em Tocantins em 1994 onde se apreendeu 7,2 toneladas de cocaína. O Departamento de Polícia Federal tem apreendido quantidades que variam de 10 kg a 1000 kg de cocaína. Fontes do Serviço de Inteligência do Departamento de Polícia Federal levantaram que o Brasil é utilizado, pelas grandes organizações criminosas do Tráfico de Cocaína, como passagem de entorpecentes, que seguem via marítima (por exemplo, através dos portos de Santos/SP, Itajaí/SC, Paranaguá/PR) ao continente europeu e também para os Estados Unidos da América;

d) estoques regulares: no Brasil não há armazenagem de grandes quantidades de cocaína. Quando a droga adentra o território nacional já vem com endereço certo, com distribuição certa. Reforça mais uma vez que o Brasil é utilizado como passagem das grandes quantidades de cocaína.

b) maconha:

– fenômeno regional: a maconha brasileira é regionalizada. O plantio se dá em áreas devolutas (Ilhas) nos estados da Bahia e Pernambuco. Essas regiões favorecem o desenvolvimento da planta pelo clima tropical. No entanto, a maconha produzida na região nordeste brasileira é de baixa qualidade e perde no padrão de “qualidade” para a maconha produzida no Paraguai. A maconha produzida no Brasil é para abastecimento do mercado interno; não se tem notícia de exportação de maconha por traficantes brasileiros;

- redes brasileiras de maconha: as organizações criminosas brasileiras são as líderes do comando do tráfico de maconha no Paraguai, principalmente na região do Departamento de Amambay. Também são responsáveis pelo plantio da droga e seu transporte para o Brasil, que se dá na grande maioria por via terrestre. Após sua entrada no território são trocadas por armas no Estado de São Paulo e Rio de Janeiro e boa parte vendida para outros traficantes que repassam ao usuário final. A Maconha Paraguaia é de melhor qualidade que a brasileira, por isso ganha na concorrência. A título exemplificativo um pé de maconha brasileira rende aproximadamente 400 gramas da droga e a paraguaia rende até 2 quilos;
- c) heroína, LSD e êxtase:
- as apreensões de heroína no Brasil ainda são pouco significativas, tendo em vista que a região produtora da papoula, matéria prima da heroína, fica na região central do Continente Asiático. No entanto o Departamento de Polícia Federal tem notícia da plantação de papoula na Colômbia. Segundo fontes do Departamento de Polícia Federal quem seria o responsável pela plantação dessa papoula latina americana seriam as **FARC** com intuito de entrar no mercado europeu e americano da heroína;
 - o LSD está em desuso no Brasil, mas ainda há focos isolados de consumo. O êxtase por sua vez, é a droga da moda, sendo utilizada muitas vezes em festas que duram até 18 horas. O Departamento de Polícia Federal vem combatendo o tráfico da droga, no entanto as apreensões ainda são insignificantes, comparadas às feitas em alguns países da Europa. No ano de 2004 o Brasil apreendeu aproximadamente 200 mil comprimidos de êxtase, enquanto que na Holanda e Bélgica foram apreendidos mais de 200 milhões dos comprimidos.

Com esses dados o Departamento de Polícia Federal desencadeou várias operações em regiões e fronteiras de todo o território nacional, comandada pela Direção de Combate ao Crime Organizado.

São elas:

Operação Guisu – São 1119 km de fronteira entre BRASIL E GUIANA
Operação Vebra – Brasil e Venezuela, 2199 km de fronteira
Operação Cobra – Brasil e Colômbia, com 1644 Km de fronteira
Operação Pebra – Brasil e Peru, com mais de 2994 Km de fronteira
Operação Brabo – Brasil e Bolívia, a maior extensão fronteiriça, com cerca de 3423 Km de fronteira
Operação Alianza – Brasil e Paraguay, com 1366 Km de fronteira
Total de Fronteira Terrestre – 16399 Km

No final de cada ano o Departamento de Polícia Federal desenvolve através da Coordenação Geral de Polícia de Repressão a Entorpecente – CGPRE, uma estatística com os principais dados que, posteriormente, é informado ao Ministro da Justiça.

Período entre 01/01/2004 a 31/12/2004:

Total de Inquéritos Policiais instaurados - 2926
Total de pessoas indiciadas – 3330
Total de pessoas indiciadas por tráfico de drogas - 3149
Total de pessoas indiciadas por uso de drogas - 44
Total de pessoas presas em flagrante delito - 1867
Total de Inquéritos Policiais instaurados por Portaria - 1059
Total de plantações erradicadas - 36
Laboratórios químicos destruídos – zero
Total de cocaína apreendida - 7.197.270,21 gramas
Total de maconha apreendida – 153.657.446,58 gramas
Total de heroína apreendida – 50.135,00 gramas
Total de LSD apreendidos – 715 pontos
Total de êxtase apreendidos – 81.951 unidades de comprimidos

Período entre 01/01/2005 a 06/05/2005:

Total de Inquéritos Policiais instaurados – 1140
Total de pessoas indiciadas – 1278
Total de pessoas indiciadas por tráfico de drogas – 1209
Total de pessoas indiciadas por uso de drogas – 19
Total de pessoas presas em flagrante delito – 729
Total de Inquéritos Policiais instaurados por Portaria – 711
Total de plantações erradicadas – zero
Laboratórios químicos destruídos – zero
Total de cocaína apreendida – 3.851.909,11 gramas
Total de maconha apreendida – 34.708.256,77 gramas
Total de heroína apreendida – 11.705,00 gramas
Total de LSD apreendidos – 10 pontos
Total de êxtase apreendidos – 36.821 unidades de comprimidos

Os dados do período entre 01/01/2004 a 31/12/2004 demonstram que a maconha continua sendo a droga mais apreendida pelo Departamento de Polícia Federal, o que também não foi diferente o resultado de nossa pesquisa com relação ao consumo (vide capítulo 5), ou seja, a maconha é uma das drogas mais consumidas pelas crianças e adolescentes pesquisados.

Um dado que causou surpresa ao Departamento de Polícia Federal, foi a quantidade de comprimidos de êxtase apreendidos, mais de 81 mil unidades, número relativamente pequeno, se comparado com as apreensões dos países europeus, no entanto, já demonstra para uma nova realidade no contexto policial, ou seja, a necessidade de ampliação do número de operações policiais e investigações no sentido de reprimir a entrada ou a fabricação dessa droga no território brasileiro.

Assim, observa-se que as ações repressivas desenvolvidas pelo Departamento de Polícia Federal têm seu papel importante no combate às drogas, principalmente porque a quantidade de drogas apreendidas é expressiva, mas por outro lado, retornamos ao mesmo problema contraditório da política repressiva americana, ou seja, apesar dos números estatísticos acima serem expressivos e demonstrarem o crescimento de prisões e apreensões de drogas psicotrópicas no Brasil, ano após ano,

outro dado, mostra-se alarmante, isto é, os estudantes brasileiros, crianças e adolescentes entre 12 e 18 anos de idade, em desenvolvimento escolar, vêm consumindo drogas cada vez mais cedo⁹⁷ e em maiores quantidades, mostrando que a questão das drogas é contraditória por si só, tem raízes profundas nas formas decompostas que adquiriu o sistema capitalista e envolve outros elementos inerentes a sua própria estrutura.

Por isso, é de suma importância a conjugação de políticas públicas repressivas e preventivas na mesma intensidade, ou seja, investimento nas mesmas proporções. De nada adianta se investir na repressão da oferta, na erradicação de plantações e na proteção das fronteiras, se os consumidores em potencial estão descobertos, carente de informação, de conteúdo e de incentivo à própria vida.

3.2 CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS

3.2.1 O Psicotrópico como Mercadoria

Para tratarmos da droga como mercadoria, primeiramente necessário se faz aprofundar o conceito e implicações que o termo mercadoria possui dentro do modo de produção capitalista.

Karl Marx no *Capital* dissecou a questão da mercadoria sob o modo capitalista de produção e, já nas primeiras linhas, inicia a exposição do seu conceito de mercadoria: esclarece que a mercadoria é “um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, **seja qual for a natureza, a origem**

⁹⁷ GALDURÓZ, op. cit.

delas, provenham do estômago ou da fantasia”⁹⁸ e acrescenta: “Não importa a maneira como a coisa satisfaz a necessidade Humana, se diretamente, como meio de subsistência, objeto de consumo, ou indiretamente, como meio de produção”.⁹⁹

Assim, considerando que um dos atributos da mercadoria é satisfazer as necessidades humanas **de qualquer ordem**, afigura-se que ela é detentora de um valor natural que consiste em servir às comodidades, desejo, bem estar, conforto da vida humana.

A mercadoria então possui uma utilidade, o que faz dela um valor-de-uso¹⁰⁰.

Essa utilidade, segundo Marx, é inerente à própria mercadoria, determinada pelas suas propriedades materiais. A princípio essa utilidade está latente, não manifesta.

Dentro de uma sociedade capitalista esta utilidade se revela quando consumida, utilizada e, portanto, agrega outro valor, o de troca.

Desta forma, revela-se o valor-de-troca quando valores-de-uso de espécie diferente, portanto com características úteis diversas, são trocados entre si¹⁰¹, relação que muda constantemente no tempo e no espaço.

Portanto, as mercadorias se trocam uma pelas outras, nas mais diversas proporções, pela qualidade do valor-de-uso de uma pela outra e pela quantidade expressada no valor-de-troca que possuem.

Há ainda outro elemento que deve ser analisado para se entender a categoria mercadoria na sua totalidade: O trabalho humano.

⁹⁸ “Desejo envolve necessidade; é o apetite do espírito e tão natural como a fome para o corpo. (...) A maioria (das coisas) tem valor porque satisfaz as necessidades do espírito.” (MARX, op. cit.).

⁹⁹ MARX, op. cit., p. 57.

¹⁰⁰ Ibid., p. 58.

¹⁰¹ “O valor consiste na relação de troca que se estabelece entre uma coisa e outra, entre a quantidade de um produto e a de outro.” (MARX, op. cit.)

Marx explicita: “Se prescindirmos do valor-de-uso da mercadoria, somente lhe resta ainda uma propriedade, a de ser produto do trabalho, ou seja, uma mercadoria somente possui valor-de-uso porque é fruto do trabalho humano”.

Assim, se abstrairmos a utilidade de uma mercadoria, o que resta é o trabalho humano corporificado, materializado naquela mercadoria e que permite satisfazer determinadas necessidades humanas.

Por outro lado, se abstrairmos o trabalho concreto, por exemplo, o trabalho do marceneiro ao fazer a mesa, do pedreiro ao construir a casa, reduz-se, todos os trabalhos concretos, a uma única espécie de trabalho, o trabalho humano abstrato, ou seja, o trabalho médio socialmente necessário para, em dadas condições histórico-sociais produzirem dita mercadoria.

É esse nível máximo de abstração que permite reconhecer o elemento que concretiza o valor de troca das mercadorias: o tempo de trabalho humano.

Assim, mede-se o valor de determinada mercadoria a partir do tempo de trabalho socialmente necessário, dispendido na sua criação, em horas, dias, etc.

Esse trabalho humano é considerado como homogêneo, isto é, dispêndio de idêntica força de trabalho. Caso contrário, o preguiçoso teria a mercadoria mais valiosa. Então o tempo de trabalho socialmente necessário requerido para produzir determinado valor-de-uso em condições de produção socialmente normais existentes é o que determina a grandeza do valor.¹⁰²

Como valores, as mercadorias são apenas dimensões definidas do tempo de trabalho que nelas se cristaliza. Quanto maior o tempo despendido na sua elaboração, maior o valor. No entanto, o seu valor é inversamente proporcional à produtividade, isto é, se se produz, por exemplo, 80 canetas em 8 horas é porque se gastou em média 1h para o fabrico de cada 10 canetas.

¹⁰² MARX, op. cit., p. 61.

Se se passou a produzir 800 canetas nas mesmas 8 horas, gastou-se em média 1 hora para cada 100 canetas, isto é diminuiu o tempo de trabalho para produzir essa mercadoria e, logo, diminuiu também o seu valor.

A grandeza do valor de uma mercadoria varia na razão direta da quantidade e na inversa da produtividade do trabalho que nela se aplica.

Por fim, para criar mercadoria, não basta apenas produzir valor-de-uso, mas essencialmente produzi-los para outros, dar origem ao que Marx chamou de valor-de-uso social.

Diante disso, pode-se dizer que a mercadoria, dentro de uma sociedade capitalista, deve possuir utilidade e valor-de-uso social. Também deve possuir um valor-de-troca, na medida em que os valores-de-uso são trocados por outros de diferentes espécies, e a grandeza desse valor é medida pelo tempo socialmente necessário na criação dessa mercadoria.

Dada à importância do trabalho na conceituação de mercadoria, cabe entender sua concepção na ótica marxista.

Antes de tudo, o trabalho é um processo que se dá entre o homem e a natureza. É o dispêndio de energia humana, braços e pernas, cabeças e mãos em funcionamento, no processo de apropriação da natureza, com intuito de imprimir-lhe forma de utilidade para satisfazer necessidades humanas das mais variadas.¹⁰³

No final desse processo o sujeito chega a um resultado material que estava previamente imaginado em sua cabeça, decorrente de sua vontade.

Nesse sentido, Marx¹⁰⁴ assim elaborou elementos que compõe o processo de trabalho:

- a) atividade adequada a um fim, isto é, atividade humana direcionada para uma determinada finalidade;
- b) a matéria a que se aplica o trabalho ou objeto do trabalho;

¹⁰³ MARX, op. cit., p. 211.

¹⁰⁴ Ibid., p. 212.

c) os meios do trabalho ou instrumental do trabalho.

Como bem ensina Marx:

No processo de trabalho, a atividade do homem opera uma transformação, subordinada a um determinado fim, no objeto sobre o qual atua por meio do instrumental de trabalho. O processo extingue-se ao concluir-se o produto. O produto é um valor-de-uso, um material da natureza adaptado às necessidades humanas através da mudança de forma. O trabalho está incorporado ao objeto sobre que atuou. Concretizou-se, e a matéria está trabalhada.¹⁰⁵

Sendo que a propriedade dos meios e dos objetos do trabalho (meios de produção) é do capitalista, o produto final (mercadoria) desse processo de trabalho é também do capitalista e não do produtor-trabalhador. O trabalhador vende sua força de trabalho e recebe pela jornada de trabalho, valor correspondente à sua própria reprodução e de sua família.

Assim, sob o capitalismo, a força de trabalho humana também se converte em mercadoria, a qual é comercializada, e medida da mesma maneira que as outras mercadorias, isto é, pelo tempo socialmente necessário para sua produção; nesse caso específico, pelo tempo necessário para a reprodução humana dessa força.¹⁰⁶

Mas, o que é mais importante, é que ao mesmo tempo em que o trabalho humano é mercadoria igual a todas as outras, ela é também a única forma de mercadoria capaz de produzir mais valor.

De fato, se o trabalhador realiza uma jornada de 12 horas/dia e, no entanto, só lhe é necessário, para sua reprodução¹⁰⁷, o tempo social de 8 horas/dia, claro está que realizou dispêndio excedente correspondente a 4 horas.

Este tempo excedente, que não lhe é pago pelo capitalista, constitui o lucro deste último.

¹⁰⁵ MARX, op. cit., p. 214.

¹⁰⁶ Essa reprodução inclui o próprio trabalhador e sua prole (daí proletariado), pois lhe cabe também a reprodução contínua da força de trabalho.

¹⁰⁷ Ou seja, para a produção de todos os produtos consumidos por aquele trabalhador, como condição de sua existência: roupa, comida, moradia, etc.

São horas excedentes, produtoras de valor, foi o que Marx chamou de mais-valia.

Nesse sentido Marx dividiu a composição do capital em capital constante e capital variável.

Capital constante é a parte do capital que não muda a magnitude do valor no processo de produção, é a parte que se converte em meios de produção, como por exemplo, matéria prima, materiais acessórios, maquinários, etc.

Capital variável é a parte do capital convertida em força de trabalho humano, é aquela parte que muda de valor durante o processo de produção, pois reproduz o próprio equivalente e, além disso, proporciona um excedente, a mais-valia.

Considerando os conceitos anteriormente estudados, trataremos adiante dos psicotrópicos como verdadeiras mercadorias, ou seja, como funcionam as drogas psicotrópicas dentro do modo de produção capitalista, como são estabelecidos os processos produtivos, os valores, transportes e distribuição final.

As etapas do tráfico de drogas assemelham-se às de uma empresa organizada nos preceitos formais da economia de mercado. Assim, as etapas do tráfico são, em linhas gerais, produção, distribuição e base financeira.

No processo de **produção**, estão incluídos a produção da matéria prima (trabalho agrícola), a manufatura e o processamento da droga.

Após a droga passa pelo processo da **distribuição** através de uma rede ilegal, onde se inclui o transporte, e a venda no atacado e no varejo.

Por fim, tem-se o processo da **base financeira**, pelo qual é “lavado” o dinheiro oriundo da venda dessas mercadorias.

Tomaremos como exemplo uma droga psicotrópica classificada como não-sintética, a **cocaína**.

3.2.1.1 Produção

No que se refere a produção, especificamente, as etapas são bem distintas e organizadas, dividindo-se em duas: a primeira é constituída pelo plantio da coca e a manufatura da pasta-base, e a segunda pelo processamento da droga.

1ª Etapa: Produção agrícola da coca e o preparo da pasta-base.

A Matéria prima da cocaína é a folha de coca (*Erythroxylon coca*), encontrada somente na América do Sul.

Plantada por camponeses bolivianos e peruanos, a folha de coca destina-se ao comércio legal (mastigação das folhas para combater os efeitos da altitude), Indústrias (chás e medicamentos) e à exportação (Peru exporta 700 toneladas de folhas de coca por ano para a Coca-Cola).¹⁰⁸

O Peru é o maior produtor mundial de Coca. Segundo a Organização Mundial da Saúde, 100 mil camponeses peruanos cultivam 300 mil hectares de coca. Apenas 5% dessa produção, ou seja, 15 mil hectares são utilizados para fins legais. Com o remanescente, o tráfico de drogas abastece 60% do comércio mundial. O Exército Peruano disputa com a guerrilha (Sendero Luminoso e Tupac Amaru) o controle do Vale do Huallaga, que concentra o cultivo da coca. A coca ilegal dá ao Peru uma renda anual de 1,2 bilhões de dólares.¹⁰⁹

As economias nacionais da Bolívia e Peru vêm sofrendo gradativamente com um desemprego estrutural, altos juros cobrados pelos Bancos Mundiais, além da inflação que assola esses países. Por isso, a dependência em relação ao narcotráfico chega ao extremo. Na Bolívia, de acordo com os dados da CEPAL, a população desempregada passou de 19% da população ativa, em 1985, para 35% em 1986. De cada três bolivianos, um lucra com derivados do narcotráfico. Há ainda dados segundo

¹⁰⁸ COGGIOLA, Osvaldo. O tráfico internacional de drogas e a influência do capitalismo. **Revista Adusp**, n. 7, ago. 1996.

¹⁰⁹ ARBEX JR, op. cit., p. 11.

os quais 65% da economia do país pertence ao setor informal. A coca representa 75% do PIB Boliviano.

A transformação dos mineiros Bolivianos em cultivadores de coca e a substituição das melhores áreas agrícolas por cultivo do insumo básico da droga são determinantes do pavoroso estancamento da economia desse país, que alguns *experts* de Harvard/EUA elogiam cinicamente por sua **estabilidade monetária**. Que a coca represente a única saída de sobrevivência para os bolivianos e peruanos desempregados das cidades ou migrantes da desertificação rural é outra evidência do mesmo processo de regressão econômica.¹¹⁰

Diante desse lastimável quadro econômico, os camponeses bolivianos e peruanos, não têm outra saída, senão integrar as quadrilhas de narcotraficantes: são explorados e massacrados alternadamente pela guerrilha, pela máfia e pelas tropas de repressão ao tráfico.¹¹¹

O trabalho, como mão-de-obra barata, se destina ao plantio da folha da coca, que, após um processo químico rudimentar, onde se utiliza quantidades de ácido sulfúrico, amoníaco, querosene e éter, é transformada em pasta-base de cocaína, pronta para ser processada e refinada.

2ª Etapa: Processamento da droga

Com a facilidade de compra e aquisição da matéria prima para a fabricação da pasta-base de cocaína, bem como seu baixo custo, o processo produtivo dessa mercadoria se torna muito atrativo, considerando os lucros aviltantes que ela proporciona.

De posse da pasta-base, os narcotraficantes constroem pequenos laboratórios químicos dentro da selva amazônica onde será processada a droga, isto é, a pasta-base será refinada. Esse processo se dá mediante transformações químicas um pouco mais elaboradas que a utilizada no fabrico da pasta-base, ou seja, utilizam-se maiores

¹¹⁰ COGGIOLA, op. cit.

¹¹¹ Id.

concentrações de ácido sulfúrico, amoníaco e éter e ainda, ao final, submetem a droga ao um processo de secagem, que na maioria das vezes é feita em micro-ondas, resultando na cocaína refinada, pura, pronta para o consumo.

A mão de obra contratada para o fabrico da cocaína é a mais barata possível, pois não se exige conhecimento técnico-específico e muito menos qualquer qualificação para tal fim.

O capital constante para o fabrico da cocaína é baixo (produtos químicos e matéria prima) e o capital variável, a força de trabalho é facilmente substituído por não se exigir capacidade técnica alguma.

3.2.1.2 Distribuição

Com relação ao processo de distribuição da droga, mais uma vez os barões do tráfico se utilizam das formas mais elementares, no intuito de fazer chegar a droga ao consumidor final. Suas etapas, também se dividem em duas: primeira, a saída da droga do país produtor e a segunda, a distribuição da droga.

1ª Etapa: Saída da droga

Os traficantes precisam que a droga saia do país produtor (Bolívia, Peru ou Colômbia) e chegue ao destino, para posterior distribuição. Funciona como uma Rede de Transportadores, devidamente organizada.

A droga pode sair via terrestre, marítima ou aérea.

Geralmente quando se tratam de quantidades menos expressivas, até 50 quilos de cocaína, por exemplo, os traficantes optam pelo transporte rodoviário (automóveis ou ônibus) e para tanto se utilizam dos sujeitos conhecidos como **mulas**, ou seja, pessoas que se sujeitam a assumir o risco, do transporte ilegal, em troca de um valor em dinheiro, normalmente na ordem de mil a mil e quinhentos reais por viagem, em valores atuais (2005).

Quando se trata de transporte da droga em veículos automotores, as **mulas** fazem previamente o preparo do automóvel **mocó**, para a posterior camuflagem do entorpecente. Os locais onde a droga é escondida para o transporte são os mais variados possíveis, desde tanque de combustíveis a interiores de baterias, bancos, painéis e motores dos veículos.

Há quem prefira fazer o transporte através de ônibus interestaduais, acreditando correr menos risco, devido a possibilidade de camuflar a bagagem contendo a droga juntamente com as outras bagagens dos passageiros.

Quando a quantidade a ser transportada é significativa, acima de 50 quilos, os traficantes tentam minimizar os riscos e, utilizam-se de pequenas aeronaves, na maioria das vezes roubada para esse fim, e ao chegar ao local combinado (através de coordenadas geográficas) arremessam a carga de entorpecente, sem que o avião precise pousar.

Na região Amazônica, precisamente Manaus e Belém, é normal a utilização do transporte fluvial, ou seja, navios e pequenos barcos que levam a droga até o destino almejado. Após a promulgação da **lei do abate**, onde se autoriza o abate de aeronaves que estejam transportando drogas, a modalidade de transporte através de barcos e navios, vem sendo mais utilizada pelos traficantes de drogas.

2ª Etapa: Distribuição ao consumidor

Após a chegada da cocaína ao local desejado (geralmente sítios ou chácaras na região metropolitana dos grandes centros urbanos), os traficantes de drogas enterram a droga em compartimentos plásticos, para posterior distribuição.

Ato contínuo inicia-se contatos com traficantes de drogas locais, conhecidos como **raposeiros** ou **distribuidores** que compram a droga em pequenas quantidades e as revende nos pontos amplamente conhecidos pelos usuários de drogas: as **bocas de fumo**.

Quando a quantidade de cocaína encomendada pelo traficante distribuidor é pequena (inferior a 10 quilos), a entrega se dá diretamente, entre a **mula** que

transportou a droga e o receptor (os encontros ocorrem invariavelmente em pequenos hotéis no centro da cidade).

Como é de se perceber, dificilmente o grande traficante, aquele que compra a pasta-base ou mesmo a cocaína pura na fronteira do Brasil, estará em contato com o traficante distribuidor, que reside nos grandes centros urbanos. Esse contato se dá através das **mulas**, que se submetem ao risco de transportar a droga em troca de um valor pecuniário.

Essa praxe é adotada pelos grandes traficantes de drogas, no sentido de diminuir os riscos de suas prisões, principalmente porque é mais interessante cooptar **mulas**, que geralmente são pessoas que estão desempregadas, privadas das condições básicas de sobrevivência, para o transporte da droga e assim transferir os riscos do tráfico a elas.

Os **barões** do tráfico de cocaína dificilmente aparecem, sempre são **representados** pelos seus cooptados.

3.2.1.3 Base Financeira

O último processo é a legalização dos lucros obtidos. Diferentemente de uma empresa legal, o dinheiro obtido pelo narcotráfico precisa ser “lavado”¹¹², ou seja, é necessário construir sobre ele uma origem lícita.

Os **lavadores** de dinheiro precisam transferir recursos por meio de uma série de entidades, até que os rastros da origem ilegal dos narcodólares tenham desaparecido.

¹¹² O termo “lavagem de dinheiro” é utilizado porque os traficantes de drogas americanos, no início de 1920, necessitavam dar uma origem lícita para o dinheiro, oriundo do tráfico. Para tanto, abriram várias lavanderias de roupas onde se declaravam enormes receitas ao fisco americano, justificando assim, os lucros provenientes do tráfico.

As exigências de controle das origens do dinheiro complicam os problemas logísticos de se depositarem grandes somas em instituições financeiras. Para escapar às exigências, clientes estruturam suas transações em limites abaixo do limiar de prestação de informações aos órgãos competentes. (No Brasil esse valor atualmente está em R\$ 10.000,00 dez mil reais).

São padrões conhecidos de sua atividade:

- a) empreender transações múltiplas em moedas, mantendo cada transação abaixo do limiar legal exigido para comunicação aos órgãos competentes;
- b) fazer depósitos bancários em várias contas correntes, por meio de agências bancárias diferentes ou ao longo de vários dias;
- c) adquirir instrumentos bancários múltiplos, incluindo cheques, ordens bancárias, cheques de viagens, ações, bônus, certificados de depósitos, etc;
- d) trocar pequenas notas de “moedas de rua” por grandes notas;
- e) solicitar pagamento de empréstimo ou resgate de instrumento monetário abaixo do limiar (No Brasil R\$ 10.000,00);
- f) efetuar reembolsos de empréstimos com instrumentos múltiplos, cada um deles abaixo do limiar;¹¹³
- g) quando possível, sempre utilizar-se de contas correntes “de passagem”, ou seja, contas correntes onde o dinheiro entra em um montante grande e sai em pequenos valores.

Ainda há as formas de **lavagem** as quais se dão através da criação de empresas de fachada, com declarações anuais a receita federal superfaturadas. No tópico anterior desse estudo, onde se trata das ações do Departamento de Polícia Federal como órgão repressivo, é claramente demonstrado as relações dos maiores traficantes de drogas do Brasil e suas empresas de fachada, com intuito único de **lavar** o dinheiro oriundo do tráfico.

¹¹³ Fonte do Documento de Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos Estados Unidos (USIS), em ARBEX JR, op. cit.

Assim, considerando que a sociedade capitalista vem passando por uma crise estrutural, o capital vê-se na necessidade extrema de buscar outras formas e fontes para sobreviver, nesse sentido as drogas psicotrópicas aparecem como uma **mina de ouro**, pois sua produção demanda matéria-prima de fácil aquisição, extremamente barata, devido ao baixo valor da mão de obra (desqualificada) e baixo preço (enorme exército de reserva decorrente do desemprego), dispõe de consumidores fiéis e permanentes e ainda produzem alto poder de lucro, graças à relação demanda e oferta.

O tráfico de drogas depende apenas de fornecer seu produto (droga) uma única vez e terá para sempre um consumidor fiel, insaciável e sôfrego, independente de qualquer coisa.

Henrique S. CARNEIRO¹¹⁴, referindo-se ao álcool, acrescentou:

O Comércio de álcool dá uma característica prototípica ao sistema comercial moderno, que é o de buscar a difusão das drogas, de mercadorias que multiplica a sua demanda, constituindo-se numa espécie de paradigma mesmo da forma-mercadoria, um produto cujo valor deriva dele se tornar insubstituível, uma mercadoria que agarra e se apossa de seu consumidor, metáfora máxima da condição reificante de todas as mercadorias na época contemporânea. A droga é a mercadoria máxima. O fetiche supremo.

O comércio legal depende da economia do país, do cumprimento de metas de produção e venda, etc., no intuito de manter-se vivo no mercado. A lógica do tráfico de drogas seria a mesma do comércio legal, se não fosse a demanda crescente e fidedigna de seus consumidores, porque o mercado do tráfico de drogas tem como mercadoria vendável um produto com alto poder de vício e dependência, portanto, excessivamente consumido, o que gera lucros na mesma proporção. Não vigora para o mercado do tráfico de drogas a lei da oferta e demanda, porque a demanda sempre vai existir mesmo que a oferta esteja em baixa, independente de qualquer coisa.

¹¹⁴ CARNEIRO, *Pequena enciclopédia ...*, op. cit. pg. 08.

3.2.2 O Mercado da Droga e suas Implicações Econômicas e Geopolíticas

Não é demais lembrar que o tráfico internacional de drogas vem crescendo de forma espetacular, principalmente nas duas últimas décadas, atingindo valores exorbitantes, superior a 500 bilhões de dólares¹¹⁵. Esses valores superam em muito o comércio mundial de petróleo, ficando aquém apenas do tráfico internacional de armas.

Estes são índices concretos que reafirmam a decomposição das relações de produção hegemônicas, bem definidas por COGGIOLA “o mercado mundial, expressão mais elevada da produção capitalista, está dominado, primeiro, por um comércio da destruição e, segundo, por um tráfico declaradamente ilegal.”¹¹⁶

Ao se referir ao tema, COGGIOLA acrescentou:

Na base do fenômeno [da decorrência do capital] encontra-se a explosão do consumo e a popularização da droga, especialmente nos países capitalistas desenvolvidos, que é um sintoma da sua própria decomposição. **O tráfico de droga foi sempre um negócio capitalista, por ser organizado como uma empresa, estimulada pelo lucro.** Na medida em que a sua mercadoria é a autodestruição da pessoa, o consumo expressa a desmoralização de setores inteiros da sociedade. Os setores mais afetados são precisamente os mais golpeados pela falta de perspectivas: a juventude condenada ao desemprego crônico e à falta de esperanças e, no outro exemplo, os filhos das classes abastadas que sentem a decomposição social e moral.¹¹⁷

Como se percebe, para movimentar o comércio ilegal de drogas, milhões de pessoas estão, diretamente e indiretamente, envolvidas na produção, distribuição e consumo delas. As drogas psicotrópicas passaram a fazer parte do cotidiano da economia mundial, ainda que às escondidas. Países e regiões inteiras dependem quase que exclusivamente do tráfico de drogas, isto é, do reinvestimento do dinheiro **lavado**.

¹¹⁵ COGGIOLA, op.cit.

¹¹⁶ Id.

¹¹⁷ Id.

Para se ter uma idéia do espectro basta citar uma das maiores apreensões de cocaína do mundo e o quanto ela geraria de lucro: em 28 de setembro de 1989 em Los Angeles foram apreendidas 21,4 toneladas de cocaína. O preço da droga após a venda estava estimado em 6 bilhões de dólares, uma cifra superior ao PNB de mais de 100 (cem) Estados soberanos.¹¹⁸

No Brasil, foi demonstrado através de uma Comissão Parlamentar de Inquérito em 1991 que apenas no Rio de Janeiro, existiam pelo menos 100 mil traficantes de drogas, os quais faturavam em média valores líquidos superiores ao lucro do Banco Bradesco no mesmo ano, somado ao lucro das redes de lanchonetes McDonald's e Bob's, aproximadamente.

Só nos Estados Unidos o tráfico movimentou, em 1992¹¹⁹, um faturamento superior a várias empresas, por exemplo:

1º Narcotráfico - faturamento anual – 125 bilhões de dólares
2º General Motors – 125 bilhões de dólares/ano
3º Ford – 96 bilhões de dólares/ano
4º Exxon – 87,5 bilhões de dólares/ano
5º IBM – 63 bilhões de dólares/ano
6º General Electric – 54 bilhões de dólares/ano
7º Mobil – 50 bilhões de dólares/ano.

O dinheiro oriundo do comércio da droga corresponde à mesma lógica do sistema financeiro, que é eminentemente especulativo, necessita cada vez mais de capital livre para girar e o tráfico de drogas promove esse espetáculo, o “aparecimento mágico” desse capital que se acumula e se move rapidamente.¹²⁰

Além da expansão internacional do capitalismo, o comércio das drogas também esteve relacionado à expansão colonial-militar. A Guerra do Ópio (1840-1860) é um exemplo disso, resultante da postura da Inglaterra como incentivador do

¹¹⁸ COGGIOLA, op. cit.

¹¹⁹ ARBEX JR. op. Cit. Pg. 10.

¹²⁰ COGGIOLA, op. cit.

tráfico de ópio na China no século XIX, bem como das plantações desse mesmo entorpecente em regiões da Índia. A Inglaterra tinha lucros exorbitantes com o tráfico de ópio para a cidade chinesa de Lintim, correspondente a R\$ 11 milhões de reais, que se comparados ao comércio legal de outros produtos, os quais não ultrapassavam a cifra de R\$ 6 milhões de reais. Com este comércio ilegal, empresas inglesas, como foi o caso de Jardine & Matheson, contribuíram para proporcionar uma balança comercial superavitária para a Inglaterra, mesmo que, para tal, fosse necessário o uso de navios armados a fim de manter o contrabando litorâneo. Tudo isso acontecia com a aprovação declarada, e documentalmente registrada, do parlamento inglês, que por inúmeras vezes manifestou os inconvenientes da interrupção de um negócio tão rentável.¹²¹

Nessa mesma linha, não é demais lembrar que o álcool exerceu em grande parte esse papel na economia mundial. No final do século XIX, vigorava nos Estados Unidos da América a influência ideológica de um forte movimento puritano de temperança; no entanto a atitude institucional Americana diante de uma economia em franca queda fez tomar outras decisões para com o álcool, sendo capaz de impor uma emenda à constituição norte-americana proibindo o comércio de álcool através da Lei Seca, aumentando dessa forma os lucros com o comércio da referida bebida.

Antonio GRAMSCI citado por Henrique S. CARNEIRO¹²², em *Americanismo e Fordismo*, analisou a Lei Seca nos Estados Unidos: “como uma das manifestações dos mecanismos tayloristas de aumento da produtividade através de um controle estrito não só da linha de produção como também da vida cotidiana operária, especialmente de sua vida sexual e das formas de diversão, onde o álcool passou a ser visto como o pior risco para a perda do auto-controle.”

¹²¹ COGGIOLA, op. cit.

¹²² CARNEIRO, *Pequena enciclopédia ...*, op. cit. pg. 80.

Se as drogas fossem legalizadas, os governos poderiam cobrar impostos sobre seu comércio e o dinheiro arrecadado poderia ser aplicado em hospitais, recuperação de dependentes químicos, escolas, educação, etc.

Outro resultado importante da legalização seria o controle sobre a qualidade dos entorpecentes, laboratórios seriam os responsáveis como é feito atualmente com os remédios de uso comum. Não é demais lembrar que invariavelmente as drogas são misturadas com impurezas, como por exemplo, gesso, talco, pó de vidro para maior rendimento da cocaína, além dos usuários de seringas injetáveis que também a compartilham porque após o primeiro uso sobram resíduos de sangue com cocaína nas paredes da seringa, as quais se misturados com sangue novamente, provocam efeitos estimulantes, ainda que em menor intensidade.

Nessa mesma linha, os produtores de matéria-prima para a produção das drogas teriam que sindicalizar seus agricultores e outros trabalhadores indiretos, assegurando-lhes melhores condições de trabalho.

Os que defendem a legalização do comércio das drogas também acreditam que ela eliminaria radicalmente a prática de subornos e corrupção que envolve políticos, juízes, policiais, e outras autoridades.

Considerando-se, portanto os agravantes da criminalização e os benefícios da legalização, tal como acima apontados, cabe perguntar por que o comércio e o uso de drogas são proibidos e reprimidos na maior parte dos países?

José ARBEX JR contribui

É bastante razoável supor que muitos sejam contra a legalização do narcotráfico unicamente porque dele se beneficiam...” e concluí: “o narcotráfico, envolve, sobretudo, uma dimensão de ordem territorial. Discutir narcotráfico significa, necessariamente, discutir quem controla regiões inteiras do planeta onde é cultivada a matéria--prima e onde são instalados laboratórios para produzir a drogas. A “guerra do narcotráfico” é uma disputa por territórios, entre governos e máfias de traficantes. É, por isso, um problema geopolítico.¹²³

¹²³ ARBEX JR, op. cit., p. 7.

Acrescente-se o fator econômico e será de fácil compreensão o interesse da maioria dos Governos atuais em levantar a bandeira da “guerra ao narcotráfico”.

Em território brasileiro, especificamente na Amazônia, os americanos, em nome do narcotráfico, iniciaram exercícios militares em 1991, o que levou o almirante Mário César Flores, então Ministro da Marinha, denunciar o crescente perigo de uma “intervenção militar estrangeira na Amazônia Brasileira”. Para comprovar tal perigo o então Ministro mostrou documentos onde os Estados Unidos solicitam que suas Forças Armadas participassem em exercícios militares na região em conjunto com a Marinha Brasileira. Óbvio que o interesse americano era demarcar territórios estratégicos para futuras instalações de bases militares por ocasião de uma futura invasão. Flores ainda demonstrou que bases americanas já havia sido instalada nos países vizinhos como Bolívia, Peru e Colômbia, tudo em nome da ideologia de combate às drogas. Atualmente já existem bases americanas no Paraguai, as quais estão estrategicamente localizadas sob o aquífero guarani, um dos maiores mananciais de água doce do mundo.¹²⁴

Esses fatos foram relatados na CPI que investigava denúncias sobre a chamada **internacionalização** da Amazônia Brasileira.

Não foi por acaso que o ex-secretário da Defesa dos Estados Unidos Robert McNamara, tenha defendido em outubro de 1991, a dissolução dos exércitos latino-americanos. McNamara, por ocasião da Guerra do Golfo, disse que a guerra veio demonstrar que uma força multinacional pode dar conta de “desequilíbrios regionais” e acrescentou: “Na época em que não existe mais uma “ameaça comunista”, as Forças Armadas latino-americanas poderiam ser substituídas por pequenas Guardas Nacionais e em caso de ameaça à sua soberania poderiam recorrer a uma força multinacional, como foi o caso do Kuwait contra o invasor Iraque”.

¹²⁴ DANGL, Benjamim. Exército dos EUA no Paraguai se prepara para “Espalhar a Democracia”. **Círculo Bolivariano de São Paulo**, 15 set. 2005.

Vale lembrar que após a queda do muro de Berlim em 09 de novembro de 1989, quando os Estados Unidos deixou de considerar o comunismo uma **ameaça internacional**, o narcotráfico passou a ser o grande demônio-chefe, uma **ameaça mundial à ordem estabelecida**.

O então Presidente Georg Bush, em 20 de dezembro de 1989, ou seja, apenas 41 dias após a queda do muro de Berlim, ordenou a invasão do Panamá, sob o pretexto de que o homem-chefe do país, general Manoel Antonio Noriega, era associado ao Narcotráfico. Ato contínuo, o Governo Americano começou a pressionar os governos latino-americanos a militarizar o combate ao narcotráfico, o que incluía a estratégia de envio de assessores militares americanos para toda a América Latina, em particular a Selva Amazônica. A **guerra ao narcotráfico** declarada pelos Estados Unidos da América nos anos 80 é um forte componente estratégico na sua luta pelo controle político e militar sobre os países latino-americanos, em particular sobre a Amazônia Internacional.¹²⁵

Recentemente, durante a reunião para o Acordo do Livre Comércio da América Central (CAFTA), ocorrido no período de 16 a 20 de julho de 2003 na Costa Rica, os Presidentes, dos Estados Unidos da América, George W. Bush, de Honduras, Ricardo Madura e de El Salvador, Francisco Flores, assinaram a intenção, para um futuro próximo, de criar um exército regional na América Central, com apoio financeiro e logístico dos Estados Unidos da América e logicamente sob seu comando.¹²⁶

Em artigo publicado na Transnational Institute¹²⁷, a Professora Adriana Rossi fala de uma surpreendente proposta feita pelo então Presidente da Argentina Saul Menen ao Presidente dos Estados Unidos da América, Bill Clinton, em dezembro de

¹²⁵ ARBEX JR, op. cit., p. 7.

¹²⁶ TRABAJA PARA LA CREACIÓN DE UM EJÉRCITO REGIONAL EM CENTROAMÉRICA, **Jornal “El Diario de Hoy” de El Salvador: EE.UU**, Buenos Aires, 16 jul. 2003.

¹²⁷ ROSSI, Adriana. **Argentina**: cão de guarda, futuro das américas? Transnational Institute. Disponível em: <site <http://www.tni.org/reports/drugs/folder1/rossi-s.htm>> Acesso em: 2005.

1996, por ocasião de visita daquele à Casa Branca. A proposta consistia numa aliança militar com os Estados Unidos – fora da organização da OTAN, com objetivo principal de combater o tráfico ilícito de drogas e o terrorismo, bem como a concessão do governo argentino a exercício militares americanos no espaço aéreo, incluindo a construção de bases militares.

Em breve passagem pelo Brasil, Rossi abordou a questão afirmando que atualmente o que se vê é a militarização da luta antinarcóticos na América Latina financiada pelos Estados Unidos da América. Isso, segundo ela, significa mais quartéis, mais bases, mais controle do espaço aéreo, do espaço marítimo e das fronteiras. Significa a inserção norte-americana em pontos que são chaves. Essa presença é cada vez mais forte, com a desculpa que o narcotráfico está com a guerrilha e de que a guerrilha é terrorista.¹²⁸

Rossi também lembrou da influência do Estado devidamente constituído dentro da Rede Ilegal do tráfico de drogas. Como forma de se manejar o Poder Público para uso pessoal e aquisição de poder, citou o ex-presidente da Argentina Carlos Menem, que esteve envolvido com narcodólares e venda de armas: “A sensação de impunidade se mantém porque muitos casos que foram levados à Justiça não resultaram em condenação. E, naqueles em que houve condenação, os condenados foram beneficiados por indultos concedidos pelo então presidente Carlos Menem e agora estão livres.”¹²⁹

Não foi diferente o que ocorreu em 2004 na Guerra do Iraque. Os Estados Unidos, ávidos pelas reservas de petróleo iraquiano, criaram falsas ideologias e, em nome do combate ao terrorismo e às armas químicas iraquianas, invadiram o país.

Ao se imaginar esse mesmo quadro da Guerra do Iraque, a um futuro próximo, onde os Estados Unidos necessitem explorar a região Amazônica, com certeza os

¹²⁸ ROSSI, Adriana. O vício da violência. **Carta Capital**, São Paulo, ano 10, n. 281, 10 mar. 2004, p. 42-43.

¹²⁹ ROSSI, Adriana. América Latina, un continente em vias de militarización. **Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur**, n. 16, Oct. 2000.

americanos criarão novos conceitos ideológicos e em nome da **guerra ao narcotráfico** tomarão decisões visando apenas seus interesses econômicos e políticos e não hesitarão na intervenção de Estados Soberanos da América – Latina.

Nesse sentido, José ARBEX JR, concluiu seu livro:

Não por acaso, a Iniciativa Bush aconteceu após a invasão do Panamá, e apenas quatro meses depois da primeira cúpula antidroga, realizada em Cartagena (cidade litorânea da Colômbia). Tanto a iniciativa Bush quanto a “guerra ao narcotráfico” são expressões de uma mesma estratégia, apenas aplicadas a planos distintos. O objeto da Iniciativa Bush são os mercados nacionais latino-americanos, tomados em sua complexidade estrutural, isto é, o conjunto de relações sociais, políticas e econômicas que colocam esses mercados em funcionamento. A iniciativa Bush quer aprofundar ao máximo a dependência desses mercados em relação ao mercado americano... O objeto da “guerra ao narcotráfico” é o controle militar de regiões estratégicas que não estão, necessariamente, incorporadas ao mercado, a não ser através do comércio de drogas.¹³⁰

Se transportarmos esses conceitos para o Brasil, especificamente para a Amazônia Internacional, é evidente que desperta interesses externos, mormente pela importância política e econômica e como reserva de matéria-prima.

Seria como dividir a Doutrina Monroe (A América para os Americanos) aplicada no final do século XX, em três componentes: o político-econômico, definido pela Iniciativa Bush, o militar-ideológico, dado pela **guerra ao narcotráfico** e a necessidade de ampliação do capital. A invasão do Panamá foi apenas uma demonstração da ideologia imperial Washington.

Nada obsta vislumbrar a possibilitada da ocorrência de **novos Panamás**, enquanto impor-se a lógica capitalista dos Americanos.

Por isso, o problema das drogas nunca se baseou em considerações sanitárias, mas sim alternadamente em necessidades políticas e econômicas e em nome dessa ideologia, oscilam-se predomínios de tolerância e repressão, de permissividade e perseguição, de tratamento do consumidor como delinqüente ou enfermo e, assim, ideologias são levantadas em nome do combate às drogas, mas que na verdade visa

¹³⁰ ARBEX JR, op. cit. pg. 82/83.

outro foco, o permanente desejo insaciável de acúmulo de capital e hegemonia política.

A economia da droga mostra que ela está distante de ser um incômodo para o capitalismo, pois está estritamente organizada de acordo com as especulações da economia de mercado.

As metas dos traficantes de drogas são metas especificamente capitalistas, isto é, captura de mercados, monopólio de preços e hegemonia sobre os ramos mais lucrativos, dentre eles inclusive, o de regiões inteiras do globo terrestre.

Não é demais lembrar que as grandes empresas de Produtos Químicos, que estão estabelecidas em sua grande parte nos Estados Unidos, são as que mais lucram com a venda de seus produtos químicos e insumos, os quais têm como principais compradores os traficantes de drogas colombianos, Peruanos e Bolivianos.¹³¹

O departamento de narcóticos dos Estados Unidos (DEA – *The Miami Herald*, edição de 08 de fevereiro de 1990) constatou que a Shell e a Móbil Oil são os maiores exportadores de produtos químicos para Colômbia, Peru e Bolívia, os quais são utilizados na fabricação da pasta base de cocaína.¹³²

Diferentemente do Brasil, não há, nos Estados Unidos, um controle eficaz sobre a importação ou exportação de produtos químicos, ou pelo menos não há interesse nesse sentido.

Sobre o tema, Osvaldo COGGIOLA, explicita: “com a ‘guerra ao narcotráfico’, os EUA tratam de salvaguardar suas companhias químicas provedoras de insumos para o processamento dos entorpecentes, propiciando, em geral, uma ‘substituição de importações’ no grande negócio de destruir a saúde e a integridade de uma parte da população”.¹³³

Pela facilidade em se controlar o preço do entorpecente, através da proibição e das políticas de repressão, o dinheiro aparece como um passe de **mágica** diante dos

¹³¹ COGGIOLA, op. cit.

¹³² Id.

¹³³ Id.

traficantes de maneira muito rápida e facilitada. Essas somas após os processos de **lavagem**, como já mencionado, são reinvestidas em cidades como Miami/EUA, Flórida/EUA e Boston/EUA. Os bancos americanos participam ativamente desse processo, tendo em vista que pelas somas envolvidas seria impossível a **lavagem** sem a cumplicidade dos banqueiros que intermedeiam a legalização do dinheiro sujo e a sua conversão em ativos, empresas ou imóveis.

Nesse sentido, COGGIOLA¹³⁴, demonstra que os bancos, na maioria dos países, como é o caso dos Estados Unidos, são protegidos pela Lei do Sigilo Bancário, isto é, o direito de propriedade fulcrado no Sigilo Bancário é praticamente intocável e através deles os banqueiros se protegem e agem obscuramente. Se houvesse interesse do Congresso Americano em tomar atitudes mais enérgicas perante o tráfico de drogas, uma das medidas legislativas a ser tomada, com certeza, seria a permissão da quebra do sigilo bancário com mais facilidade, aos órgãos investigativos, proporcionando maiores condições de chegar ao foco principal, isto é, a origem do dinheiro. No entanto, esse não é o interesse do país que mais lucra com o tráfico de drogas.

Oswaldo COGGIOLA corrobora:

O papel central da “narcoeconomia” no capitalismo contemporâneo se detecta no peso alcançado pela “lavagem de dinheiro” no sistema financeiro. Todos os bancos de envergadura, desde o Banco de Boston até o Credit Suisse, participam dessa operação. “Ao reduzir parcialmente a oferta, deixando intocado o aparato financeiro, só se consegue um aumento dos lucros, recapitalizando constantemente as redes de produção e distribuição, a ampliação geográfica da produção e a fixação de um piso mínimo para a cocaína”.

A repressão da oferta só conseguiu elevar o preço da cocaína pura nos EUA, e pôr em circulação um produto superdegradado para consumo “popular”: o mortal “*crack*”. Estamos, portanto, diante de uma vasta operação política que visa, sob pretexto de repressão ao tráfico de drogas, acabar com a independência nacional dos países atrasados e reforçar a direitização do Estado Capitalista nos EUA.

Incapaz de cortar a “oferta”, o que exigiria atacar a fundo o direito de propriedade americano (sigilo bancário), o capitalismo em decomposição é mais impotente ainda para enfrentar a

¹³⁴ COGGIOLA, op. cit.

demanda, já que é absolutamente incapaz de abrir uma via progressiva para o desenvolvimento social.

O fim da droga é insolúvel diante do capitalismo.¹³⁵

Neste contexto é que a proibição e o investimento em grande escala na repressão às drogas, ambos utilizados como medidas políticas vêm calhar como outro instrumento favorável aos narcotraficantes, pois permite que o submundo político trabalhe com todas as questões que envolvem o tráfico de drogas fazendo dele uma verdadeira empresa organizada com cooptação de lucros exorbitantes e de fácil girabilidade.

¹³⁵ COGGIOLA, op. cit.

4 A PREVENÇÃO COMO FUNDAMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS ANTIDROGAS

A prevenção ao uso indevido de drogas, como fundamento das políticas públicas, é um forte instrumento de combate à drogadição, tendo em vista que os gastos com os programas são menores e os resultados alcançados melhores se comparados com as políticas públicas repressivas. A título de exemplo o orçamento da Secretaria Nacional Antidrogas do Brasil, órgão preventivo, está em R\$ 12.000,000,00 (doze milhões de reais) por ano. O Departamento de Polícia Federal no Brasil, instituição repressiva do Estado, tem um orçamento anual de aproximadamente 660.000,000,00 (Seiscentos e sessenta milhões de reais)¹³⁶. Por outro lado, é sabido também que a cada um dólar gasto em prevenção, economiza-se de quatro a cinco dólares em tratamento.¹³⁷

Inicialmente os programas de prevenção ao uso indevido de drogas restringiam-se a fornecer informações sobre o consumo de drogas e seus efeitos adversos. Logo se demonstrou a ineficácia de tais programas, tanto que, em 1979, a OMS lançou um alerta criticando seu enfoque meramente informativo, paternalista, medicalizado e descontextualizado.¹³⁸

Atualmente, sabe-se que a eficácia dos programas de prevenção está relacionada tanto à forma de aplicação quanto ao conteúdo do programa: quanto mais interativo e voltado para a formação do sujeito como um todo, melhor.¹³⁹ Não basta apenas informar, é necessário proporcionar uma melhor qualidade de vida aos sujeitos e viabilizar o acesso ao conhecimento.

¹³⁶ Disponível em: <<http://www.tesouro.gov.br>> Acesso em: 2005.

¹³⁷ NIDA – National Institute on Drug Abuse. Prevention Brochure, EUA, 2001.

¹³⁸ ANDRADE, A. G. et al. **Avaliação de programas de prevenção de drogas**. São Paulo: GREA/D.A.Inc/USAID, 1995.

¹³⁹ NIDA ..., op. cit.

Assim, as políticas públicas preventivas tornam-se muito complexas, devido ao campo extenso em que necessitam atuar e ainda sobre as características inerentes ao próprio sistema, que vão desde a formação da personalidade do sujeito até questões familiares, escolares, sociais, legais, políticas e econômicas.

Em relação ao consumo de drogas, a prevenção tem características próprias, voltadas para ações que possam ser realizadas, efetivamente, com intuito de impedir, informar, dar conhecimento, retardar, reduzir ou minimizar o abuso de drogas e os prejuízos a ela relacionados, mesmo quando a ação se depara com uma mídia descompromissada socialmente – que não hesita em induzir ao consumo (“Beba isto e fume aquilo para ter isto ou aquilo”) – e exerce influências cada vez maiores sobre o ímpeto consumista das crianças e adolescentes.

A mídia como agente influenciador do consumismo, como bem demonstrou Octavio IANNI¹⁴⁰, se vale da publicidade para informar, orientar, induzir, subordinar e manipular o ouvinte para consumir o que interessa e proporcionar lucros aos financiadores dela, isto é, a mídia funciona como um intelectual orgânico das classes, grupos ou blocos de poderes dominantes do mundo. Assim, dá a sustentação necessária ao consumismo, crescente e avassalador, sôfrego e compulsivo, demandado pelo capital.

As empresas capitalistas, financiadoras dessas publicidades, não medem conseqüências quando o objetivo final é a acumulação de capital e a obtenção cada vez maior de lucros. Só para se ter uma idéia, com relação a Indústria do cigarro é imperioso relatar algumas passagens relativas ao pensamento do alto escalão das maiores empresas do ramo:

“A marca camel (sic) precisa aumentar a sua penetração no grupo de 14-24 anos, que tem valores mais liberais e representa o mercado do cigarro de amanhã.” (Memorando de 1975 para C.A. Tucker, vice-presidente de Marketing da R. J. Reynolds).

¹⁴⁰ IANNI, Octavio. **A política mudou de lugar**. Rio e Janeiro: Vozes, 1997.

“A nicotina causa dependência. Nosso negócio, então, é a venda de uma droga.” (Addison Yeam, da Brown & Williamson, 1963).

“Para o principiante, fumar um cigarro é um ato simbólico. Eu não sou mais o filhinho da mamãe, eu sou durão, sou um aventureiro, não sou quadrado... À medida que o simbolismo psicológico perde a força, o efeito farmacológico assume o comando para manter o hábito...” (Philip Morris, Vice-Presidente de Pesquisa e Desenvolvimento, “Por que se Fuma”, 1969).

Em recente passagem por Curitiba, o médico psiquiatra, professor e palestrante Ronaldo Laranjeira, PHD em psiquiatria pela Universidade de Londres, participou da **Semana de Prevenção às Drogas – PREVIDA**, promovida pela Secretaria da Justiça e da Cidadania e ao ser entrevistado no programa **Aqui Entre Nós** da Paraná Educativa abordou algumas dimensões sobre a relação entre o consumo de álcool e a influência da mídia no Brasil.

Laranjeira indicou dados sobre o consumo de álcool por crianças de 12 anos de idade e afirmou que isso é um fenômeno novo, promovido pela Indústria do álcool através de propagandas e publicidades sem qualquer responsabilidade social. Falou da dificuldade dos órgãos do governo em fazer a contraposição, tendo em vista que o orçamento da Secretaria Nacional Antidrogas é de R\$ 12 milhões de reais/ano e, para efeitos comparativos, só para o lançamento do novo produto da Schinkariol, a cerveja **Nova Skin**, gastou-se o equivalente a R\$ 100 milhões de reais, ou seja, quase dez vezes mais o orçamento do maior órgão federativo incumbido de prevenir as drogas.

Assim, a mídia exerce o papel influenciador, afirma o renomado Professor, ao se valer de imagens lúdicas, como por exemplo: tartarugas que jogam futebol; siris que cantam e dançam; cães que corrompem. Não se pode olvidar que essas propagandas, não raro, estavam sendo exibidas em horários matutinos, ou seja, visavam um público alvo certo, frágil e de fácil cooptação: crianças e adolescentes.

Ainda há outro fator que propicia a expansão da Indústria do Álcool, enfatiza Laranjeira: os pontos de vendas da droga, que são na ordem de 1 milhão no Brasil, legalizados e ávidos em cumprir metas de venda a qualquer custo.

Por fim, Laranjeira levantou alternativas de políticas públicas preventivas para minimizar o problema, primeiramente, através de uma ação enérgica do governo, incumbindo o Congresso Nacional da elaboração de um projeto de lei que proíba as propagandas de bebidas alcoólicas em horários próprios para adolescentes e crianças.

Em segundo nível, diminuir os fatores de vulnerabilidades, tais como bares próximos às escolas, acabar com a cultura da vinculação inseparável entre festa e bebida e com a cultura do **experimenta**. Por fim, aumentar os fatores de proteção, através do incentivo ao esporte, educação, ambiente saudável, cultura da saúde e família estruturada.

Neste contexto, a escola é o meio privilegiado para se desenvolver programas de prevenção ao uso indevido de drogas. No entanto, como não é um componente obrigatório nos currículos escolares, embora sugerido nos PCN como tema transversal, este conteúdo da formação infanto-juvenil é, freqüentemente, deixado de lado.

Não é demais lembrar que os PCN são resultados de um longo trabalho, que contou com a participação de muitos educadores, tendo a marca de suas experiências e de seus estudos. Eles foram produzidos no contexto das discussões pedagógicas atuais. Inicialmente foram elaborados documentos, em versões preliminares, para ser analisados e debatidos por professores que atuam em diferentes graus de ensino, especialistas da educação e de outras áreas, além de instituições governamentais e não-governamentais. (MEC – Estudos e Pesquisas; 2005)

Assim, é sugerido, através dos PCN, que os professores devem trabalhar a vulnerabilidade das crianças e dos adolescentes no que diz respeito ao uso indevido de drogas e, ainda, que esse trabalho deve ser realizado dentro de um contexto escolar, porque a escola é um local extremamente produtivo e ideal para reflexões. Sugere

ainda, que a escola em seu conjunto precisa adotar uma abordagem preventiva consistente, que integre o processo educativo de maneira permanente.

De outro lado, também há exemplos onde a comunidade e Universidades tomaram a frente no combate ao problema e demonstraram resultados que são significativos no campo da prevenção.

A Universidade Estadual Paulista – UNESP mantém o programa Viver Bem, cujo objetivo principal é fazer o aluno reduzir o comportamento de risco e os efeitos prejudiciais que o álcool traz para o organismo.

A Unicamp desenvolveu um programa de prevenção ao uso indevido de substâncias psicoativas, denominado Viva Mais, onde se busca reduzir os danos causados pelo hábito do consumo de drogas.

Mas, foi na Universidade Federal do Paraná (UFPR) que a prevenção ao abuso de droga ganhou um caráter mais efetivo dentro da escola, através da constituição de uma disciplina específica sobre o assunto. Desde 1993, o uso de álcool e drogas é tema da disciplina Métodos e Técnicas Educacionais de Prevenção ao Abuso de Drogas, voltada para alunos de graduação, licenciatura e pessoas da comunidade.

Essa disciplina integra o programa Com Viver e tem como responsável a Professora Doutora Araci Asinelli da LUZ, que em entrevista para a Revista Família Cristã assim afirmou: “a finalidade do programa é transformar o estudante num agente responsável pela prevenção ao abuso de drogas em sua comunidade. Quem vai fazer a diferença é o próprio aluno, pois ele irá transmitir lá fora as informações que recebeu aqui. Ele vai se tornar um agente de prevenção.”¹⁴¹

Em entrevista com a notável professora¹⁴², indaguei sobre o PROERD, como programa de prevenção ao abuso de drogas dentro do espaço escolar. A professora Araci enfatizou que o PROERD, como programa de prevenção, exerce seu papel com qualidade, no entanto ainda há uma resistência dos professores sobre a questão.

¹⁴¹ LUZ, Araci Asinelli da. **Revista Família Cristã**: prevenção às drogas, p. 46.

¹⁴² LUZ, Araci Asinelli da. **Políticas públicas educacionais de prevenção ao abuso de drogas e o PROERD**. Curitiba, UFPR, 20 out. 2004.

Afirmou também, que não é conflitante o papel da polícia dentro da sala de aula, pelo contrário, somente vem corroborar com a finalidade almejada pela prevenção, que é a de contribuir para a produção do conhecimento, preparar o aluno e demonstrar a realidade da problemática do abuso de drogas. Por fim, a Professora Araci deixou clara a importância de políticas públicas educacionais, como tema social contemporâneo, no sentido de capacitar os professores para trabalhar com a prevenção do uso indevido de drogas.

É importante registrar que, em muitos casos, os alunos têm mais informações e menos receio em lidar com o assunto que os próprios educadores. No entanto, o professor não precisa ser um especialista em drogas e seus efeitos para realizar um trabalho preventivo, próprio ao âmbito escolar. A construção de atitudes de proteção, oportunidades de reflexão e de diálogo sobre o assunto são instrumentos que têm demonstrado resultados, porque fazem com que o aluno pense e construa seu próprio discurso legitimando valores de modo autônomo.

Neste contexto, não é demais lembrar que desde 1996, os PCN sugerem trabalhar com a prevenção dentro da escola e para tanto, consta, nos Referenciais para Formação de Professores, que sejam geradas reflexões por parte dos formadores de professores e a questão seja abordada no âmbito de gestão do sistema educativo e das instituições formadoras como subsídio para a tomada de decisões políticas. Esses Referenciais refletem a temática que permeia o debate nacional e internacional de forma a construir um novo perfil profissional docente (MEC – Estudos e Pesquisas; 2005).

No âmbito federal, recentemente foi firmado um acordo de cooperação técnica entre o Ministério da Educação e o Gabinete de Segurança Institucional, ao qual pertence SENAD, para realizar um curso à distância, por meio da TV Escola, que tem como objetivo preparar os professores do ensino público para atuarem na área da prevenção ao uso indevido de drogas nas escolas.

O Governo Federal, através da SENAD¹⁴³, entende que para trabalhar com a questão da prevenção às drogas, é necessário trabalhar com a perspectiva de reduzir os riscos de consumo abusivo e de diminuir os danos causados pelo uso de substâncias psicoativas. Assim, uma ação de prevenção na escola somente alcançará melhores resultados quando fundamentada em princípios como os descritos abaixo:

- a) planejamento que envolva a integração de representantes dos diferentes segmentos da escola: diretores, coordenadores, professores, funcionários, estudantes, família e comunidade.
- b) ações direcionadas para os estudantes, as famílias e a própria comunidade escolar.
- c) programas desenvolvidos em longo prazo, durante todo o processo escolar, com ações específicas para cada faixa etária.
- d) intervenções projetadas para reduzir **fatores de risco** de abuso de drogas e aumentar **fatores de proteção** à saúde.
- e) conteúdo que contemple as diferentes formas de abuso de drogas, incluindo as legais e as ilegais, dando prioridade às mais consumidas na comunidade.
- f) integração do trabalho de prevenção em um conjunto de ações de promoção à saúde.
- g) busca do fortalecimento da auto-estima e do desenvolvimento da capacidade de enfrentar problemas e de tomar decisões.
- h) inclusão de métodos interativos e informações objetivas e verdadeiras, sem a intenção de amedrontar por meio de informações desatualizadas e preconceituosas.

Como se pode observar é importante para uma política de prevenção ao abuso de drogas que os fatores de risco e de proteção estejam incluídos dentro de suas perspectivas e finalidade. Costuma-se chamar de fatores de risco aquelas circunstâncias sociais ou características da pessoa que a tornam mais vulnerável ao

¹⁴³ PREVENÇÃO NA ESCOLA, Boletim do OBID/SENAD, Brasília, 2003/2004.

assumir comportamentos arriscados, como o abuso de drogas. Fatores de proteção são aqueles que contrabalançam as vulnerabilidades, diminuindo as chances de a pessoa assumir esses comportamentos.

Com relação às formas ou tipos de prevenções, há quem classifique em Prevenção Universal, que é aquela sem distinção, como por exemplo, distribuir panfletos sobre as causas prejudiciais do cigarro junto a alunos de escolas públicas; Prevenção Indicada, aquela para um grupo de maior vulnerabilidade, por exemplo, para alunos do período noturno sobre os malefícios do álcool e por fim a Prevenção Seletiva, destinada a determinado caso específico, isto é, já se tem previamente um grupo focal, como por exemplo, a prevenção através de palestras para alunos de uma determinada escola onde já se verifica o uso de maconha no período noturno.

Há ainda outra classificação, não menos importante e didaticamente mais utilizada: ANDRADE¹⁴⁴, classificam a prevenção ao uso indevido de drogas em:

- a) prevenção primária: cujo objetivo é evitar que o uso se instale ou retardar o seu início;
- b) prevenção secundária: destina-se às pessoas que já experimentaram ou usam moderadamente e tem como objetivo evitar a evolução para usos mais freqüentes e prejudiciais. Isso implica um diagnóstico e o reconhecimento precoce daqueles que estão em risco para evoluir para usos mais prejudiciais;
- c) prevenção terciária: diz respeito às abordagens necessárias no processo de recuperação e reinserção dos sujeitos que já têm problemas com o uso ou que apresentam dependência.

Os níveis de prevenção são um *continuum*, muitas vezes sem limites claros entre prevenção primária, secundária e terciária.

Na infância, as intervenções preventivas abordam a promoção da saúde em uma perspectiva ampla e podem ser feitas com orientação adequada a pais e

¹⁴⁴ ANDRADE, et al., op. cit.

professores, usando a criatividade e diversas atividades para propiciar a aquisição de habilidades e experiências que tenham efeito protetor.

A prevenção voltada para os adolescentes ocorre principalmente nas escolas por ser este o local que, idealmente, todos os jovens deveriam frequentar.

Nesse sentido, a Lei 8.479, de 6 de novembro de 1992, criou a Secretaria Nacional de Projetos Educacionais Especiais, com a finalidade de promover a atenção integral a crianças e adolescentes, mediante ações de educação, saúde, assistência e promoção social e integração comunitária. Logo em seguida, foi promulgada a Lei 8.642, de 31 de março de 1993, dispondo sobre a instituição do PRONAICA, visando integrar e articular ações de apoio à Criança e ao Adolescente.

Em novembro de 1994, o Ministério de Estado da Educação e do Desporto elaborou portaria nº. 1669, que recomenda a inclusão de conteúdos referentes à atenção integral à criança e ao adolescente nos currículos desenvolvidos pelas Instituições de Ensino Superior e ainda que os princípios da atenção integral à criança e ao adolescente sejam incorporados à estrutura e ao funcionamento da educação infantil, fundamental e médio, ou seja, uma educação preventiva integral desde a educação infantil até o ensino superior.

Segundo CAMPOS “educar para a prevenção integral é promover ativamente as aprendizagens sociais que fazem do ser humano um cidadão capaz de responder criativamente aos conflitos que lhe propõe o mundo.”¹⁴⁵

Desta forma, é mais fácil iniciar um trabalho de prevenção nas escolas, que têm uma estrutura organizada, voltada para passar informações e dar orientações aos alunos e que, ainda, mantém contato com os pais.

Entretanto, é preciso ir além, pois não é na escola que a prevenção atingirá os jovens de maior risco. Os jovens com problema de conduta, geralmente abandonam a

¹⁴⁵ CAMPOS, Benedito Roque S. **Preventiva integral**: perspectivas, 1996. v. II, Coleção Argo. Boletim CEBRID, São Paulo, n. 34, jun. 1998.

escola e não se envolvem com regularidade em atividades nas quais também podem ser alvo de ações preventivas.

Neste caso, ações desenvolvidas na comunidade seriam mais indicadas. Para mobilizarmos um grupo dentro da comunidade, muitas vezes é preciso iniciar algum trabalho em uma instituição da região. Esta pode ser uma escola a partir da qual, com o envolvimento dos alunos, pais, professores e funcionários, podem expandir as ações para a comunidade ao seu redor, envolvendo líderes comunitários e grupos de jovens. Para tanto, é necessário que as ações sejam desenvolvidas em vários âmbitos, com ações integradas entre as diferentes áreas sociais.¹⁴⁶

Também é de suma importância que os programas de prevenção abordem outros temas que despertarão nos sujeitos outros valores, como promoção à saúde, qualidade de vida, segurança e violência, prazer, sexualidade, responsabilidade, liberdade e limites. Métodos interativos, como discussão em grupo, que estimulam o pensamento crítico, a comunicação e a competência social, são mais efetivos do que técnicas didáticas tradicionais.

Diante disso, é imperioso que a mensagem dos programas de prevenção às drogas seja levada às crianças e adolescentes através de ações municipalizadas, isto é, levar aos municípios os conceitos da política preventiva antidrogas e disseminar a importância dos programas, uma vez que o município é o espaço concreto próximo aos sujeitos, capaz de permitir um acompanhamento mais direto. Para tanto, é necessária a criação dos Conselhos Municipais Antidrogas em todas as localidades.

Com a municipalização, viabiliza-se a necessária capilaridade do sistema dentro do território nacional e se potencializam as possibilidades de participação da sociedade civil organizada nas ações antidrogas desenvolvidas no país.¹⁴⁷

¹⁴⁶ ALBERTANI, Helena M. B.; SCIVOLETTO, Sandra; ZEMEL, Maria de Lurdes S. **Prevenção do uso indevido de drogas: fatores de risco e fatores de proteção.** Curso de Formação de Palestrantes na Prevenção ao Uso Indevido de Drogas. Brasília, 2004.

¹⁴⁷ POLÍTICA NACIONAL ANTIDROGAS. Brasília: SENAD, 2004.

Note-se, por fim, que não é simples tratar de políticas públicas preventivas ao abuso de drogas, mormente porque o tema é complexo por si só, abrangente e exige uma parcela de contribuição de várias entidades físicas e jurídicas em prol do mesmo objetivo. No entanto, é possível obter resultados desses programas através de componentes como seriedade, objetividade, dedicação, confiança e ação.

4.1 O CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES DE PREVENÇÃO AO USO INDEVIDO DE DROGAS EM CONJUNTO COM A SENAD E O DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

O Curso de Formação de Palestrantes sobre a prevenção ao uso indevido de drogas, realizado nas dependências da Academia Nacional de Polícia em Brasília/DF, foi o marco inicial que registrou o engajamento e comprometimento do Departamento de Polícia Federal, como entidade governamental, também responsável, pela prevenção às drogas no Brasil.

Foi realizado em conjunto com a SENAD, entre os dias 31 de maio de 2005 a 06 de junho de 2005, contando com a participação de 40 (quarenta) alunos, todos policiais federais.¹⁴⁸

O curso serviu para demonstrar que a política atual brasileira sobre drogadição vem demonstrando maturidade. O Departamento de Polícia Federal, instituição eminentemente repressiva, começou a ganhar aspectos também de prevenção, principalmente porque superou um obstáculo, que até então parecia intransponível, isto é, o de trabalhar formando policiais federais como agentes multiplicadores na prevenção ao uso indevido de drogas.

O curso foi estruturado em cinco módulos, quais sejam:

a) política nacional antidrogas;

¹⁴⁸ Incluindo esse pesquisador.

- b) ações repressivas do DPF, como forma de redução da oferta;
- c) drogas, espécies e efeitos no organismo, conceitos de uso e abuso, tratamentos de dependentes químicos e mudança de atitude e impacto psicológico da prevenção;
- d) ações preventivas da SENAD, como forma de redução da demanda;
- e) redes sociais, redução de danos.

Em palestra proferida no primeiro dia, o Secretário Nacional Antidrogas, General Paulo Roberto Yog de Miranda Uchoa, expôs sobre a teoria do leque, em que numa ponta estaria o usuário de drogas e na outra a lavagem de dinheiro e entre elas os traficantes vendedor e quadrilha. Uchoa tratou ainda das formas de intervenções do Estado em cada ramificação do leque.

Assim dispôs:



Segundo Uchoa, a abordagem para cada fragmento desse “leque” seria por instituições diferentes, ora com ações repressivas, ora com ações preventivas, isto é, ao usuário devem ser proporcionados programas de prevenção e orientação do uso indevido de drogas, através das escolas, como forma de redução da demanda (prevenção primária); ao dependente químico a intervenção deve ser feita através de

tratamento médico com profissionais capacitados e especializados para tal fim (prevenção secundária); ao traficante vendedor cabe às polícias civil e militar coibir as ações; ao traficante quadrilha, cabe ao Departamento de Polícia Federal à repressão como forma de redução da oferta; por sua vez a Lavagem de Dinheiro deve ser tratada pela Receita Federal.

A prevenção, como política pública leva em consideração o sujeito como ator principal e a partir dele iniciam-se ações preventivas que visam dar a informação com antecedência, o esclarecimento sobre a problemática das drogas, enfim, elucidar os sujeitos da forma prévia e mais abrangente possível.

Com relação às ações do DPF, como forma de redução da oferta, a palestra foi ministrada pelo Delegado Getúlio Bezerra Santos, Diretor do Combate ao crime organizado, que abordou as operações em andamento dentro do território nacional e nas localidades fronteiriças, inclusive com ações em conjunto com países vizinhos, bem como as estatísticas de apreensões de drogas, indiciados e Inquéritos Policiais Instaurados dos anos de 2004 e 2005. Bezerra também explicitou sobre a destinação dos bens apreendidos pela Polícia Federal, oriundos do tráfico de drogas, que em sua grande maioria são revertidos para o patrimônio da União e utilizados para a repressão às drogas. Como exemplo, citou a apreensão de oitocentos mil dólares com traficantes no Rio de Janeiro e um milhão de dólares com traficantes em Roraima, 40% desse dinheiro foi revertido para a Polícia Federal para utilização no combate ao tráfico de drogas.

Nessa mesma linha, o Delegado Ronaldo Urbano, Coordenador-geral da Diretoria de Combate ao Crime Organizado, abordou a articulação entre a redução da oferta e da demanda de drogas, bem como a importância das ações repressivas na erradicação de plantações, destruição de laboratórios químicos para o fabrico de cocaína e a importância do Serviço de Controle de Produtos Químicos regulamentado pela Lei 10.357/2001. Urbano também enfatizou sobre a problemática da demanda de droga e a necessidade da criação de programas preventivos no auxílio da questão.

No que diz respeito às drogas e dependentes químicos, a palestra foi realizada pelo Médico Doutor Dagoberto Requião, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Requião é Diretor do Hospital Nossa Senhora da Luz em Curitiba/PR e coordena uma ala de dependentes químicos em álcool e outras drogas. Em sua palestra revelou dados que demonstram que cerca de 1.432.000 (Um milhão, quatrocentos e trinta e dois mil) de brasileiros, com idades entre 18 a 24 anos, consomem álcool diariamente, bem como o consumo do álcool entre trabalhadores: 20% deles consomem álcool regularmente e 25% acreditam que podem trabalhar consumindo álcool.

No tocante à epidemiologia, conceitos de uso, abuso e dependência de drogas, classificação das drogas e tratamento para abuso e dependência, a palestra foi presidida pelo médico Doutor Sérgio Nicastri, do Hospital Albert Einstein/USP.

Também foi discutida a questão da redução de danos, como ferramenta de saúde pública na redução da transmissão do vírus HIV, através da substituição de seringas injetáveis e os resultados positivos já alcançados.

Durante os debates, ficou nítido que ainda há resistência por parte dos policiais sobre a política de redução de danos. Os argumentos feitos pelos alunos, contrários à redução de danos, normalmente situavam-se fora da seara científica, com sustentações que não condiziam com a realidade. No entanto, foi salutar a discussão, mormente porque iniciou os integrantes do curso à reflexão sobre a temática.

Discutiu-se, ainda, a questão da mudança de atitude e impacto psicológico da prevenção, principalmente sobre as condições de vulnerabilidades das crianças e adolescentes em desenvolvimento escolar, tais como bares próximos às escolas, a cultura da “vinculação festa e bebida” e ainda a cultura do **experimenta**. Em contrapartida a essas vulnerabilidades, enfatizou-se a construção de fatores de proteção, através do incentivo ao esporte, educação, cultura da saúde e dos valores da família.

Por fim, foi tratado o tema Rede Social, com a Professora Paulina Duarte, Diretora de prevenção e tratamento da SENAD.

Duarte destacou o mérito das Redes Sociais em diversos aspectos, como, por exemplo, através de ações dentro das comunidades, com parcerias múltiplas, ações que valorizam a qualidade de vida e das formas de diminuir os fatores que predisõem ao uso de drogas, como por exemplo, a carência de informação sobre drogas, a insatisfação com a qualidade de vida, o acesso fácil às drogas e a pouca integração com a família e a sociedade.

São fatores, segundo Duarte, que podem ser diminuídos com a interação em rede de forma positiva, isto é, estabelecer vínculos com pessoas que já estão engajadas na questão, estabelecer espaços dentro da comunidade para discussão crítica e promoção da saúde, através do esporte.

Um tema que muito se discutiu nas reuniões foi a falta de apoio dos órgãos governamentais, especificamente, quando se trata da prevenção terciária, isto é, como fazer às abordagens necessárias no processo de recuperação e a reinserção dos sujeitos que já têm problemas com o abuso ou que apresentam dependência?

Criticou-se a falta de Hospitais e Clínicas públicas para o tratamento do dependente químico.

Entretanto, foi citado como exemplo de superação o município de Presidente Prudente, no Estado de São Paulo, onde o Conselho Municipal Antidrogas daquela localidade, em conjunto com médicos, vereadores, juízes, promotores de justiça, polícia civil, militar e polícia federal elaboraram um projeto onde o sujeito que é preso com entorpecente e constatado que é usuário, portanto, dependente químico, recebe, além, dos benefícios legais, oferta de condições de tratamento, necessitando apenas a sua própria colaboração e vontade em se recuperar.

A mensagem final do Primeiro Curso de Formação de Palestrantes de Prevenção ao Uso indevido de Drogas, foi o entrelaçamento entre o Departamento de Polícia Federal e a Secretaria Nacional Antidrogas, órgãos responsáveis pela repressão

e prevenção às drogas, respectivamente, em ações de prevenção ao uso indevido de drogas. Também ficou registrado que é facilmente possível a viabilização de Policiais Federais engajados em campanhas preventivas, mediante condutas como a realização de palestras em comunidades, escolas, universidades, presídios, maior participação nos conselhos municipais e estaduais antidrogas, com intuito de integração com a realidade da prevenção e etc.

O curso também serviu para incorporar conceitos essenciais, até então distantes da vida cotidiana dos policiais federais, tais como a diferenças de uso de drogas para abuso de drogas; fatores que desencadeiam vulnerabilidades, contribuindo para que crianças e adolescentes abusem de drogas; fatores de proteção; a relação do conceito “porta de entrada às drogas” com o abuso de álcool; mudanças de atitudes e impactos psicológicos da prevenção ao uso indevido de drogas, etc.

Enfim, o curso alertou para o consumo de drogas entre crianças e adolescentes, consumo que vem aumentando ano após ano; alertou para o fato de que o contato com a droga é cada vez mais precoce, em idades cada vez mais tenras e que na maioria dos casos se dá pelo consumo de álcool, assim, nesse contexto, o DPF passa a ser mais um agente multiplicador, que vem somar a muitos outros já engajados em ações de prevenção, portanto, sua integração é de suma importância, devendo-se expandir e formar cada vez mais novos policiais federais, para que integrem às ações de prevenção ao abuso de drogas.

4.2 REDES SOCIAIS

Pode-se conceituar rede social como um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam sujeitos a outros sujeitos. Para DABAS¹⁴⁹, o que se aprende em termos de conhecimento se potencializa quando compartilhado socialmente com outros sujeitos que possuem o mesmo tipo de problema, ou seja, a aprendizagem se produz “na” e “através de” uma rede social.

Para SUDBRACK; PEREIRA¹⁵⁰ é impossível pensar em uma identidade pessoal sem levar em consideração os diferentes grupos, ou seja, é necessário se pensar em rede. O homem, como ser social, estabelece sua primeira rede de relações no momento em que vem ao mundo, isto é, na interação com a família.

A partir daí vão surgindo novas relações e novas redes, como por exemplo, os grupos. Surgem então, o reconhecimento e a influência dos grupos como elementos decisivos para a manutenção do sentimento de pertinência e de valorização pessoal.

Para DUARTE¹⁵¹ todo sujeito carece de aceitação e é através da vida em grupo que ele irá externar e suprir esta necessidade. Os vínculos estabelecidos tornam-se intencionais, definidos por afinidades e interesses comuns. O grupo então, passa a influenciar comportamentos e atitudes funcionando como ponto em uma rede de referência composta por outros grupos, pessoas ou instituições, cada qual com uma função específica na vida da pessoa.

Ressalta-se, nesse sentido, o conceito de núcleos de proteção, SUDBRACK; PEREIRA¹⁵², no sentido de fortalecer as redes que estão sujeitas as interferências negativas, evitando assim situação de risco.

¹⁴⁹ DABAS, E. **Red. Social**: sistema familiar y aprendizaje. Revista Sistemas Familiares, Buenos Aires, n. 3, ano 13, 1997. p. 63-69.

¹⁵⁰ SUDBRACK, Maria de Fátima Olivier. **O adolescente e as drogas no contexto da justiça**. Brasília: Plano, 2003. p. 168.

¹⁵¹ DUARTE, Paulina Vieira. Curso de Formação de Palestrantes na Prevenção ao Uso Indevido de Drogas, I., Brasília: DF, 2005.

¹⁵² SUDBRACK, op. cit.

A família, por exemplo, seria o núcleo primário de proteção; no entanto, o sistema familiar vem sofrendo mudanças ao longo dos anos em relação a sua estrutura e organização, devido às condições materiais de produção impostas pelo atual sistema, fazendo com que apareçam novos modelos de famílias, onde crianças e adolescentes de famílias de baixo poder aquisitivo não têm tempo para o lazer e o aprendizado, haja vista que são inseridas precocemente no mundo do trabalho e muitas vezes submetidas à exploração do trabalho infantil.

Nesse sentido, a rede formada por esses jovens trabalhadores são redes marcadas principalmente pela carência de auto-estima, de apoio familiar, de perspectivas para o futuro, gerando assim sujeitos revoltados e dependentes. Assim, tentam substituir o apoio da família pelo do grupo na busca de uma verdade que seja “sua” e, conseqüentemente, que os levem à emancipação.¹⁵³

Caso esse grupo seja formado em um contexto de exploração, exclusão social e privação das condições elementares à sobrevivência humana, essa rede se torna enfraquecida e remete seus componentes (geralmente crianças e adolescentes) a situações de risco, como o envolvimento com as chamadas redes ilegais, destinadas às atividades ilegais e não raro à prática do tráfico ilícito de drogas.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, são fatores de risco ao uso indevido de drogas:

- a) ausência de informações adequadas sobre as drogas;
- b) insatisfação com a sua qualidade de vida;
- c) pouca integração com a família e a sociedade;
- d) facilidade de acesso às drogas.

Para tanto, os objetivos das redes sociais, segundo DUARTE¹⁵⁴ são favorecer o estabelecimento de vínculos positivos por meio da interação entre os sujeitos; oportunizar um espaço para reflexão, troca de experiências e busca de soluções para

¹⁵³ BUCHER, R. **Drogas e drogadição no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

¹⁵⁴ DUARTE, op. cit.

problemas comuns; estimular o exercício da solidariedade e da cidadania; mobilizar as pessoas, grupos e instituições para a utilização de recursos existentes na própria comunidade; estabelecer parcerias entre setores governamentais e não-governamentais, para implementar programas de orientação e prevenção, pertinentes a problemas específicos apresentados pelo grupo.

A construção da rede, somente poderá ser concretizada na medida em que se associam os princípios da responsabilidade pela busca de soluções com os princípios da solidariedade, cabendo ao educador potencializar a força natural dos sujeitos e da comunidade, em ações para a formação e fortalecimento de redes voltadas à garantia de acesso aos direitos sociais e ao exercício da cidadania.

Ainda segundo DUARTE:

As redes sociais proporcionam auxílio quando voltadas para a participação em projetos sociais, tendo em vista que transcende o suprimento de carências, pois a vivência comunitária é o veículo para a ampliação da visão de mundo, a geração de conhecimentos, o exercício da cidadania e a transformação social. Na ação comunitária a ideologia preponderante é a cooperação, cuja força se dá no estabelecimento de uma corrente solidária onde cada pessoa é importante na sua necessidade ou na sua disponibilidade para ajudar. As soluções participativas mobilizam as ações de responsabilidade partilhada, a formação e o estreitamento de parcerias e a otimização dos recursos já existentes na comunidade, possibilitando o desenvolvimento de trabalhos que integrem os três níveis de prevenção: Prevenção Primária, Prevenção Secundária e a Prevenção Terciária.¹⁵⁵

É consenso que as Redes Sociais trazem resultados socialmente positivos e dignos de difusão e continuidade, no entanto, é interessante fazer alguns apontamentos que vão além dos conceitos de rede social.

A análise das redes sociais parte do pressuposto que a existência humana se constitui nas interações, DUARTE¹⁵⁶ e o ambiente poderá intensificá-las ou diminuí-las, de acordo com o surgimento de novos interesses e necessidades e, portanto, é no equilíbrio dessas interações que vão ser determinados a qualidade das relações sociais

¹⁵⁵ DUARTE, op. cit.

¹⁵⁶ Id.

e afetivas do sujeito com os pontos de sua rede, quais sejam: a família, a escola, os amigos, os colegas de trabalho, dentre outros.

É verdade que o homem como ser social que é, interage com seus semelhantes e dessa interação nascem novas condutas e novos conceitos, quebram-se tabus e regras, no entanto, é necessário fazer uma análise que leve em conta a totalidade social. Partindo dessa premissa, pode-se dizer que o fundamento da existência humana está nas relações materiais de produção, no dispêndio de energia em prol de suas próprias necessidades sociais de sobrevivência, a existência humana está firmada no trabalho e no intercâmbio humano.

O homem interage com seus pares, através e por meio do regime de trabalho. É a forma como o trabalho está organizado socialmente que define as relações entre os sujeitos. A partir do momento em que determinado regime social desapossado desse direito universal, colocando o sujeito à margem dos produtos sociais, explorado e privado das condições de igualdade social; a partir do momento que a força de trabalho do homem é colocada a serviço da geração de mais-valia para outro é que suas interações passam a ser negativas, revoltantes e desprovidas de razoabilidade.

Diante de um contexto de fome, desemprego estrutural e altos índices de criminalidade é pouco eficaz criar situações de troca de experiências e busca de soluções para problemas específicos, se as necessidades socialmente mais desenvolvidas de existência estão excluídas e distantes.

Na verdade, as redes sociais, de certa forma, interessam ao Estado porque são instrumentos de resolução parcial de problemas tópicos afetos a ele próprio. Como já foi dito, é uma forma de transferência de responsabilidade do Estado para os sujeitos, como o comprovam os jargões do tipo: “todos somos responsáveis pelo aumento das drogas”, “seja um cidadão responsável, ajude a combater os malefícios causados pelas drogas”, “fortaleça sua comunidade, junte-se a nós contra as drogas”.

No entanto o que se vê é a falta de apoio material do Estado. Interessa a ele que a comunidade junte-se para solucionar problemas, mas quando se questiona o investimento financeiro, o resultado que se obtém é praticamente nulo.

CASTEL¹⁵⁷ esclarece que o Estado precisa repensar seu papel dentro da sociedade, nas suas diversas atribuições, mormente no que se refere à mediação entre os conflitos sociais existentes, apoiando materialmente as novas formas de organização onde se trabalha em redes sociais, para assim se projetar uma integração coletiva da sociedade, na qual sejam criadas formas de participação social.

Entretanto, como bem explicita MARQUES¹⁵⁸, o que se observa é que o quadro atual, instalado pelo projeto neoliberal, é cada vez mais excludente e da mesma forma que exclui, inclui ao seu modo, no viés mercadológico que lhe é próprio, transformando pessoas e objetos em mercadorias que possam circular livremente para maior lucratividade de alguns poucos que procuram deter o controle financeiro desse jogo mercantilista.

Nesse sentido, MARTINS acrescenta;

O capitalismo na verdade desenraíza e brutaliza a todos, exclui a todos. Na sociedade capitalista essa é uma regra estruturante; todos nós, em vários momentos de nossa vida, e de diferentes modos, dolorosos ou não, fomos desenraizados e excluídos. É próprio dessa lógica de exclusão a inclusão. A sociedade capitalista desenraíza, exclui, para incluir, incluir dentro de outro modo, segundo sua própria lógica. O problema está justamente nessa inclusão.¹⁵⁹

Assim, crianças e adolescentes em situação de risco social, pertencentes às camadas miseráveis, privadas de qualquer direito, se tornaram presas desse mecanismo de inclusão marginal imposto pelo capitalismo, quase sempre incluídas no mercado do narcotráfico e no abuso de drogas.

¹⁵⁷ CASTEL, R. Qué significa estar protegido? In: DABAS, E; NAJMONOVICH, D. (Orgs.). **Rede: el language de los vinculos**. Buenos Aires: Paidós, 1998.

¹⁵⁸ MARQUES, Walter Ernesto Ude. **Adolescentes e drogas no contexto da justiça**. Brasília: Plano, 2003. p. 97.

¹⁵⁹ MARTINS, J. S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 32.

O que se pretende é mostrar que as Redes Sociais não deixam de ser um importante instrumento para se difundir fatores de proteção no auxílio e na prevenção ao abuso de drogas. Embora necessário, entretanto, é instrumento insuficiente, porque não opera na raiz do problema. Nesse sentido, é preciso considerar que o foco do problema drogadição está localizado na economia de mercado e na geração de lucros.

É válido fazer uma análise crítica sobre o tema, principalmente porque é esse o objetivo da concepção adotada na fundamentação do presente estudo, como também é louvável e não menos importante demonstrar os resultados alcançados com programas sociais que tiveram como base de apoio as Redes Sociais, como é o caso do Programa Social da Mangueira que deu certo e vem evitando o envolvimento de crianças com o crime e as drogas, sem, no entanto, pôr fim à fonte constituidora de riscos para novas crianças e adolescentes, posto estar orientada para os efeitos e não as causas do problema central: o mercado de drogas.

4.3 REDUÇÃO DE DANOS

O conceito de redução de danos (do inglês *harm reduction*) relacionado ao uso de drogas surgiu em 1926 na Inglaterra, tendo sido descrito em um relatório médico, o “Relatório Rolleston”. O documento propunha o uso de opióides (em doses decrescentes) como a melhor forma de tratamento para os dependentes destas drogas.¹⁶⁰

A estratégia de redução de danos evoluiu ao longo do tempo e incorporou, no início dos anos 80, a troca de seringas como uma de suas ações fundamentais, visando dar conta da difusão de casos de hepatite B entre usuários de drogas injetáveis em alguns países da Europa, principalmente na Holanda.

¹⁶⁰ TELLES, Paulo. **Formação de multiplicadores de informações preventivas sobre drogas**. Senad, 2002.

Entretanto, foi com o surgimento da AIDS que o movimento de redução de danos, minoritário até então frente às políticas repressivas antidrogas americanas – “guerra às drogas” “tolerância zero com o usuário e o traficante de drogas” –, adquire progressivamente a ter maior visibilidade no cenário mundial, passando a ter uma estratégia eficaz de saúde pública.

A partir do desenvolvimento de testes para detecção do HIV, a real dimensão da questão surge assustadoramente para os Governos. Constatou-se que cerca de metade dos UDI de Nova Iorque e da região nordeste de Nova Jersey estavam contaminados pelo HIV. Na Europa este quadro não era muito diferente: cerca de 30% dos UDI estavam contaminados em Amsterdã; em Edimburgo e em algumas partes da Itália as taxas de infecção eram de aproximadamente 50%. Nos países em desenvolvimento, o consumo de drogas pela via injetável está se tornando um hábito com prevalência cada vez mais elevada, sendo responsável, em alguns países, pela rápida disseminação do HIV entre os UDI.

O uso de drogas injetáveis já foi identificado em mais de 100 países e na maioria deles foi observado índice significativo de infecção pelo HIV nesta população. Encontram-se particularmente ameaçados por esta forma de consumo os países onde as drogas são produzidas ou que servem de rota para o tráfico.¹⁶¹

Atualmente no Brasil estima-se que 19,6% dos casos de AIDS estão relacionados aos UDI. Portanto, o uso compartilhado de drogas injetáveis representa um dos mais importantes fatores de risco na transmissão do HIV, tornando-se uma questão de saúde pública de âmbito mundial.

Os primeiros projetos, no Brasil, de redução de danos começaram a ser implantados no final da década de oitenta. Em 1989, o Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes-PROAD, da Universidade de São Paulo e da Secretaria Municipal de Saúde de Santos/SP, havia iniciado ações de prevenção da HIV-AIDS, dirigidos a usuários de drogas.

¹⁶¹ TELLES, op. cit.

A primeira tentativa de se instalar um Programa de Redução de Danos (PRD) a funcionar com troca de seringas no Brasil, realizou-se através do programa de prevenção a DST e AIDS, Prefeitura de Santos/SP, coordenada pelo Médico Fábio Mesquita, que assim descreveu a dificuldade de se implementar um programa que, somente anos depois, seria reconhecido pelo Estado: “A Prefeitura de Santos/SP daria suporte ao primeiro programa de troca de seringas do país, no entanto, veio a repressão. O procurador da cidade de Santos/SP, na época, interpretou o artigo 12 da Lei 6368/76 (Lei que regulamenta o tráfico de drogas ilícitas) dizendo que qualquer um que ajudasse uma pessoa a consumir drogas era traficante”.

A acusação criminal contra Fábio Mesquita causou uma polêmica nacional nos jornais, TV e rádio, e acabou tendo o efeito de despertar a consciência em todo o país para a epidemia de AIDS entre os usuários de drogas injetáveis. Lamentavelmente, entretanto, não impediu a suspensão temporária do programa.

Assim o Centro de Estudos e Terapia ao Abuso de Drogas/CETAD da Universidade Federal da Bahia, em março de 1995, tornou-se a primeira cidade brasileira a realmente distribuir seringas limpas e, ao contrário do que aconteceu em Santos/SP, as autoridades toleraram o programa.¹⁶²

Logo em seguida teve início o apoio governamental, através do Ministério da Saúde, para a implementação de mais projetos de redução de danos.¹⁶³

Os princípios que fundamentam os Programas de Redução de Danos no Brasil são os mesmos de países onde esses programas apresentam experiência bem-sucedida, tendo evitado muitas infecções. Entre os resultados positivos aponta-se a economia de somas elevadas de recursos que deixaram de ser gastos com tratamento de saúde das pessoas que foram protegidas da infecção pelo HIV-AIDS e outras doenças.

¹⁶² GIORDANO, Al. Fábio Mesquita no Limiar da Vitória. **The Narco News Bulletin**, 12 maio 2003.

¹⁶³ Hoje existem mais de 200 programas de redução de danos, alguns desenvolvidos por unidades de saúde do governo, geralmente ligados às gerências de DST/AIDS ou Saúde Mental, e outros por ONG.

Os princípios básicos dos Programas de Redução de Danos relacionados à troca de seringas, no Brasil, são:

- a) a troca de seringas usadas por novas, permitindo que as usadas sejam recolhidas e devidamente descartadas;
- b) o fornecimento de preservativos, folhetos, cartazes e outros materiais educativos, a orientação sobre sexo seguro, além do encaminhamento para a assistência médica e psicológica e para a testagem sorológica do HIV, de hepatites e de outras doenças transmitidas por via sanguínea e/ou sexual;
- c) o trabalho com agentes comunitários de saúde, muitos deles ex-usuários de drogas injetáveis, que atuam nas ruas e nos locais onde os usuários se reúnem. Esses agentes, recrutados na própria comunidade, não só têm muito mais facilidade de acesso aos usuários como também funcionam como intermediários entre esses e a instituição à qual o Programas de Redução de Danos está vinculado.

Outro passo importante é que os ganhos com o projeto vão além da redução no número de casos de infectados e chegam até a inserção do usuário na sociedade. Além de trocar seringas, os redutores envolvidos no trabalho levam informações sobre prevenção e encaminham o usuário à rede de saúde e programas de reinserção social.

Coincidentemente tem sido evidente a queda da prevalência do vírus da Aids entre usuários de drogas injetáveis em cidades onde programas de redução de danos funcionam há alguns anos. No Rio de Janeiro a prevalência da doença entre UDI caiu de 25%, em 96, para 8%, no ano 2000. Em Salvador, os resultados são semelhantes, apresentando uma queda de 49% para 7%. No Brasil, a queda foi de 12% em 1996 para 6% em 2000/2001.¹⁶⁴

O uso de drogas injetáveis também é responsável (direta ou indiretamente) por um considerável número de outras doenças infecciosas além da AIDS, como por exemplo, as hepatites B e C. Flebites e septicemias também não são incomuns e

¹⁶⁴ TELLES; op. cit.

podem ser causada pela falta de higiene na injeção da droga, contaminação da droga, do equipamento, ou do material diluente. Também ocorrem casos de intoxicações fatais (overdoses) e efeitos colaterais causados por substâncias adicionadas às drogas - impurezas utilizadas para aumentar o lucro no tráfico (tais como pó de mármore, borato de sódio, sal de frutas, talco, anestésicos, outras drogas, etc.).¹⁶⁵

Como já mencionado no segundo capítulo desse trabalho o uso da cocaína pode se dar através da aspiração ou por meio de injeções quando feita sua diluição. Considerando que essa última modalidade produz um efeito psicoativo eufórico, porque atinge o cérebro em poucos segundos e ainda considerando que o sangue é um excelente diluente, os dependentes químicos vêm utilizando essa via em grande escala, fragilizando-se no que se refere a contaminação do vírus HIV e outras doenças contagiosas

Neste contexto, a Redução de Danos é estratégia que tem por finalidade, como o próprio nome indica, reduzir os danos causados pelo abuso de drogas (lícitas ou ilícitas), além de estimular o usuário de drogas a resgatar seu papel auto-regulador e a se mobilizar socialmente. Não se preconiza a imediata abstinência; se isso tiver que ocorrer será uma demanda do próprio usuário.

Portanto, segundo MARQUES¹⁶⁶, um dos objetivos fundamentais da Redução de Danos é a possibilidade das pessoas adotarem comportamentos mais seguros e responsáveis. A redução de dano parte da premissa de que essas pessoas, se bem orientadas, são capazes de adotar estilos de vida mais seguros em relação ao uso de substâncias psicotrópicas, por exemplo, distribuição de seringas para o uso individual da cocaína, evitando, assim, uma possível difusão de agentes infecciosos ao se compartilhar a droga e o sangue que resta na seringa.

¹⁶⁵ TELLES; op. cit.

¹⁶⁶ MARQUES, Luiz Fernando. **A política de redução de danos e sua contribuição à proteção de adolescentes em situação de risco pelo envolvimento com drogas.** [S.l.: s.n., s.d.]. p. 107.

Assim a premissa principal da redução de danos está na implementação de atividades que visem pragmaticamente à redução dos danos associados ao uso de drogas e não, única e exclusivamente, o combate ao uso drogas. Ou, ainda, mais simplesmente, “se não for possível interromper o uso de drogas, que ao menos se tente minimizarem os danos ao usuário e à sociedade, causado por este uso”.

O movimento de redução de danos parte de uma visão realista, de que muitas pessoas, nas mais diversas sociedades, irão fazer uso, ou continuar fazendo uso de drogas psicoativas e que alguns destes usuários irão usar drogas de maneira prejudicial para si mesmos, para suas redes sociais imediatas e para sociedade como um todo. O grande avanço deste enfoque é o reconhecimento da real diversidade no consumo das drogas e o exame das mais diferentes formas de reduzir pragmaticamente os problemas associados a este uso.¹⁶⁷

Integra também o conceito da proposta de redução de danos o emprego de diferentes métodos para alcançar uma mesma meta, que quando aplicados simultaneamente levariam a melhores resultados, ou seja, nos casos em que não for possível a interrupção completa do uso injetável de drogas, tenta-se evitar ao menos que um mesmo equipamento de injeção seja usado por mais de uma pessoa, ou, se houver o compartilhamento, que o material seja adequadamente desinfetado. Uma outra possibilidade seria estimular a mudança da via de administração da droga para uma via mais segura.

Estudos de avaliação mostraram que os programas de redução de danos podem levar a mudança de comportamento com conseqüente redução do risco de contágio pelo HIV. Entre as estratégias utilizadas podemos citar:¹⁶⁸

- a) programas que visam dar informações;
- b) programas de troca e/ou facilitação da venda de seringas;
- c) programas de tratamento para o uso indevido de drogas;

¹⁶⁷ TELLES; op. cit.

¹⁶⁸ Id.

- d) programas de distribuição de hipoclorito de sódio para desinfecção do equipamento de injeção, vacinação;
- e) programas de aconselhamento e testagem para o HIV.

Um exemplo de sucesso em programas de redução de danos é o aplicado em Brasília/DF, que vem funcionando desde 1999. Esse programa é ligado a DST/AIDS, atua com três redutores de danos¹⁶⁹, agentes de saúde contratados especificamente para o projeto e realiza trabalhos de campo em cinco áreas fixas, onde acontecem ações preventivas com a população local. O projeto participa ainda de Feiras de Saúde e de outros eventos, sob forma de palestra e oficinas.

Há ainda outras formas de atuação na redução de danos, como por exemplo:

- a) criação de postos de troca de seringas e agulhas. A maioria destes postos também pode disponibilizar preservativos para os UDI;
- b) disponibilizar alternativas de tratamento para o uso indevido de drogas;
- c) disponibilizar tratamento de substituição/manutenção pela metadona, para os usuários de heroína e outros opióides;
- d) retirada de possíveis entraves que pudessem restringir a venda de seringas e agulhas em farmácias e outros estabelecimentos comerciais;
- e) possibilidade de prestação de serviços primários de saúde, aconselhamento e testagem anônima para o HIV;
- f) incentivo à participação dos UDI nas atividades de planejamento e implementação das ações;
- g) trabalho de agentes comunitários e de saúde, recrutando os UDI, ou levando as estratégias de prevenção aos locais freqüentados pelos usuários;

¹⁶⁹ São pessoas que trabalham com a educação de usuários de drogas nas comunidades ou em lugares de concentração deles, visando à adoção de comportamentos de baixo risco nas práticas de uso de drogas. Geralmente estão inseridos em programas de redução de danos, provenientes ou não da população-alvo.

- h) acesso à informação sobre drogas, infecção pelo HIV e outros temas na área de saúde, destinado ao maior número possível de pessoas;
- i) cooperação da polícia local, para o bom desenvolvimento das estratégias.

O movimento de redução de danos se beneficiou de várias iniciativas nos últimos anos, entre elas podemos citar a Conferência Internacional de Redução de Danos em 1998 e a 1ª Conferência de Redução de Danos da América Latina, sediada no Brasil entre os dias 09 a 12 de fevereiro de 2004, organizada pela RELARD, que teve a participação de uma das maiores especialistas em tráfico de drogas no mundo e estudiosa do assunto redução de danos: a Professora Italiana Adriana Rossi. Em entrevista a Revista Carta Capital de 10 de março de 2004 a Professora abordou alguns pontos no que se refere às políticas de redução de dano, que merecem destaque.

Para ela, há uma ampliação da visão política para a redução de danos, que inicialmente foi com preocupação na disseminação da AIDS, depois com todas as pessoas usuárias de drogas e atualmente é aplicada a todas as pessoas com maior vulnerabilidade, tais como transexuais e travestis, pessoas que usam anabolizantes, etc. Entretanto, nesse momento histórico, é necessário dar outro passo importante na questão, ou seja, começar a discutir a idéia de que a redução de danos, no campo das drogas, tem de se ampliar a setores de camponeses produtores de coca, produtores de maconha e produtores de matéria-prima para o narcotráfico. Segundo Rossi, é necessário despenalizar o camponês pequeno produtor porque são pessoas excluídas do mercado e da sociedade.

No que diz respeito à Política norte-americana contra as drogas, Rossi afirmou que ela é muito restrita. Não é favorável ao usuário de droga, não é favorável aos camponeses produtores, enfim, não é favorável a resolução pacífica do conflito. A presença do narcotráfico traz o conflito, que nasce com a proibição. Proíbem-se as drogas e, a partir dessa proibição, formam-se organizações que se aproveitam da situação. Todas as máfias são redes transnacionais que produzem e comercializam

drogas, sempre em circuito violento porque é uma atividade ilegal. A resposta a essa violência é também violenta. Cria-se uma espiral, cada vez maior.

Finalizando, a renomada professora diz que o consumo de drogas é um fato existente, é preciso aceitá-lo e agir com prevenção para que ele não aumente. Mas, naturalmente, é preciso oferecer, sobretudo aos jovens, saídas que vão além da prevenção ao consumo de drogas.

Que futuro lhes oferecemos? Que trabalho eles terão? Que inserção na sociedade? Se não se garante o mínimo de horizonte ao jovem, o que se pode esperar?

4.4 O PROERD – PROGRAMA EDUCACIONAL DE RESISTÊNCIA ÀS DROGAS E À VIOLÊNCIA

O PROERD é um programa educacional de resistência à violência e às drogas que se destina às crianças de quartas séries e recentemente às de sextas séries do ensino fundamental, sendo integrado à grade curricular de cada escola que adota o Programa, como Tema Social e Contemporâneo.

O PROERD tem como base o D.A.R.E. – *Drug Abuse Resistance Education*, criado na cidade de Los Angeles – EUA, em 1983, pela Professora Ruth Rich, do Distrito Escolar de Los Angeles, em conjunto com o Departamento de Polícia daquela localidade. Hoje o Programa está presente nos 50 Estados americanos e em 58 países.¹⁷⁰

O PROERD é o único programa que está rigorosamente sistematizado e ainda é o único que está sendo aplicado em todas as unidades da federação e no distrito federal

Os objetivos primordiais do PROERD são:

¹⁷⁰ PROERD – PMPR. Coordenação-Geral. Curitiba, 2005. Cartilha.

- a) desenvolver um sistema de prevenção contra a violência e o uso indevido de drogas nas escolas de todo o Estado, para crianças e adolescentes, através da educação, usando métodos que priorizem a moral, os bons costumes, a afetividade e os modelos de vida sadia e saudável, de acordo com a nossa realidade, os tipos de drogas usadas e a faixa etária envolvida;
- b) prevenir a criminalidade, pois, segundo dados estatísticos, a maioria dos crimes é relacionada às drogas, de maneira direta ou indireta;
- c) melhorar a imagem da Polícia Militar, junto à população, dando-lhes a confiança e o respeito necessários, para a execução de seus serviços, visto que o trabalho com crianças, adolescentes e pais desmistifica a imagem de uma polícia truculenta e arbitrária.

No Brasil o PROERD chegou em 1992 através da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, com a vinda de Policiais Mentores de Los Angeles – EUA, contando com o apoio da Embaixada Americana.

O Programa é pedagogicamente estruturado em 17 lições, com a duração de 45 a 60 minutos cada uma, sendo ministradas obrigatoriamente, por um Policial Militar fardado, que, além da sua presença em sala de aula, na atuação como educador social, propicia um forte elo na comunidade escolar em que atua, fortalecendo o trinômio: Polícia Militar, Escola e a Família. São elas:

- a) lição nº 01: introdução ao Programa: Apresentação do Programa aos estudantes;
- b) lição nº 02: compreendendo os efeitos das drogas que alteram o funcionamento do corpo: objetiva fazer com que o estudante desenvolva conceitos básicos sobre as drogas e os efeitos danosos que seus usos podem causar.
- c) lição nº 03: considerando as conseqüências: ajuda os estudantes a diferenciarem e reconhecerem que há conseqüências, positivas e negativas que podem resultar do uso indevido de drogas;

- d) lição nº 04: mudando as idéias sobre o uso de drogas: Os estudantes serão capazes de identificar as principais fontes de pressões, a pressão dos companheiros, seus tipos, além de comparar suas estimativas do uso de drogas entre adolescentes com os relatórios estatísticos de pesquisa atuais;
- e) lição nº 05: maneiras de dizer não: esta lição objetiva demonstrar formas eficazes de dizer não em resposta a diferentes tipos de ofertas para se usar drogas;
- f) lição nº 06: fortalecendo a auto-estima: os estudantes reconhecerão qualidades positivas neles mesmos;
- g) lição nº 07: ser seguro: um estilo de resposta: os estudantes serão capazes de responder, de maneira segura, ao recusarem um oferecimento de drogas;
- h) lição nº 08: lidando com as tensões sem usar drogas: os estudantes aprenderão a identificar as causas das tensões no seu cotidiano;
- i) lição nº 09: reduzindo a violência: os estudantes irão identificar formas não violentas de lidar com a raiva e de resolução de desentendimentos.
- j) lição nº 10: combatendo a influência dos meios de comunicação na violência e no uso de drogas: os estudantes serão capazes de reconhecer a influência dos meios de comunicação, quando mostram o cigarro, álcool e outras drogas e ainda as demonstrações de violência;
- k) lição nº 11: tomando decisões e assumindo riscos: os estudantes serão capazes de aplicar as habilidades nas tomadas de decisões avaliando os riscos em situações que envolverem uso de drogas, gangues e uso de armas;
- l) lição nº 12: dizendo SIM para alternativas positivas: o estudante terá a oportunidade de identificar e conhecer alternativas positivas que possam achar interessantes e nelas alcançar sucesso;
- m) lição nº 13: exemplos positivos: os estudantes irão identificar as formas usadas por estudantes mais velhos para ficarem longe das drogas e participarem de uma variedade de atividades positivas;

- n) lição nº 14: resistindo à violência e às pressões: os estudantes serão capazes de reconhecer as conseqüências negativas das ações e a não se envolverem em ações violentas;
- o) lição nº 15: resumindo as lições PROERD: os estudantes deverão resumir e relembrar o que aprenderam nas aulas do PROERD;
- p) lição nº 16: tomando uma decisão: os estudantes irão tomar uma decisão positiva para ficarem livres do uso indevido de drogas e da violência, colocando seu compromisso na cartilha e lendo-a em voz alta;
- q) lição nº 17: formatura PROERD: reconhecer a conquista individual de cada estudante e reforçar os valores e habilidades que aprenderam. Na formatura PROERD os estudantes recebem um Certificado pela participação no curso que enfatiza a ação positiva de dizer não às drogas e à violência.¹⁷¹

Essas lições são aplicadas pelo Instrutor do PROERD, que é formado através de uma seleção que inclui a avaliação dos candidatos através dos seguintes requisitos:

- a) ser voluntário;
- b) ter, no mínimo, 02 (dois) anos de serviço em atividade fim da corporação;
- c) apresentar bom comportamento;
- d) não estar respondendo a processo civil ou militar e nem a inquérito na condição de indiciado;
- e) ter, no mínimo, o Ensino Médio completo;
- f) preferencialmente possuir experiência e/ou formação em atividades educacionais, recreativas e/ou comunitárias;
- g) ter facilidade de expressar-se verbalmente.

No processo de seleção também é prevista e realizada uma entrevista individual com os candidatos, com a presença de um profissional da área de psicologia.

¹⁷¹ PROERD – PMPR, op. cit.

Os aprovados são submetidos a um processo de formação ministrado por técnicos da Secretaria de Estado da Educação, da Polícia Militar e de outros setores, com a duração de oitenta horas/aula, com a abordagem dos seguintes assuntos:

- a) noções sobre técnica de ensino;
- b) noções acerca das principais teorias psico-pedagógicas;
- c) noções sobre o desenvolvimento infantil e da adolescência;
- d) comunicação: Problema ou Solução;
- e) prática de dinâmica de grupo;
- f) práticas de recreação;
- g) aspectos técnicos das drogas – prevenção/repressão;
- h) relações interpessoais e psicologia aplicada;
- i) exclusão social;
- j) desvio de conduta, ética profissional e qualidade administrativa;
- k) a criança e o adolescente;
- l) o Estatuto da Criança e do Adolescente;
- m) dependência química;
- n) noções sobre drogas lícitas e ilícitas;
- o) legislação específica sobre drogas;
- p) a política de atuação do Conselho Estadual Anti-drogas (COEAD) na prevenção e no tratamento das dependências químicas.¹⁷²

A equipe de formação de Instrutores/PROERD, chamados de Mentores do PROERD, é habilitada através do Curso de Formação de Multiplicadores/PROERD, com duração de quarenta horas/aula, que objetiva habilitar o Policial Militar (Instrutor/PROERD) a participar das equipes de treinamento encarregadas da realização de cursos de Formação de Instrutores PROERD.

O Policial Militar, após a conclusão do Curso de Instrutores/PROERD, integrará o quadro de Instrutores do Programa, para imediato emprego, devendo

¹⁷² PROERD – PMPR, op. cit.

permanecer nessa atividade por um período mínimo de 02 (dois) anos, em regime de exclusividade.

O programa, que tem 21 anos de existência, passou recentemente por uma reavaliação, coordenado pela Professora norte-americana Vile Sloboda da Universidade de Akron/EUA, e atualmente conta com um novo currículo, com 10 lições para a quarta série e 10 lições para a 6ª série e ainda um curso para os pais.

Os Estados de Santa Catarina e Minas Gerais e o Distrito Federal já vêm aplicando o novo currículo desde o ano 2003.

No Estado do Paraná esse novo currículo começará a ser aplicado, progressivamente, para o ano de 2006, pretendendo-se para o ano letivo de 2007, a aplicação do novo currículo em sua totalidade.

O Programa foi recepcionado após a apresentação de trabalho monográfico do Curso Superior de Polícia, realizado no ano de mil novecentos e noventa e nove, fruto de Convênio estabelecido entre a Universidade Federal do Paraná e a Polícia Militar do Paraná, através da Academia Policial Militar do Guatupê. A aplicação do Programa em sala de aula deu-se no primeiro semestre do ano de 2000, na cidade de Matinhos/PR, fruto de esforço cooperativo da Polícia Militar, com a Prefeitura Municipal local e o SESC/Colônia de Férias de Caiobá/PR.¹⁷³

No segundo semestre do ano de 2000, o Proerd foi implantado pela Polícia Militar do Paraná, com a vinda de 01 (uma) equipe de Mentores da Polícia Militar do Estado de São Paulo, formando 31 (trinta e um) Instrutores, que passaram a atuar nos Municípios de Curitiba/PR e Região Metropolitana, Guarapuava/PR, Morretes/PR, Antonina/PR e União da Vitória/PR. Tais Instrutores, todos voluntários, devidamente selecionados e treinados, passaram a ser precursores do ideal do programa, divulgando e angariando novos instrutores, bem como viabilizando parcerias, para que o Programa seja estendido para um número cada vez mais significativo de crianças e adolescentes em todo o Estado do Paraná.

¹⁷³ PROERD – PMPR, op. cit.

Atualmente o Paraná possui 07 (sete) Turmas de Instrutores Proerd formadas, 155 (cento e cinquenta e cinco) Instrutores se encontram em atividade, somente na capital Curitiba, o Proerd atende 71 (setenta e uma) escolas, públicas e privadas.¹⁷⁴

Em palestra proferida no I Congresso Internacional de Polícia Comunitária, a Coordenadora do PROERD no Estado do Paraná, Tenente Coronel Rita Aparecida de Oliveira, reafirmou o compromisso do PROERD no estado do Paraná, ou seja, de construir o Educador Social como um colaborador do professor.

Aparecida lembrou ainda que o Instrutor Proerd tem que ter vontade de participar do programa e “deve ser essencialmente um voluntário, porque o que você faz com vontade você faz com amor e esse é o grande segredo do sucesso do programa, não se esquecendo é claro, que é essencial o acompanhamento do professor no desenvolvimento das aulas do PROERD”.

A referida coordenadora finalizou sua palestra lembrando que o Proerd no Paraná também tem se preocupado com a população indígena. Na Reserva Indígena Rio das Cobras, município de Nova Laranjeiras/PR, um policial instrutor, voluntário, já está apreendendo a língua dos índios e iniciando a aplicação do programa, o que vem corroborar com o princípio maior do PROERD, ou seja, ser solidário e ajudar o próximo através da educação preventiva.

Através da nossa pesquisa, constatamos que o Instrutor Proerd, além dos requisitos apontados, como a vontade e o voluntarismo, necessitam de incentivos que vão além destes, tais como elaboração de um curso mais interessante, mais criativo e principalmente mais formativo. As atuais 40h aulas são extremamente pequenas para a formação do Instrutor Proerd, o qual desempenhará uma atividade de suma importância dentro do contexto da drogadição.

No último dia 09 dezembro de 2005, o PROERD no Estado do Paraná formou cerca de 10.000 (dez) mil crianças, as quais acompanham toda a solenidade e ficam

¹⁷⁴ PROERD – PMPR, op. cit.

aguardando o momento em que é escolhida a melhor redação (que é elaborada pelos alunos durante a 16ª lição), a qual é lida durante a formatura.

TABELA 3 – RESULTADOS OBTIDOS NO PROERD A PARTIR DO 1º SEMESTRE LETIVO DE 2000 ATÉ O 1º SEMESTRE DE 2004

REFERENTE AO ANO	2000 (2º SEM.)	2001	2002	2003	2004 (1º SEM.)
Municípios	11	61	96	152	164
Instrutores	28	84	94	149	149

TABELA 4 – TOTAL DE ESCOLAS ATENDIDAS NO PARANÁ

REFERENTE AO ANO	2000 (2º SEM.)	2001	2002	2003	2004 (1º SEM.)
Estadual	09	21	91	127	52
Municipal	29	58	1.077	1.303	676
Particular	03	04	96	146	74
Total	41	83	1.264	1.703	802

TABELA 5 – ALUNOS ATENDIDOS NO ESTADO DO PARANÁ, ATÉ O PRIMEIRO SEMESTRE DO ANO DE 2.004

ANO	2000 (2º SEMESTRE)	2001	2002	2003	2004 (1º/2º SEMESTRES)
Total	7.148	60.964	76.893	101.272	120.999
Total Geral de Alunos Atendidos					367.276

TABELA 6 – INSTRUTORES, MENTORES E MASTERS QUE ESTÃO ATUANDO NO ESTADO DO PARANÁ

POLICIAIS MILITARES	NÚMERO
Instrutores no Paraná	126
Mentores	26
Masters	02
TOTAL	154

TABELA 7 – CUSTO BÁSICO PARA APLICAÇÃO DO PROERD

ITEM	DESCRIÇÃO	CUSTOS UNITÁRIO
01	Cartilha	R\$. 1,24
02	Certificado	R\$. 0,19
03	Camiseta	R\$. 6,00
04	Boné	R\$. 2,94
Custo total por aluno		R\$. 10,37

FONTE: Coordenação-Geral do PROERD na PMPR

5 POSSIBILIDADES E LIMITES DO PROERD

A pesquisa de campo foi realizada mediante duas frentes: pesquisa feitas com alunos e professores de cinco escolas da RIEP¹⁷⁵; observação das aulas do PROERD em duas escolas distintas, uma da rede particular de ensino e outra da rede pública de ensino.

5.1 ANÁLISES DOS DADOS LEVANTADOS JUNTO AOS ALUNOS DA RIEP

Com relação à primeira modalidade, após o sorteio de cinco escolas, todas com ensino fundamental e pertencentes à rede de integração da educação pública de ensino, foi contatado, via telefone, com os Diretores de todas as escolas, onde explanou-se, brevemente, os objetivos e a forma como iria ser realizada a pesquisa, bem como a viabilidade da mesma ou não. Todos os diretores se mostraram amplamente interessados sobre o objeto de estudo e proporcionaram de pronto todo o apoio necessário para o desenvolvimento dos procedimentos investigatórios.

As escolas, todas situadas em regiões periféricas de Curitiba/PR, foram identificadas pelos números “01”, “02”, “03”, “04” e “05”.

Os questionários foram aplicados para alunos da 5ª série, 6ª série, 7ª série e 8ª série de cada uma das escolas.

O local de aplicação foi à própria sala de aula e contou com a participação desse pesquisador e uma assistente, bem como do professor que somente acompanhou os procedimentos, ficando dentro da sala de aula.

Antes da aplicação, esse pesquisador elucidou os principais pontos da pesquisa, frisando a importância dos alunos para com as respostas, bem como dos

¹⁷⁵ RIEP (Rede de Integração da Educação Pública), tem por finalidade estabelecer um campo de experimentação, atuação e pesquisa com a UFPR.

resultados a serem obtidos, oportunizando a todos à possibilidade de não participar do evento, ou ainda de entregar em branco o questionário ou perguntas que não quisessem responder.

Após o término dos questionários os alunos, que não podiam se identificar, dobravam as folhas e depositavam dentro de uma caixa.

A aplicação dos questionários para os professores se deu dentro da sala dos professores, antes do início das aulas. Também foram explanados os objetivos da pesquisa e a importância de suas contribuições.

Os professores não poderiam se identificar no questionário, bem como poderiam devolvê-lo em branco se assim o desejassem. Após o término os professores, da mesma forma que os alunos, dobravam a folha e depositavam dentro de uma caixa.

TABELA 8 – QUESTÃO FICTÍCIA, AOS ALUNOS

Você já tomou carpinol, holoten ou medavane para sentir algum barato?		
	N.º ALUNOS	VÁLIDOS
Total	519	508

NOTA: Foram cancelados 11 questionários, devido os alunos terem respondido “SIM” na questão 10.

Essa pergunta foi elaborada para dar credibilidade ao questionário, caso o pesquisado respondesse sim como resposta a essa pergunta, todo o questionário era invalidado. Esse modelo de pergunta seguiu os padrões do V Levantamento Nacional Sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas Entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de ensino¹⁷⁶.

Diante disso, foram desconsiderados 11 questionários, o que resultou em 508 válidos.

¹⁷⁶ GALDURÓZ, op. cit.

TABELA 9 – NÚMEROS DE ALUNOS E PROFESSORES QUE PARTICIPARAM DA PESQUISA

Escola “01”	Número de Alunos	Número de Professores
	91 alunos	15 professores
Escola “02”	Número de Alunos	Número de Professores
	106 alunos	13 professores
Escola “03”	Número de Alunos	Número de Professores
	112 alunos	18 professores
Escola “04”	Número de Alunos	Número de Professores
	100 alunos	06 professores
Escola “05”	Número de Alunos	Número de Professores
	99 alunos	19 professores
TOTAL GERAL	Número de Alunos	Número de Professores
05 escolas	508 alunos	71 professores

TABELA 10 – ALUNOS DIVIDIDOS POR SÉRIES

5ª Série – Total de alunos	125 alunos
6ª Série – Total de alunos	130 alunos
7ª Série – Total de alunos	123 alunos
8ª Série – Total de alunos	130 alunos
TOTAL GERAL	508 alunos

5.1.1 Exposição e Análise dos Dados das Escolas, Segundo os Alunos

TABELA 11 – USO DE ÁLCOOL, SEGUNDO OS ALUNOS

Você já tomou cerveja, caipirinha, pinga ou outra bebida alcoólica, alguma vez na vida					
	ALUNOS	SIM	NÃO	% SIM	% NÃO
5ª Série	125	66	59	52,80%	47,20%
6ª Série	130	79	51	60,76%	39,24%
7ª Série	123	89	34	72,35%	27,65%
8ª Série	130	103	27	79,23%	20,77%
Total	508	337	171	66,33%	33,67%

O uso de bebidas alcoólicas entre os pesquisados foi de 66,33%, um dado alarmante, mas não surpreendente.

O Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas¹⁷⁷, por ocasião do V Levantamento Nacional Sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas, entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino, constatou, numa totalidade de 48.155 estudantes, que o uso na vida, de álcool, foi de 65,20%, bem próximo do resultado de nossa pesquisa.

Isto demonstra que a bebida alcoólica é inserida na vida de crianças em uma faixa de idade muito próxima aos 10 anos e ainda, na mesma medida que essas crianças vão se tornando adolescentes, o consumo tende a aumentar.

Dos alunos da 5ª série pesquisados, 52,80% afirmaram que já haviam feito uso de álcool, alguma vez na vida; da 6ª série, 60,76% já haviam feito uso de álcool, alguma vez na vida; da 7ª série 72,35% e da 8ª série o número passou para 79,23%.

Esse dado reforça o que muitos estudiosos do assunto já vêm afirmando algum tempo, isto é, para se ter uma política pública efetiva de prevenção às drogas, é preciso iniciar prevenindo às drogas chamadas lícitas (tabaco e álcool), que normalmente são drogas de “porta de entrada” para outras drogas mais pesadas.

O PROERD trabalha a questão na lição 02, onde define os tipos de drogas e seus principais efeitos no organismo e realiza atividades de vídeo e história envolvendo personagens que sofrem ao fazer uso de álcool, contribuindo com questões informativas aos alunos.

Na lição 04, por sua vez, o PROERD trata da pressão sofrida pelos alunos, quando colegas de turma lhes oferecem bebidas alcoólicas e tabaco, bem como a forma de dizer não a elas.

A lição 10 é uma das mais interessantes: trata das técnicas de mensagens dos meios publicitários, onde se demonstram os artifícios utilizados pelas empresas de propagandas no intuito de vender seu produto (álcool e tabaco) e a verdadeira realidade de quem os consome.

¹⁷⁷ GALDURÓZ, op. cit.

De início, a lição 10 trás alguns exemplos de como as pessoas são influenciadas pelas propagandas: Enfoque do grupo – “todo mundo bebe”; Enfoque pessoal – “experimente, você vai gostar”; Enfoque de esnobismo – “somente os ricos usam”; Apelo sexual – “pessoas atraentes fumam” e o Enfoque da comparação – “a cerveja light é melhor que a normal”.

Em seguida, a lição 10 trata do “Apresentador Mascarado”, onde um personagem mascarado, após uma conversa com seu amigo que tinha feito o PROERD, descobre que vinha causando várias mortes incentivando o consumo de álcool e tabaco, então ele retira a máscara e resolve retratar a verdadeira realidade sobre os males do álcool e do tabaco.

Assim, a exemplo do tabaco, é necessário que o Governo, interfira de forma mais exigente e radical sobre a questão, como por exemplo, proibindo a exibição pela mídia televisiva de propagandas de bebidas alcoólicas em certos horários dedicados às crianças e adolescentes, bem como proibir propagandas em *out doors*, parques de diversões, cinemas e etc, ações essas que somadas as do PROERD irão ao encontro do mesmo objetivo, isto é, reduzir o consumo de bebidas alcoólicas entre crianças e adolescentes.

TABELA 12 – USO DE NICOTINA, SEGUNDO OS ALUNOS

Você já fumou algum tipo de cigarro?					
	ALUNOS	SIM	NÃO	% SIM	% NÃO
5ª Série	125	28	97	22,40%	77,60%
6ª Série	130	25	105	19,23%	80,77%
7ª Série	123	47	76	38,21%	61,79%
8ª Série	130	47	83	36,15%	63,85%
Total	508	147	361	28,93%	71,07%

Dos alunos pesquisados, 28,93% afirmaram ter fumado algum tipo de cigarro, um número relativamente baixo, se comparado com os países sul-americanos onde se realizou pesquisa semelhante ao sobredito estudo.

No Chile, por exemplo, 75,0% dos estudantes já haviam feito uso de tabaco alguma vez na vida, foi o que informou o V Levantamento Nacional Sobre o Consumo

de Drogas Psicotrópicas entre os Estudantes de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino.¹⁷⁸

Possivelmente isso se deve à eficácia de políticas públicas anti-tabagistas, principalmente após a proibição de propagandas de cigarros na mídia televisiva, bem como em lugares impróprios, como competições automobilísticas, futebolísticas e outros esportes.

Conseguiu-se materializar a idéia dos malefícios do cigarro em detrimento da saúde, bem como o antagonismo entre cigarro e práticas esportivas.

Nesse sentido, o PROERD nas lições 02 e 04 e 10, trata do assunto da mesma forma que o álcool.

Com relação ao uso de alguma droga indeterminada, segundo os alunos, com exceção do tabaco e álcool, é interessante se analisar a tabela 13 em conjunto com as tabelas 14 e 15, porque tratam do uso de algum tipo de droga e dos sujeitos que fizeram o PROERD, respectivamente.

TABELA 13 – USO DE ALGUMA DROGA INDETERMINADA, SEGUNDO OS ALUNOS

Você já fez uso de alguma droga?							
	ALUNOS	SIM	NÃO	NÃO, MAS CURIOSID.	% SIM	% NÃO	NÃO, MAS CURIOSID.
5ª Série	125	22	101	2	20,71%	80,80%	1,60%
6ª Série	130	13	106	11	10,00%	81,53%	8,46%
7ª Série	123	27	91	5	21,95%	73,98%	4,06%
8ª Série	130	32	91	7	24,61%	70,00%	5,38%
Total	508	94	389	25	18,50%	76,57%	4,88%

¹⁷⁸ GALDURÓZ, op. cit.

TABELA 14 – PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NO PROERD, NA 4ª SÉRIE

Quando você fez a 4ª série, você participou do PROERD?				
	Nº ALUNOS	SIM	NÃO	TOTAL GERAL QUE USARAM DROGAS
5ª Série	125	67	58	22
%		53,60%	46,40%	17,60%
6ª Série	130	84	46	13
%		64,62%	35,38%	10,00%
7ª Série	123	45	78	27
%		36,58%	63,41%	21,95%
8ª Série	130	70	60	32
%		53,85%	46,15%	24,62%
Total	508	266	242	94
508 alunos		52,36%	47,64%	18,50%

5ª Série

Dos 67 alunos que fizeram o Proerd, 4 afirmaram que usaram drogas, um percentual de 5,97%.

6ª Série

Dos 84 alunos que fizeram o Proerd, 4 afirmaram que usaram drogas, um percentual de 4,76%

7ª Série

Dos 45 alunos que fizeram o Proerd, 4 afirmaram que usaram drogas, um percentual de 8,8%

8ª Série

Dos 70 alunos que fizeram Proerd, 7 afirmaram que usaram drogas, um percentual de 10,0%

Geral de 7,38%. Eficácia do 92,62% PROERD

TABELA 15 – OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE O PROERD

Se você participou das aulas do PROERD, o que você achou?

	Nº ALUNOS FEZ PROERD	NÃO LEMBRO MAIS DO PROERD	LEGAL GOSTARIA NOVAMENT	PROERD NÃO AJUDOU	PROERD ME AJUDOU	NÃO FIZ O PROERD
5ª Série	67	3	54	1	24	58
125 alunos		4,47%				
6ª Série	84	5	57	0	22	46
130 alunos		7,81%				
7ª Série	45	9	26	1	9	78
123 alunos		20%				
8ª Série	70	34	23	0	13	60
130 alunos		48,57%				
Total	266	51	160	2	68	242
508 alunos	100,00%	20,73%	60,15%	0,81%	25,56%	47,64%

Notas: Nessa questão os alunos poderiam assinalar mais de uma resposta

A porcentagem diz respeito a totalidade dos alunos que fizeram o PROERD, ou seja 246 alunos

O que se percebe, em primeira análise, é a importância do PROERD, como programa de prevenção às drogas dentro do espaço escolar.

Quando analisada a tabela nº 13, onde se pergunta sobre o uso de alguma droga na vida, juntamente com as tabelas nºs. 14 e 15, onde foi perguntado se os alunos tinham participado das atividades do PROERD, quando fizeram a 4ª série, bem como, qual a opinião deles sobre o programa, o resultado sugere que: quando o índice de participação dos alunos nas atividades do PROERD foi grande, diminui o envolvimento dos mesmos com drogas; por outro lado, quando os alunos tiveram um índice baixo de participação nas atividades do PROERD, o índice de envolvimento com drogas aumentou.

Curioso, entretanto, foi o resultado obtido com os alunos das oitavas séries, ou seja, dos 130 alunos, 70 fizeram o PROERD e 60 não fizeram. Da totalidade dos 130 alunos, 32 alunos afirmaram que fizeram uso de drogas, ou seja, 24,62% dos pesquisados.

Entretanto, dos 70 alunos que participaram das atividades do PROERD, 07 afirmaram que fizeram uso de alguma droga após terem freqüentado o PROERD, um percentual relativamente alto, de 10,0% dos pesquisados. Se cotejarmos com a tabela 15, onde foi perguntada a opinião dos alunos sobre o PROERD, verifica-se que quase a metade dos alunos da 8ª série que fizeram o PROERD, ou seja, 34 alunos dos 70 participantes, responderam que não se lembravam mais das atividades do PROERD. Não é demais lembrar que o PROERD no Estado do Paraná é aplicado na quarta série do Ensino Fundamental. Pretende-se aplicá-lo também, para as sextas séries no decorrer do ano de 2006.

A questão é que, ao que sugerem os dados, quando as atividades do PROERD ainda continuam presentes na vida cotidiana dos adolescentes, a grande maioria deles não se envolve com drogas e quando, por outro lado, os jovens não se lembram mais das atividades do PROERD, ou pelo menos estão esquecidas de sua vida cotidiana, a grande maioria deles tem contato com drogas.

Se analisarmos de forma crescente a tabela 15, no que se refere ao fato dos alunos não se lembrarem mais das atividades do PROERD, percebe-se que após a

conclusão do PROERD na quarta série, os alunos vão se esquecendo dos conteúdos gradativamente, senão vejamos: na 5ª série, 3 alunos afirmaram que não se lembravam mais das atividades, um percentual de 4,47%; na 6ª série o número passou para 5 alunos, um percentual de 7,81%; na 7ª série, o número de alunos passou para 9, um percentual de 20,0%; na 8ª série o número saltou para 34 alunos, um percentual de 48,57%. Esse último dado sugere que, os alunos que participaram das atividades do PROERD quando fizeram a 4ª série, ao chegaram na 8ª série, quase a metade deles não se lembram mais dos conteúdos do PROERD.

Esse resultado demonstra a necessidade e a importância da aplicação do PROERD ao longo das séries do ensino fundamental e médio e não somente na quarta série como é atualmente no Estado do Paraná.

Outro dado que merece destaque foi o resultado obtido com os alunos da 6ª série.

Dos 130 alunos pesquisados, 13 responderam que já haviam feito uso de alguma droga, ou seja, um índice de 10%, o mais baixo de todas as séries. No entanto 11 alunos responderam que não tinha feito uso, mas que tinham curiosidade em fazê-lo, um índice de 8,46% dos pesquisados, o mais alto de todas as séries.

Esse último dado sugere que a curiosidade é mais aguçada quando o aluno entra na adolescência (12 anos), isto ocorre, normalmente, quando o aluno está freqüentando a 6ª série. Deve ser interpretado pelo PROERD como forma de alerta, principalmente no que se refere à implantação do novo currículo para as sextas séries, no ano letivo de 2006, visando um enfoque específico sobre a questão da curiosidade nesta faixa etária.

Com relação à participação no PROERD, dos 130 alunos das 6ª séries, 84 deles responderam que haviam participado das atividades, ou seja, 64,62% dos pesquisados. Desses que participaram do PROERD, apenas 4 alunos disseram que se envolveram com drogas após as atividades, o menor índice dos pesquisados, 4,76% apenas.

Por fim, com relação à eficácia do PROERD, se somados os dados de todos os alunos que fizeram o PROERD e cotejados com os dados de todos os alunos que fizeram uso de droga após terem participado do programa, o resultado é satisfatório: 266 alunos afirmaram que fizeram o PROERD quando frequentaram a 4ª série do ensino fundamental; dessa totalidade de 266 alunos, apenas 19 alunos tiveram algum contato com drogas após o PROERD, um índice próximo da casa de 8,0% apenas, demonstrando que o programa produz resultados extremamente positivos, isto é, de mais de 92% de eficácia.

TABELA 16 – USO DE DROGA DETERMINADA, SEGUNDO OS ALUNOS

Quais drogas você já fez uso? (pode assinalar mais de uma alternativa)							
Nº ALUNOS	COLA SAPAT.	COCAÍNA	ÊXTASE	MACONHA	L.PERFUME	LSD	MORANGO
q. usou							
5ª - 22 alun	8	1	2	10	5	0	11
6ª - 13 alun	7	2	1	4	1	1	8
7ª - 27 alun	6	6	3	16	7	1	14
8ª -32 alun	10	5	5	16	13	0	19
TOTAL 94	31	14	11	46	26	2	52
19,31%	32,97%	14,89%	11,70%	48,93%	27,65%	2,12%	55,31%

Notas: Nessa pergunta o aluno poderia responder mais de um item, ou seja o aluno poderia marcar que tinha feito uso de duas, três ou mais drogas.

Nessa pergunta não foi elencada a droga “moranguinho”, os alunos responderam que faziam uso de moranguinho no campo “outras drogas”.

TABELA 17 – FREQUÊNCIA DE USO DE ÁLCOOL, CIGARRO OU DROGA, SEGUNDO OS ALUNOS

Com que frequência você usa álcool, cigarro ou droga?							
	ALUNOS	1 P/ MÊS	1 P/ SEM.	VÁRIAS P/D	2 P/ MÊS	1 AO DIA	Ñ RESP.
5ª Série	125	17	14	4	2	0	88
6ª Série	130	16	4	1	4	3	102
7ª Série	123	31	18	5	5	7	57
8ª Série	130	25	18	10	7	2	68
Total	508	89	54	20	18	12	315

As drogas mais consumidas pelos alunos foram os inalantes, como cola de sapateiro, lança perfume e “morango” ou “moranguinho” ou ainda “baunilhinha”¹⁷⁹ e a maconha.

O consumo de cocaína, 14,89%, foi expressivo, uma vez que o consumo constatado no V Levantamento Nacional Sobre o Consumo de Droga Psicotrópicas entre estudantes de ensino fundamental e médio da rede pública de ensino¹⁸⁰ foi de 2,0% de uso de cocaína.

Em Curitiba/PR, por exemplo, o V Levantamento Nacional constatou que o uso na vida de cocaína, entre os estudantes foi de 1,6%, muito aquém do resultado de nossa pesquisa que foi de 14,89%, de uso de cocaína alguma vez na vida. Nossa pesquisa foi aplicada aproximadamente dois anos após o levantamento nacional, no entanto, não é justificável que o índice tenha subido tanto. Da mesma forma, não vislumbramos algum elemento ou fato novo, que se mostrasse eficaz para comprovar tal elevação.

Com relação ao PROERD e o consumo dessas drogas, uma questão se torna extremamente preocupante, ou seja, o alto consumo de inalantes por parte dos alunos. O “moranguinho”, a cola de sapateiro e o lança perfume tiveram índices altíssimos de uso, 55,31%, 32,97% e 27,65% respectivamente, o que demonstra a necessidade de se rever algumas lições do PROERD no que se refere aos inalantes, principalmente no sentido de focar com mais atenção os efeitos prejudiciais que essas drogas produzem no organismo, ou se for o caso, elaborar uma lição especialmente para tratar apenas dessas drogas.

Atualmente, o PROERD trata, ao final da lição 2, dos inalantes como uma das espécies de droga, mencionando apenas alguns de seus efeitos no organismo. As histórias que se seguem à lição 2, como forma de fazer com que os alunos reflitam

¹⁷⁹ Segundo depoimento de próprio aluno; “morango”, “moranguinho” ou “baunilhinha” trata-se de uma mistura de éter com tiner ou formol, acrescido da essência do chiclete de morango babaloo ou essência de baunilha.

¹⁸⁰ GALDURÓZ, op. cit.

sobre os malefícios de determinadas drogas, contam apenas com episódios de álcool, tabaco, maconha e cocaína.

Não há, na lição 2 e nem em outra lição constante da cartilha do PROERD, uma dedicação específica visando os inalantes, como ocorre com o tabaco, álcool e maconha, por exemplo.

A tabela 17 trata da frequência de uso de álcool, tabaco ou outra droga. O resultado mostrou que 20 alunos fazem uso, várias vezes ao dia, de álcool, tabaco ou outra droga. Analisando questionário por questionário desses 20 alunos, constatamos que 9 deles fazem uso de álcool ou tabaco várias vezes ao dia e 11 deles fazem uso de “moranguinho” várias vezes ao dia. Um dado que vêm corroborar com a sugestão acima, isto é, dê se realizar uma dedicação maior aos inalantes ao que se dá hoje.

TABELA 18 – MOTIVO DE INICIAÇÃO NO USO DE ÁLCOOL, CIGARRO E DROGA, SEGUNDO OS ALUNOS

Qual foi o motivo que te levou a experimentar álcool, cigarro ou outra droga?						
	RESPONDERAM	CURIOSIDADE	P TD AMIG JÁ USARAM	P BRIGOU EM CASA	P MOSTRAR SOU 'CARA'	NÃO RESPONDERAM
5ª Série	54	36	5	6	7	42
125 alunos						
6ª Série	61	54	5	0	2	38
130 alunos						
7ª Série	82	65	6	5	6	2
123 alunos						
8ª Série	94	71	10	10	3	5
130 alunos						
Total	291	226	26	21	18	87
508		77,66%	8,93%	7,21%	6,18%	17,12%

Nota: A porcentagem diz respeito a totalidade dos alunos que responderam as perguntas, ou seja 291 alunos

Essa tabela demonstra o motivo que levaram os alunos a terem seu primeiro contato com a droga, incluindo tabaco e álcool. O resultado é extremamente importante no que diz respeito à re-análise dos conteúdos dos programas de prevenção às drogas, principalmente o PROERD e deve ser analisada juntamente com a tabela 19, que trata das formas de convencimento ao uso de drogas.

TABELA 19 – FORMAS DE CONVENCIMENTO AO USO DE DROGAS, SEGUNDO OS ALUNOS

Como foi que te ofereceram droga?						
	Nº Q. RESPONDEU	EXPERIME. MUITO BOM	NÃO SEJA CARETA	TD MUNDO USA,USE TB.	USE,VC VAI SENT MELH.	NÃO RESPONDEU
5ª Série	46	27	16	3	9	79
125 alunos						
6ª Série	37	13	17	9	5	93
130 alunos						
7ª Série	53	33	12	11	12	70
123 alunos						
8ª Série	58	35	9	10	10	72
130 alunos						
Total	194	108	54	33	36	314
508 alunos	100,00%	55,67%	27,83%	17,01%	18,55%	

Notas: Nessa questão os alunos poderiam assinalar mais de uma resposta

A porcentagem diz respeito a totalidade dos alunos que responderam as perguntas, ou seja 194 alunos.

Segundo entrevista com a Professora Araci Asineli da Luz, da Universidade Federal do Paraná, profunda estudiosa do assunto, os sujeitos consomem drogas, basicamente, por quatro motivos: curiosidade; pressão de grupo; problemas existenciais; busca de prazer.

Responderam à pergunta da tabela 18, a quantidade exata de 291 alunos, desses 77,66%, ou seja, 226 alunos, responderam que o motivo que os levou a experimentar droga, tabaco ou álcool foi a curiosidade.

A forma de convencimento ao uso de drogas que mais foi citado pelos pesquisados foi “experimenta é muito bom”, com 55,67%, esse dado demonstra que a busca pelo prazer é a forma mais utilizada pelos sujeitos para convencerem outros a experimentarem drogas.

Assim, esse dado é importante no que se refere ao impulso que leva os sujeitos a experimentarem droga.

A curiosidade aliada à busca pelo prazer, (experimenta é muito bom), mostrou ser a principal causa do primeiro uso de drogas na vida dos pesquisados, com percentuais muito acima dos outros motivos.

Nesse sentido, o PROERD, como programa de prevenção às drogas, não é totalmente eficiente, apenas explica formalmente aos alunos os tipos de drogas e os seus efeitos no organismo. Seria necessário ir além, utilizar de outros métodos e técnicas educativas, onde os alunos pudessem visualizar os tipos de drogas de modo que diminuísse a curiosidade em conhecê-las.

O interessante seria acrescentar, ao novo currículo do PROERD, atividades com disciplinas próprias, para cada faixa etária, as quais possibilitassem aos alunos conhecer os vários tipos de drogas, na tentativa de frear a curiosidade, bem como enfatizar com mais frequência às práticas esportivas, leituras, teatros, danças, etc, com a finalidade de mostrar aos alunos que o prazer pode ser buscado de outras formas, que não pela via das drogas.

A pressão do grupo pode ser visualizada nas respostas da tabela 18, na qual 26 pesquisados afirmam que o motivo que os levou a usarem drogas, álcool ou tabaco, foi porque “todos os meus amigos já haviam usado” e “para mostrar que sou o cara”, com 8,93% e 6,18% respectivamente. Também pode ser visualizada a pressão de grupo nas formas de convencimento da tabela 19: a opção “use não seja careta”, foi assinalada por 27,83% dos pesquisados; “todo mundo usa, use você também”, por 17,01% dos pesquisados, respectivamente.

Constatamos que a pressão de grupo, após a curiosidade, é o principal motivo que leva os sujeitos a usarem álcool, tabaco ou droga pela primeira vez.

Nesse sentido, o PROERD tem demonstrado eficácia, tendo em vista que trata do assunto em várias passagens da cartilha e em diversas lições, principalmente com atividades que fazem com que os alunos aprendam a dizer não aos vários tipos de pressões utilizados por colegas de turma de aula ou de bairro, que pretendem oferecer drogas.

Não é demais lembrar que é dentro do espaço escolar que se formam a maioria dos grupos¹⁸¹ e ainda que, atualmente, a grande maioria dos adolescentes não escuta,

¹⁸¹ VEJA, n. 1923, 21 set. 2005, p. 11-15.

ou pelo menos não levam a sério, os conselhos de seus pais ou familiares e, estes, por sua vez, em grande parte, estão ausentes na construção da educação de seus filhos, mormente porque estão submetidos à exploração pelo capital, decorrentes das excessivas e degradantes horas de trabalho, não dispendo de tempo para o cuidado com a sua prole. Por isso, crianças e adolescentes ouvem muito mais os amigos e fazem o que a maioria deles está fazendo, elegem um novo referencial. A influência do grupo, neste caso, é muito mais forte que qualquer outra, inclusive a familiar.

Por isso, para que um programa de prevenção às drogas tenha sucesso, é primordial que se mudem as culturas dos grupos. Aqui entra o papel do espaço escolar, como melhor local para aplicação de programas de prevenção às drogas, demonstrando mais uma vez, que o PROERD está no caminho certo e deve ser difundido cada vez mais.

A questão dos problemas existenciais também se mostrou presente nos resultados de nossa pesquisa, 7,21% dos pesquisados responderam que o motivo que os levou a experimentarem droga, álcool ou tabaco pela primeira vez foi “porque tinha brigado em casa”. Esse dado deve ser analisado com a forma de convencimento “use, você vai se sentir melhor”, que em nossa pesquisa resultou em 18,55% dos pesquisados.

O PROERD também trabalha com eficácia a questão dos problemas existenciais. O policial instrutor sempre está procurando elevar a auto-estima dos alunos, conversando individualmente, ouvindo suas dúvidas, estreitando mais a amizade e a confiança. Os policiais instrutores também se utilizam de outra técnica para descobrir se os alunos estão sofrendo algum tipo de problema. É a chamada “hora da caixinha”, onde os alunos fazem perguntas para o policial instrutor, sem se identificar, e as depositam dentro de uma caixa. O policial instrutor sorteia algumas delas para ler e responder em sala de aula. Logicamente o restante das perguntas o policial instrutor leva para sua casa e lê, cuidadosamente, uma a uma, e caso perceba algum problema grave com algum determinado aluno, conversa com a professora e

pela forma da letra do aluno, descobre quem fez a pergunta e com muito zelo, cuidado e carinho passa a tratar de forma especial daquele aluno, focando sempre levantar sua auto-estima, sua confiança e amizade.

Em que pesem a contradição entre a confiança e a quebra do anonimato do aluno, para com o professor e o policial instrutor, pode-se supor admissível essa conduta porque ela é necessária para proteger o próprio aluno, desencadeando, se necessário, eventuais ações para resolver o seu problema. É importante que se registre que a identificação do aluno, não vai além do professor e do policial instrutor.

TABELA 20 – QUEM OFERECE DROGAS, SEGUNDO OS ALUNOS

Quem te ofereceu droga pela primeira vez?							
	Nº Q. RES-PONDEU	AMIGO DA ESCOLA	AMIGO DO BAIRO	TIO, PRIMO, OU PARENTE	PAI OU MÃE	DESÇO-NHECIDO	NÃO RESPOND.
5ª Série	39	21	7	3	1	7	86
125 alunos							
6ª Série	31	14	9	4	2	2	99
130 alunos							
7ª Série	60	24	18	9	0	9	63
123 alunos							
8ª Série	60	19	27	5	1	8	70
130 alunos							
Total	190	78	61	21	4	26	318
508 alunos	100,00%	41,05%	32,10%	11,05%	2,10%	13,68%	

Nota: A porcentagem diz respeito a totalidade dos alunos que responderam as perguntas, ou seja 190 alunos.

Outra questão que foi submetida aos alunos diz respeito à tabela 20, onde foi perguntado sobre a pessoa que lhes ofereceu droga pela primeira vez. Essa questão está diretamente ligada ao resultado da tabela 21, que trata do local da iniciação ao uso de drogas, por isso serão analisadas em conjunto.

TABELA 21 – LOCAL DA INICIAÇÃO AO USO DE DROGAS, SEGUNDO OS ALUNOS

Onde foi que te ofereceram droga pela primeira vez?							
	Nº Q. RES- PONDEU	BAR PRÓX. DA ESCOLA	INTERVALO DA ESCOLA	BAR PRÓX. DA CASA	FESTA C/ AMIGOS	EM CASA COM PAIS	NÃO RESPONDEU
5ª Série	42	9	10	4	18	1	83
125 alunos							
6ª Série	32	6	11	3	10	2	98
130 alunos							
7ª Série	56	8	11	2	34	1	67
123 alunos							
8ª Série	59	11	8	5	33	2	71
130 alunos							
Total	189	34	40	14	95	6	319
508 alunos	100,00%	17,98%	21,16%	7,40%	50,26%	3,17%	

Nota: A porcentagem diz respeito a totalidade dos alunos que responderam as perguntas, ou seja, 189 alunos.

O local da iniciação ao uso de drogas que mais foi citado pelos pesquisados foi, “festas com amigos” com 50,26%, provavelmente isso se deve a vários fatores que, conjugados, resultam em condições de vulnerabilidades ao uso de drogas.

A cultura de que para se fazer festa deve-se ingerir bebida alcoólica é muito forte entre os adolescentes, que se aproveitam do fato de estarem longe dos olhos dos pais para ingerir grandes quantidades de álcool, no intuito de se divertir.

O álcool e o tabaco ainda são considerados os grandes vilões como “portas de entradas” para outras drogas. Talvez por isso, nas festas com os amigos, sob o efeito do álcool, os adolescentes acabam cedendo à curiosidade ou a pressão do grupo e passam a experimentar outras drogas.

Com relação a quem ofereceu droga pela primeira vez, o resultado foi surpreendente, senão alarmante. O “amigo da escola”, para 41,05% dos pesquisados, foi o principal sujeito que ofereceu drogas, seguindo o “amigo do bairro” com 32,10% e com exceção das “festas com os amigos” o local que mais apareceu como iniciação ao uso, foi o “intervalo da escola” com, 21,16% dos pesquisados.

As amizades, como já falado anteriormente, se formam, na grande maioria dos casos, dentro da escola. Esse fato, se conjugado com os resultados obtidos em nossa

pesquisa, reforça mais uma vez a importância dos programas de prevenção dentro do espaço escolar.

É flagrante que os alunos consomem drogas sempre com seus amigos, esses, ou são amigos da escola ou do bairro e o local com mais incidência ao uso de drogas ou é em festas com os amigos ou no intervalo da própria escola, sempre na ausência dos pais.

Assim, considerando que o PROERD está sistematicamente inserido dentro do espaço escolar, seria de suma importância que as políticas públicas educacionais tratassem do PROERD com mais atenção, estendendo seu conteúdo em outras séries e níveis e não apenas na quarta série do ensino fundamental como é atualmente e na sexta série como passará a ser em 2006.

Os resultados da tabela 20 e 21 são extremamente reveladores, porque de uma forma ou de outra estão diretamente ligados à escola, seja pelo sujeito que oferece drogas ou pelo local de sua iniciação.

No que se refere aos bares próximos da escola, como forma de iniciação ao uso de drogas, verifica-se que o número foi relativamente baixo, 7,40% dos pesquisados. Isso se deve às políticas públicas antidrogas, tanto municipais como estaduais, que estão combatendo com ações direcionadas para coibir a instalação de bares próximos de escolas, bem como de fiscalizar com frequência os já existentes, evitando que os alunos permaneçam em seu interior.

Outro resultado que se revelou surpreendente foi com relação ao “desconhecido”, como sujeito que ofereceu drogas. Dos pesquisados, 13,68% responderam que foi um desconhecido que lhes ofereceu drogas, pela primeira vez, um dado relativamente baixo se comparado com os outros resultados. Isso demonstra que aquele traficante que supostamente ficaria em frente às escolas oferecendo drogas, às vezes inseridas em docinhos, balas ou gomas de mascar, não é tão assustador quanto parecia.

Neste caso, especificamente, o PROERD é de grande eficácia, uma vez que durante as atividades o Policial Instrutor frisa, de maneira didática, o perigo de se aproximar de pessoas desconhecidas e, principalmente, de aceitar algo delas, mesmo que seja um presente.

Não é demais lembrar que há outros elementos que integram a realidade do uso ou iniciação a droga, tais como ausência dos pais e a desestrutura familiar, causas estas diretamente ligadas ao desemprego estrutural que cresce a cada dia, o que vem demonstrar, em um plano mais amplo, a forte crise que passa o modo de produção capitalista.

TABELA 22 – OPINIÃO SOBRE QUEM NÃO FAZ USO DE DROGAS, SEGUNDO OS ALUNOS
O que você acha da pessoa que não faz uso de drogas?

	Nº Q. RES- PONDEU	NÃO SABE APROV. VIDA	NÃO INTEG. C/ A TURMA	MEDROSA	BEM RESOLVIDA	CARETA	DE BEM C/ A VIDA
5ª Série	125	8	3	2	42	6	85
125 alunos							
6ª Série	130	9	4	4	29	4	86
130 alunos							
7ª Série	123	17	13	4	37	4	74
123 alunos							
8ª Série	130	8	8	2	36	7	93
130 alunos							
Total	508	42	28	12	144	21	338
508 alunos	100,00%	8,26%	5,51%	2,36%	28,34%	4,13%	66,53%

Nota: Nessa questão os alunos poderiam assinalar mais de uma resposta

Pretendeu-se com a tabela 22, pesquisar a forma de entendimento dos alunos sobre os sujeitos que não fazem uso de drogas, principalmente no sentido de se descobrir se os pesquisados têm consciência sobre a questão da drogadição.

A grande maioria dos alunos, responderam que a pessoa que não faz uso de drogas é uma pessoa que “está de bem com a vida”, com percentual de 66,53%. Esse resultado sugere que a grande maioria dos pesquisados demonstraram ter consciência

sobre os malefícios da droga, bem como que acreditam que o uso delas não traz felicidades porque não é compatível com “viver bem a vida”.

Quando respondem que a pessoa que não faz uso de drogas é uma pessoa “bem resolvida”, dado que resultou em 28,34% dos pesquisados, sugerem que essa pessoa é um sujeito decidido, que sabe escolher o seu próprio caminho, principalmente o que é bom e o que é ruim para ela.

O PROERD exerce esse papel com sucesso, tendo em vista que ensina aos alunos como dizer não às drogas, principalmente as várias formas e maneiras de como fazê-lo e tomar decisões, bem como incompatibilidade de uma vida saudável e feliz com o uso de drogas.

Durante as lições do PROERD, há histórias em que os personagens que fazem uso de álcool, tabaco ou drogas, vão mal na escola, são isolados pelos amigos de classe, sofrem com a tristeza e por fim acabam sozinhos.

O PROERD tende a mostrar aos alunos que sempre é possível voltar a trilhar outros caminho, sem usar drogas e ainda que sempre há tempo para se recuperar e viver de bem com a vida, longe das drogas.

5.1.2 Exposição e Análise dos Dados das Escolas, Segundo os Professores

O presente estudo também se preocupou em coletar as opiniões dos professores que estavam lecionando nas escolas durante a pesquisa, principalmente porque eles convivem diariamente com os alunos e sofrem com a problemática das drogas dentro do espaço escolar.

Foi elaborado um questionário com 9 questões, o qual foi aplicado aos professores, que se dispuseram livremente a responder às perguntas.

TABELA 23 – COERÇÃO DE GANGUE E USUÁRIOS DE DROGAS SOBRE OS PROFESSORES, SEGUNDO OS PROFESSORES

Você já se sentiu pressionado por algum aluno ou gangue de alunos usuários de drogas?			
INSTITUIÇÃO	N.º DE PROFESSORES	SIM	NÃO
ESCOLA 01	15	4	11
%		26,67%	73,33%
ESCOLA 02	13	3	10
%		23,08%	76,92%
ESCOLA 03	18	5	13
%		27,78%	72,22%
ESCOLA 04	6	2	4
%		33,33%	66,67%
ESCOLA 05	19	3	16
%		15,79%	84,21%
TOTAL	71	17	54
%		23,94%	76,06%

TABELA 24 – CONHECIMENTO SOBRE PROCEDIMENTO FRENTE A ALUNO USUÁRIO DE DROGAS, SEGUNDO OS PROFESSORES

Você sabe como proceder quando detecta que algum aluno(s) está fazendo uso de drogas?			
INSTITUIÇÃO	N.º DE PROFESSORES	SIM	NÃO
ESCOLA 01	15	8	7
%		53,33%	46,67%
ESCOLA 02	13	3	10
%		23,08%	76,92%
ESCOLA 03	18	5	13
%		27,78%	72,22%
ESCOLA 04	6	0	6
%		0,00%	100,00%
ESCOLA 05	19	6	13
%		31,58%	68,42%
TOTAL	71	22	49
%		30,99%	69,01%

Caso saiba como proceder especifique.

INSTITUIÇÃO	N.º PROF	CHAMA O RESPONSÁVEL PELO ALUNO	TRABALHA A AUTO-ESTIMA DO ALUNO	COMUNICA ORIENTAÇÃO DA ESCOLA	CHAMA A PATRULA ESCOLAR
ESCOLA 01	8	2	1	5	0
%		25,00%	12,50%	62,50%	0,00%
ESCOLA 02	3	1	1	1	0
%		33,33%	33,33%	33,33%	0,00%
ESCOLA 03	5	1	1	1	2
%		20,00%	20,00%	20,00%	40,00%
ESCOLA 04	0	0	0	0	0
%		0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
ESCOLA 05	6	0	1	3	2
%		0,00%	16,67%	50,00%	33,33%
TOTAL	22	4	4	10	4
%		18,18%	18,18%	45,45%	18,18%

A primeira questão diz respeito à pressão que o professorado sofre pelas gangues ou grupos de alunos usuários de drogas. Para uma melhor análise dos dados, cotejamos a tabela 23 com a tabela 24, que trata do conhecimento sobre os procedimentos que os professores devem adotar frente aos alunos usuários de drogas.

O resultado sobre a tabela 23 surpreendeu: mais de 23% do total de professores pesquisados, responderam que já haviam sofrido algum tipo de pressão de alunos ou gangues de alunos usuários de drogas.

Diante disso, a pesquisa procurou saber se os professores têm conhecimento de como proceder em caso de se deparar com alunos fazendo uso de drogas, 69,01%, dos pesquisados, ou seja, a grande maioria dos professores, 49 para ser exato, afirmaram que não sabiam como proceder caso se deparassem frente a alunos usuários de drogas. É importante registrar que esses professores afirmaram que tem total desconhecimento dos efeitos das drogas no organismo e por isso não sabem como agir diante de uma situação em que o aluno esteja fazendo uso de algum tipo de droga.

Apenas 22 professores, ou seja, 30,99% afirmaram que sabiam como proceder. Desses que afirmaram saber como agir, 10 deles responderam que comunicavam à orientação da escola; 4 chamavam a patrulha escolar; 4 deles conversavam com o aluno e chamavam o responsável; e apenas 4 dos professores, conversavam com o aluno e procuravam trabalhar a sua auto-estima.

Esses dados sugerem que os professores não vem sendo preparados para lidar com a problemática das drogas, embora conste nos PCNs, como tema transversal. O que se percebeu é que os professores além de não saber como agir frente a problemas afeto a drogadição, em muitos casos são, inclusive, ameaçados pelos usuários de drogas.

Talvez uma maior interação do professor junto ao Policial Instrutor do PROERD, durante as atividades, viesse a diminuir esse despreparo e o receio de se trabalhar com a questão da drogadição, contribuindo inclusive para um estreitamento

com os próprios alunos sobre o tema, fazendo com que os mesmos passassem a respeitar mais o professor, assim, conseqüentemente, as ameaças tenderiam a diminuir gradativamente com o passar do tempo. É importante que os professores tenham conhecimentos específicos dos tipos e efeitos das drogas, principalmente as mais consumidas pelos alunos.

Para suprir esta falta, seria crucial a elaboração de políticas públicas educacionais voltadas diretamente para a formação do professor, com programas que despertassem o interesse do professorado à drogadição.

Outro dado que também merece análise foi a relação entre os professores que já se sentiram ameaçados por alunos usuários de drogas ou gangues, e a participação no PROERD. Dos 17 professores que responderam que já se sentiram ameaçados, todos eles, ou seja, 100%, não conheciam ou nunca tinham participado das atividades do PROERD.

Este dado sugere a importância do PROERD, como programa de prevenção às drogas e à violência, tendo em vista que coloca o professor como uma de suas pilstras, juntamente com o policial instrutor e a comunidade, aproximando-os.

TABELA 25 – OPINIÃO DE PROFESSORES SOBRE INSERÇÃO NA ESCOLA DE PROGRAMAS DE PREVENÇÃO AO USO INDEVIDO DE DROGAS E O PROERD

Você acha importante a inserção na escola de programas de prevenção ao uso indevido de drogas?			
INSTITUIÇÃO	N.º DE PROFESSORES	SIM	NÃO
ESCOLA 01	15	15	0
%		100,00%	0,00%
ESCOLA 02	13	12	1
%		92,31%	7,69%
ESCOLA 03	18	17	1
%		94,44%	5,56%
ESCOLA 04	6	6	0
%		100,00%	0,00%
ESCOLA 05	19	18	1
%		94,74%	5,26%
TOTAL	71	68	3
%		95,77%	4,23%

25.1 – Por que você acha importante a inserção de programas de prevenção dentro da escola?

INSTITUIÇÃO	N.º DE PROF.	NÃO SUGERIU	PORQUE ESCOLA AJUDA PREVENIR, INIBINDO O USO	PORQUE ESCLARECE MALEFÍCIOS DA DROGA E QUE SE BENEFICIA ECONOMICAMENTE	PORQUE A PREVENÇÃO TEM Q. SER TRABALHADA TODAS SÉRIES/IDADES	PORQUE PERMITE CAPACITAR O PROFESSOR
ESCOLA 01	15	4	5	1	5	0
%		26,67	33,33%	6,67%	33,33%	0,00%
ESCOLA 02	13	3	1	3	3	3
%		23,08	7,69%	23,08%	23,08%	23,08%
ESCOLA 03	18	2	3	7	1	5
%		11,11	16,67%	38,89%	5,56%	27,78%
ESCOLA 04	6	2	2	1	1	0
%		33,33	33,33%	16,67%	16,67%	00,00%
ESCOLA 05	18	6	5	2	3	2
%		33,33	27,78%	11,11%	16,67%	11,11%
TOTAL	70	17	16	14	13	10
%		24,29	22,86%	20,00%	18,57%	14,29%

TABELA 25 – OPINIÃO DE PROFESSORES SOBRE INSERÇÃO NA ESCOLA DE PROGRAMAS DE PREVENÇÃO AO USO INDEVIDO DE DROGAS E O PROERD

25.2 O que você acha do PROERD?

INSTITUIÇÃO	N.º DE PROF.	BOM PROGRAMA DE PREVENÇÃO ÀS DROGAS	BOM PROGRAMA, DEVERIA ESTAR EM TODAS AS ESCOLAS E NÍVEIS	NÃO CONHECE O PROERD
ESCOLA 01	15	6	5	4
%		40,00%	33,33%	26,67%
ESCOLA 02	13	1	6	6
%		7,69%	46,15%	46,15%
ESCOLA 03	18	3	5	10
%		16,67%	27,78%	55,56%
ESCOLA 04	6	1	2	3
%		16,67%	33,33%	50,00%
ESCOLA 05	19	2	4	13
%		10,53%	21,05%	68,42%
TOTAL	71	13	22	36
%		18,31%	30,99%	50,70%

TABELA 26 – CONHECIMENTO TÁCITO SOBRE O PROERD, SEGUNDO OS PROFESSORES

Você já ouviu falar das atividades do PROERD?

INSTITUIÇÃO	N.º DE PROFESSORES	SIM	NÃO
ESCOLA 01	15	11	4
%		73,33%	26,67%
ESCOLA 02	13	7	6
%		53,85%	46,15%
ESCOLA 03	18	10	8
%		55,56%	44,44%
ESCOLA 04	6	3	3
%		50,00%	50,00%
ESCOLA 05	19	9	10
%		47,37%	52,63%
TOTAL	71	40	31
%		56,34%	43,66%

TABELA 27 –PARTICIPAÇÃO NO PROERD, SEGUNDOS OS PROFESSORES

Você já participou das atividades do PROERD?			
INSTITUIÇÃO	N.º DE PROFESSORES	SIM	NÃO
ESCOLA 01	15	2	13
%		13,33%	86,67%
ESCOLA 02	13	0	13
%		0,00%	100,00%
ESCOLA 03	18	2	16
%		11,11%	88,89%
ESCOLA 04	6	0	6
%		0,00%	100,00%
ESCOLA 05	19	1	18
%		5,26%	94,74%
TOTAL	71	5	66
%		7,04%	92,96%

As tabelas 25, 26 e 27 tratam dos programas de prevenção às drogas em sentido amplo e do PROERD, especificamente, por isso, serão analisadas em conjunto.

A tabela 25 diz respeito à importância dos programas de prevenção às drogas dentro de um contexto escolar. A grande maioria dos professores, exatamente 68, ou seja, 95%, disseram que acham muito importante e apenas 3 professores, que significou 4,23% dos pesquisados, responderam que não acham importante.

Quando indagados, na tabela 25.1, porque os professores acham importante a inserção na escola de programas de prevenção ao uso indevido de drogas, a maioria afirmou que é importante porque auxilia na prevenção, inibindo o uso da droga, o que representou 22,86% dos pesquisados, ou 16 professores. Do total, ou seja, 14,29% afirmaram que é importante porque permite capacitar o professor. Esse último dado sugere que existem professores que demonstram interesse em se capacitar para trabalhar com prevenção às drogas.

Ainda na seqüência, a tabela 25.2, diz respeito ao que os professores achavam do PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência)?

A maioria dos pesquisados, isto é, 50,70%, respondeu que não conhece o PROERD; 30,99 afirmaram que o PROERD é um bom programa e deveria estar em todas as escolas e níveis e 18,31% afirmaram que considera o PROERD um bom programa de prevenção às drogas.

Os resultados desses dados são extremamente importantes, porque demonstram que o professor, quando tem conhecimento sobre o PROERD, acredita que o mesmo deve estar em todas as escolas e níveis de ensino. Essa questão já se mostrou presente quando da pesquisa dos alunos, especificamente da 8ª série, que após participarem das atividades do PROERD, tiveram contato com drogas. Quando pesquisados sobre o PROERD, esses alunos afirmaram que não se lembravam mais do seu conteúdo, donde se deduz a importância de seu desenvolvimento ao longo de todo o ciclo escolar.

Esse resultado vem corroborar nossa posição sobre a questão, isto é, estudar a viabilidade da ampliação do PROERD, não só apenas para a 6ª série, como está previsto para o ano de 2006, mas também para outras séries do ensino fundamental e também do ensino médio, como bem sugeriram os professores.

As tabelas 26 e 27 dizem respeito às atividades do PROERD. Se os professores ouviram falar ou se participaram das atividades, respectivamente. Dos 71 professores pesquisados, 40 deles, ou seja, 56,34% responderam que já tinham ouvido falar do PROERD e 43,66% ou seja, 31 professores afirmaram que ainda não tinham ouvido falar do PROERD.

Dos professores que ouviram falar do PROERD, apenas 05 deles participaram efetivamente das atividades, ou seja, 7,04% dos pesquisados e a grande maioria, 92,96%, ou 66 professores, afirmaram que não haviam participado, um número bastante alto de abstinência, se levarmos em conta que uma das pilastres do PROERD é o professor como agente preventivo, juntamente com a comunidade e a polícia.

Outro dado interessante foi a relação da maior porcentagem de alunos usuários de drogas com os professores que não participaram das atividades do PROERD. As duas escolas que tiveram o maior índice percentual de alunos que afirmaram que já haviam feito uso de drogas foram as Escola 02 e 04 e com relação aos Professores, o maior índice de abstenção às atividades do PROERD também foram dessas mesmas

escolas, isto é, todos os professores das escolas 02 e 04, ou seja, 100%, não tiveram a oportunidade de participar do PROERD.

Novamente, ressalta a importância do professor como membro atuante na prevenção junto com o policial instrutor e a comunidade, as três bases do PROERD, bases essas que devem ter o mesmo nível e grau de sustentação, caso contrário corre-se o risco do programa não ter o sucesso esperado.

TABELA 28 – CONHECIMENTO DE DROGAS, SEGUNDO OS PROFESSORES

Assinale com (x) as drogas abaixo que você conhece.

INSTITUIÇÃO	N.º PROF.	COLA SAPAT.	COCAÍNA	LANÇA PERF.	MACONHA	EXTASE	LSD
ESCOLA 01	15	12	6	10	10	2	2
%		80,00%	40,00%	66,67%	66,67%	13,33%	13,33%
ESCOLA 02	13	11	6	8	8	5	7
%		84,62%	46,15%	61,54%	61,54%	38,46%	53,85%
ESCOLA 03	18	15	5	7	10	4	3
%		83,33%	27,78%	38,89%	55,56%	22,22%	16,67%
ESCOLA 04	6	4	2	2	2	0	1
%		66,67%	33,33%	33,33%	33,33%	0,00%	16,67%
ESCOLA 05	19	16	8	9	9	4	4
%		84,21%	42,11%	47,37%	47,37%	21,05%	21,05%
TOTAL	71	58	27	36	39	15	17
%		81,69%	38,03%	50,70%	54,93%	21,13%	23,94%

Nota: Nessa questão os professores poderiam assinalar mais de uma alternativa.

Com relação ao conhecimento das drogas em espécie, ao se aplicar o questionário aos professores, foi explicado, previamente, por este pesquisador e sua assistente, que a pergunta, correspondente à tabela 28, sobre conhecer a droga, foi no sentido de se eventualmente o professor ao visualizar um tipo de droga em cima da carteira de algum aluno ou no pátio do colégio, se saberia dizer de qual droga se tratava: 81,69% dos professores responderam reconhecer cola de sapateiro; 54,93% responderam reconhecer maconha; 50,70% responderam reconhecer lança perfume; 38,03% responderam reconhecer cocaína; 23,94% responderam reconhecer LSD e 21,13 responderam reconhecer êxtase.

Essa questão foi submetida aos professores no intuito de se descobrir como está o “conhecimento” visual do professorado sobre as drogas, no intuito de,

eventualmente, se sugerir aos programas de capacitação de professores sobre o uso indevido de drogas na escola, módulos com visualização material de cada tipo de droga.

Os resultados demonstraram que a grande maioria dos professores reconhece as drogas mais populares e também as mais consumidas pelos alunos, no entanto desconhecem seus efeitos e ainda ficam aquém com relação às drogas sintéticas, como LSD e ÊXTASE, ainda pouco difundidas entre alunos do ensino fundamental.

TABELA 29 – SUGESTÃO, À SECRETARIA DE ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA, DE AUXÍLIO NO COMBATE ÀS DROGAS DENTRO DA ESCOLA, SEGUNDO OS PROFESSORES

O que você sugeriria à Secretária de Estado da Segurança Pública do Estado do Paraná para auxiliar no combate às drogas dentro da escola?

INSTITUIÇÃO	N.º DE PROF.	PROERD SE ESTENDESSE A TODOS ALUNOS DESDE A 4ª SÉRIE ATÉ ENSINO MÉDIO	PROGRAMAS PREVENÇÃO AS DROGAS	CAPACITAR PROFESSORES NA PREVENÇÃO AS DROGAS	NÃO SUGERIU	PATRULHA ESCOLAR MAIS ATUANTE
ESCOLA 01	15	10	3	1	1	0
%		66,67%	20,00%	6,67%	6,67%	0,00%
ESCOLA 02	13	7	4	0	2	0
%		53,85%	30,77%	0,00%	15,38%	0,00%
ESCOLA 03	18	4	7	4	3	0
%		22,22%	38,89%	22,22%	16,67%	0,00%
ESCOLA 04	6	1	2	1	1	1
%		16,67%	33,33%	16,67%	16,67%	16,67%
ESCOLA 05	19	1	3	4	4	7
%		5,26%	15,79%	21,05%	21,05%	36,84%
TOTAL	71	23	19	10	11	8
%		32,39%	26,76%	14,08%	15,49%	11,27%

A tabela 29 diz respeito às sugestões dos professores à Secretaria do Estado da Segurança Pública do Estado do Paraná, para auxiliar no combate às drogas dentro do espaço escolar.

A maioria dos professores, o que representou 32,39%, sugeriu que o PROERD se estendesse a todos os alunos, desde a 4ª série do ensino fundamental até o ensino médio e 26,76% sugeriram que se investissem mais em programas de prevenção às drogas dentro das escolas.

Novamente um dado que vem ao encontro dos resultados da pesquisa com os alunos, ou seja, quando as turmas de alunos pesquisados tiveram grande participação no PROERD e ainda se lembravam dos seus conteúdos, o uso de drogas foi muito baixo, quase insignificante. Por outro lado, se os alunos não tiveram a oportunidade de participar do PROERD ou mesmo que participaram, mas não se lembravam mais (como foi o caso das 8ª séries), o uso de drogas aumentou.

TABELA 30 – DEBATE, EM SALA DE AULA, COM OS ALUNOS SOBRE O USO INDEVIDO DROGAS, SEGUNDO OS PROFESSORES

Em aula você já debateu com alunos a questão do uso indevido de drogas?			
INSTITUIÇÃO	N.º DE PROFESSORES	SIM	NÃO
ESCOLA 01	15	11	4
%		73,33%	26,67%
ESCOLA 02	13	10	3
%		76,92%	23,08%
ESCOLA 03	18	14	4
%		77,78%	22,22%
ESCOLA 04	6	3	3
%		50,00%	50,00%
ESCOLA 05	19	15	4
%		78,95%	21,05%
TOTAL	71	53	18
%		74,65%	25,35%

TABELA 31 – FONTES DE INFORMAÇÃO QUE SUBSIDIARAM O DEBATE, SEGUNDO OS PROFESSORES

Se você respondeu afirmativamente a questão 08, explique quais foram as fontes de informação que mais subsidiaram o debate?

INSTITUIÇÃO	N.º PROF.	CONVERSA C/ AMIGOS E CONHECIDOS	PROGRAMA PREVENÇÃO ÀS DROGAS	CURSOS OFERTADOS POR ORG. PÚBLICOS.	PROGRAMAS DE TV	IGREJA	LIVROS, REVISTAS, JORNAIS E DEPOIME-TOS
ESCOLA 01	11	7	7	4	7	1	5
%		63,64%	63,64%	36,36%	63,64%	9,09%	45,45%
ESCOLA 02	10	4	6	5	8	2	1
%		40,00%	60,00%	50,00%	80,00%	20,00%	10,00%
ESCOLA 03	14	12	7	3	8	3	0
%		85,71%	50,00%	21,43%	57,14%	21,43%	0,00%
ESCOLA 04	3	3	3	2	0	0	0
%		100,00%	100,00%	66,67%	0,00%	0,00%	0,00%
ESCOLA 05	15	8	2	2	7	3	7
%		53,33%	13,33%	13,33%	46,67%	20,00%	46,67%
TOTAL	53	34	25	16	30	9	13
%		64,15%	47,17%	30,19%	56,60%	16,98%	24,53%

Nota: Nessa questão os professores poderiam assinalar mais de uma alternativa.

As tabelas 30 e 31, que tratam sobre debates, em sala de aula, entre professores e alunos sobre o uso indevido de drogas e ainda as fontes de informação que mais subsidiaram o debate, respectivamente, por se tratar de seqüência lógica uma da outra, serão analisadas em conjunto.

Dos 71 professores pesquisados, 74,65% responderam que já haviam debatido a questão com os alunos e 25,35% responderam que ainda não haviam debatido.

Esse dado demonstra que os professores têm se preocupado com a problemática das drogas e por conta própria vêm enfrentando a questão. Os debates sempre são saudáveis, porque fazem com que os alunos reflitam com independência sobre o seu papel, principalmente dentro de um contexto social onde as drogas se fazem presente.

Com relação às fontes que mais subsidiaram o debate, os professores responderam:

- a) conversa com os amigos ou conhecidos com 64,15%;
- b) programas de TV com 56,60%;
- c) programas de prevenção às drogas com 47,17%;
- d) cursos ofertados por órgãos públicos com 30,19%;
- e) igreja com 16,98%;
- f) livros, revista e jornais também com 24,53%.

Esses dados nos dão a dimensão do problema, principalmente no que se refere às fontes que embasaram os professores para discutir um problema tão complexo que é a drogadição. Verifica-se que os cursos ofertados pelos órgãos públicos são pouco menos que a metade dos índices de busca através de amigos e programas de TV.

Isso aponta para uma séria lacuna nas políticas públicas educacionais voltadas na formação de professores, mormente no que tange à questão do fato de drogadição na escola, obrigando ao professor, não rara às vezes, a busca pelo conhecimento por sua própria conta.

5.2 OBSERVAÇÃO DAS AULAS DO PROERD

Já com relação às observações, realizadas durante o acompanhamento deste pesquisador às aulas do PROERD, as mesmas se deram em duas escolas: a primeira da rede particular de ensino, situada em bairro central da cidade de Curitiba/PR; a segunda da rede pública de ensino, situada em bairro periférico da cidade de Curitiba/PR.

O curso aplicado durante as aulas do PROERD, foi o de 17 (dezessete) lições, as quais duravam em média 50 minutos cada. O processo de observação iniciou-se na quinta lição do PROERD.

As escolas e o Policial Instrutor foram escolhidos pela Coordenação do PROERD em Curitiba/PR.

Percebeu-se, durante as aulas, que os alunos da escola particular de ensino interagiam com o Policial Instrutor de forma mais ampla que os alunos da escola pública, principalmente no que diz respeito ao questionamento crítico sobre as drogas e seus efeitos.

Durante um encontro realizado na escola particular de ensino, foi sugerida pelo Policial Instrutor, uma discussão sobre o plebiscito do desarmamento, que ainda não tinha sido realizado. Os alunos questionaram sobre os prós e contras do desarmamento e ao final foi realizada uma votação simulada sobre a questão, devendo os alunos votar “sim” ou “não” ao desarmamento, e ainda justificar seu voto.

A sala de aula contava com 27 alunos, 26 votaram pelo “não” e apenas um aluno votou pelo “sim” ao desarmamento.

Na escola pública, durante um dos encontros, a turma realizou peças de teatros, apresentadas em sala de aula, tendo como tema central, as drogas.

Todas as apresentações mostraram-se muito eficazes, tendo em vista que a mensagem final delas foi: de um lado o sofrimento de quem usa drogas; de outro a felicidade de quem não precisa de drogas para viver com dignidade.

As aulas se encerraram no final do mês de novembro de 2005 e no dia 09 de dezembro, do mesmo ano, foi realizada a formatura com a presença de todos os alunos de Curitiba e região metropolitana que haviam participado das atividades do PROERD.

Com relação à participação dos professores, constatou-se que houve desinteresse com o conteúdo das lições e ainda pouco envolvimento com as atividades do PROERD. Nas duas escolas os professores preferiam desenvolver outras atividades que não a participação ativa nas aulas. Não se sabe o que provoca essa abstenção, no entanto, seria interessante que o PROERD desenvolvesse atividades que exigissem do professor um envolvimento maior, com mais interatividade, principalmente sobre os assuntos afetos ao uso indevido de drogas dentro da escola.

5.3 LEVANTAMENTO DOS PADRÕES DE COMPORTAMENTO (ESPECIFICAMENTE A MOTIVAÇÃO) DOS ALUNOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS DA RIEP QUE FIZERAM USO DE DROGAS E ANÁLISE DO PROERD

Para o levantamento dos padrões de comportamento dos alunos das escolas públicas da RIEP, consideramos somente os dados mais relevantes da pesquisa, sendo: qual o sujeito que ofereceu drogas pela primeira vez aos pesquisados; o local onde a droga foi oferecida pela primeira vez aos pesquisados; como a droga foi oferecida aos pesquisados; quais os tipos de drogas mais consumidas por faixa etária dos pesquisados.

Em seguida, analisaremos, especificamente, a motivação que levou os pesquisados a fazerem uso de drogas, incluídos tabaco e álcool.

Diante desses dados, analisaremos se o PROERD, enquanto programa de prevenção às drogas, leva em conta esses padrões de comportamentos.

Os padrões de comportamento da tabela abaixo, dizem respeito às duas respostas mais citadas pelos pesquisados e, no caso, de respostas com patamares muito próximos, na casa de três pontos percentuais uma das outras, serão todas consideradas.

QUADRO 1 – PADRÕES DE COMPORTAMENTO

a) Motivação	1º Curiosidade 2º Porque todos meus amigos já haviam experimentado
b) Sujeito que ofereceu drogas	1º Amigos da escola 2º Amigos do bairro
c) Local onde foi oferecida	1º Festa com os amigos 2º Intervalo da escola
d) Como a droga foi oferecida (argumento utilizado)	1º Experimenta, é muito bom 2º Use, não seja “careta”
e) Quais os tipos de drogas mais consumidas, consideradas primeira mente as drogas lícitas e depois as ilícitas	1º Álcool (drogas lícitas) 2º Tabaco (drogas lícitas) 1º Inalantes (“moranguinho”, cola de sapateiro e lança perfume) 2º Maconha

Diante desse quadro de padrão de comportamento, o PROERD tem demonstrado resultados na maioria deles e poucas falhas, senão vejamos: no que se refere, especificamente, sobre o padrão de comportamento motivacional, ou seja, os motivos que levaram os alunos a fazerem uso de drogas, a curiosidade foi o motivo mais citado. O PROERD, nessa questão, tem deixado a desejar. É certo que há atividades com os alunos a respeito dos conceitos e efeitos de cada droga no organismo, no entanto, as atividades são apenas formais, não há uma exploração maior sobre o tema, como por exemplo: vídeos demonstrando os efeitos das drogas causadas nos usuários a longo prazo; fotos, com efeito comparativo, entre usuários e não usuários de drogas, maior inclusão de métodos interativos sobre a temática, ou seja, procurar aumentar os fatores de proteção com intuito de diminuir a curiosidade dos alunos às drogas.

Com relação à motivação provocada pela pressão do grupo, onde os pesquisados afirmam: “experimentei porque todos meus amigos já haviam experimentado”, o PROERD trabalha muito bem a questão.

O PROERD, primeiramente, ensina aos alunos, os vários tipos de pressões existentes: “amigáveis” dos colegas, (vamos meu amigão, beba isso); pressões provocadoras (não seja um fraco, fume isso para ser homem); pressões indiretas (vamos encontrar o Pedrinho atrás da lanchonete? Ele disse que tem cigarros lá); pressões pesadas (vamos, dê uma cheirada nisso aqui ou não será mais meu amigo, vamos!!).

Após isso, o PROERD trabalha a maneira de como dizer não às pressões e os estilos de respostas. O intuito é ensinar os alunos a tomarem decisões saudáveis pelo resto da vida, visando sempre ficar longe das drogas.

Sobre a droga mais consumida, excetuando-se o álcool e o tabaco, os inalantes se mostraram os mais utilizados entre os pesquisados. Neste tópico, os dados sugerem que o programa tenha um foco maior a esta espécie de droga, mormente pela sua difusão e fácil acesso. Não seria exagero dedicar uma lição exclusiva para este tipo de entorpecente.

Com relação ao sujeito, local e a maneira como a droga é oferecida, observamos que a amizade é o centro da questão.

O sujeito que oferece a droga pela primeira vez ou é o “amigo” da escola ou o “amigo” do bairro e o local onde a droga é oferecida ou é em festa com os “amigos” ou no intervalo da escola com os “amigos” de turma, somados, neste contexto, com as motivações da curiosidade e da pressão de grupo, está desenhado um padrão de comportamento do uso indevido de drogas dos pesquisados.

Nesse sentido, considerando que os jovens, de maneira geral, estão carentes de auto-estima, de apoio familiar e de perspectivas para o futuro, procurando substituir o apoio da família pelo do grupo, onde se auto-afirmarão, através da busca de uma verdade que seja “sua”, e ainda considerando que é na escola que se formam os grupos e, conseqüentemente, as amizades, mais uma vez, constatamos que o espaço escolar, é o local ideal para se trabalhar com prevenção ao uso indevido de drogas.

Desta forma, o PROERD vem se encaixar perfeitamente, porque é o único programa de prevenção às drogas, devidamente sistematizado nas vinte e sete capitais brasileiras e no distrito federal e, ainda, já se encontra inserido dentro de um contexto escolar, demonstrando que seu propósito é único, isto é, prevenir o uso indevido de drogas, reduzindo as situações de vulnerabilidades e aumentando os fatores de proteção.

Não é demais lembrar que o Governo Federal, através da SENAD¹⁸², entende que para trabalhar com a questão da prevenção às drogas, é necessário trabalhar com a perspectiva de reduzir os riscos de consumo abusivo e de diminuir os danos causados pelo uso de substâncias psicoativas. Assim, uma ação de prevenção às drogas na escola, somente alcançará melhores resultados, quando fundamentada em princípios como: “Programas desenvolvidos em longo prazo, durante todo o processo escolar, com ações específicas para cada faixa etária”.

Por isso a importância de se aplicar o PROERD em outras turmas do ensino fundamental e não somente na quarta série e sexta série como é atualmente, bem como estendê-lo a outros níveis de ensino, com currículo próprio para cada faixa etária.

¹⁸² PREVENÇÃO NA ESCOLA ..., op. cit.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente abordamos o tema central da pesquisa, ou seja, as drogas e seus efeitos no organismo, em seguida, demonstramos que o conceito de droga é algo que ultrapassa as fronteiras da saúde, vai além, envolve facetas geopolíticas, econômicas e financeiras. Assim, as drogas foram tratadas como verdadeiras mercadorias, porque estão organizadas dentro dos parâmetros da economia de mercado, com oscilações e especulações, no entanto não sofrem com variáveis da lei da oferta e demanda, tendo em vista que esta sempre se mantém porque é movida por um produto decorrente do vício.

Tratamos da repressão, como forma de política pública antidrogas, mormente os seus fundamentos, acertos e desacertos. Também estudamos a prevenção, principalmente os seus elementos e sujeitos como parte integrante do processo, bem como as formas mais atuais de se trabalhar com prevenção, como, por exemplo, as redes sociais, a redução de danos e o PROERD, enquanto programa educacional de resistência às drogas e a violência.

Constatamos que os valores familiares estão perdendo seu papel, como referência essencial na educação das crianças e adolescentes, fato este devido à própria dinâmica do mercado capitalista, que da mesma forma que exclui, inclui a sua maneira, ou seja, ao mesmo tempo em que, explora e desemprega a classe trabalhadora, colocando seus sujeitos à margem da sociedade, oferece-lhes uma opção apenas para sobreviver, a do mercado informal e, não raro, a opção pelo crime. Diante dessa situação lamentável, os referenciais familiares passaram a diluir-se em grande parte da classe trabalhadora, e foram perdendo espaço para os valores do grupo extra familiar.

O grupo, como foi demonstrado, se forma privilegiadamente dentro da escola. Assim para que um programa de prevenção às drogas tenha sucesso, é mister que seja aplicado dentro de um contexto escolar. Nesse sentido, o PROERD, enquanto programa educacional de prevenção às drogas e à violência, é opção extremamente

salutar, tendo em vista que está organizado sistematicamente dentro da escola e vem sendo aplicado nas vinte e sete capitais brasileiras e no distrito federal.

O resultado de nossa pesquisa demonstrou que o PROERD tem uma eficácia de 92%, ou seja, dos alunos investigados que freqüentaram o PROERD, apenas 8% afirmou que usou algum tipo de droga após as atividades.

Logicamente constatamos algumas falhas, pequenas, face aos resultados produzidos pelo PROERD, mas que merecem ser apreciadas, principalmente a opinião dos professores sobre a questão das drogas dentro da escola. O resultado sugeriu que os professores estão pouco envolvidos com a problemática e preferem não se engajar em ações de prevenção, bem como relataram que não dispõem de conhecimentos para enfrentar a questão. Houve dados, inclusive, que demonstraram que há professores que sofrem pressões de gangues e usuários de drogas.

O PROERD, especificamente neste quesito, fundamenta suas ações no tripé polícia, comunidade e professor. No entanto, é preciso que o professor abrace a idéia e se alie com o policial instrutor em ações de prevenção dentro da escola. Nas duas escolas que freqüentamos as atividades do PROERD, constatamos a falta de participação e interação dos professores.

Com relação aos alunos, o objetivo principal de nossa pesquisa foi a de elaborar padrões de comportamentos, especificamente a motivação que leva os pesquisados a fazerem uso de drogas. O resultado sugeriu que o PROERD poderia trabalhar com mais eficácia as questões da curiosidade, pressão de grupo, drogas inalantes, como o “moranguinho” e a cola de sapateiro.

Também constatamos que o PROERD, por ser um programa de prevenção às drogas tão importante, deveria ser aplicado não somente nas quartas séries e sextas séries do ensino fundamental, mas também em outras séries, inclusive no ensino médio, tendo em vista que grande parte dos pesquisados que participou do PROERD e após alguns anos teve algum contato com drogas, afirmou não se lembrar dos conteúdos do PROERD.

Não é demais lembrar que o PROERD tem na comunidade e nos professores seus fundamentos de sustentação; desta forma, necessita trabalhar em conjunto para produzir resultados cada vez mais satisfatórios.

Assim, diante de um mal tão perverso que é a problemática das drogas, é imperioso que ações e programas de prevenção ao uso indevido de drogas dentro da escola sejam cada vez mais difundidos e apoiados em todos os sentidos.

Não obstante a positividade do PROERD, verificada nesta pesquisa, há de se ressaltar seus limites, bem como os limites de quaisquer programas preventivos. Isto se deve ao fato de que o problema da drogadição, na sociedade contemporânea, estar inscrito na mesma raiz dos demais problemas sociais: a mercantilização das condições de existência. Assim, observa-se que o Estado, ao mesmo tempo em que desenvolve programas de prevenção, não estanca o processo de produção, o comércio e consumo de drogas e é lógico que não poderia estancar.

É de se lembrar que as substâncias hoje consideradas drogas ilícitas, já foram, em outras sociedades, utilizadas como elementos rituais e absolutamente sob controle social, de modo a não representarem risco para os sujeitos. Sob o signo do mercado, entretanto, adquirem outra conotação, daí que, é nesta sociedade – o capitalismo – que assumem uma feição negativa e trágica.

Os resultados satisfatórios de um programa de prevenção, neste caso, não nos podem enganar: duram o tempo da geração que dele participou, obrigando a sociedade a refazer indefinidamente o mesmo processo, posto que aborda os efeitos e as causas não são superadas.

Entende-se, neste sentido, que o apoio a programas como o PROERD precisa vir acompanhado de críticas mais amplas – ao conjunto da sociedade. Recorre-se aos programas de prevenção, como solução temporária e tópica, mas, ao mesmo tempo, é necessário canalizar todas as forças sociais transformadoras para a superação do verdadeiro e fundamental problema: a natureza desigualitária e excludente do regime de produção capitalista.

GLOSSÁRIO

Barões do tráfico – Sujeitos que sobrevivem do financiamento do tráfico ilícito de drogas e da “lavagem do dinheiro”, o qual é reinvestido em empresas de fachadas.

Boca de fumo – Local determinado e conhecido pelos usuários de drogas onde são vendidos os entorpecentes.

Crack – Mistura de Cloridrato de cocaína (pasta base), bicarbonato de sódio ou amônia e água destilada, que resulta em pequeninos grãos, fumados em cachimbos.

Lavagem de dinheiro – Termo utilizado para dar uma origem lícita a determinadas quantias em dinheiro, provenientes de atividades ilícitas.

Merla – Mistura de Cloridrato de cocaína (pasta base), querosene e gasolina, resultando num “melado”, insolúvel em água, mas que pode ser fumada.

Mocó – Local onde é camuflado o entorpecente, geralmente no interior de veículos, para posterior transporte de um local para outro.

Mula – São pessoas cooptadas por traficantes de drogas para fazer o transporte da droga de um local para outro, assumindo os riscos pelo transporte em troca de uma quantia em dinheiro.

Raposeiro ou distribuidores de drogas – Traficantes que revendem drogas em pequenas quantidades em pontos conhecidos pelos usuários consumidores

REFERÊNCIAS

A VOZ DOS ADOLESCENTES. UNICEF, 2002.

ADOLESCÊNCIA E TÓXICOS. **VIVER. Revista de Psicologia.** São Paulo, Editora Voar, n. 22, 1987.

ALBERTANI, Helena M. B.; SCIVOLETTO, Sandra; ZEMEL, Maria de Lurdes S. **Prevenção do uso indevido de drogas:** fatores de risco e fatores de proteção. Curso de Formação de Palestrantes na Prevenção ao Uso Indevido de Drogas. Brasília, 2004.

ANDRADE, A. G. et al. **Avaliação de programas de prevenção de drogas.** São Paulo: GREA/D.A.Inc/USAID, 1995.

ARBEX JR, José. **Narcotráfico:** um jogo de poder nas Américas. São Paulo: Moderna, 1993. Coleção Polêmica.

BUCHER, R. **Drogas e drogadição no Brasil.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CAMPOS, Benedito Roque S. **Preventiva integral:** perspectivas, 1996. v. II, Coleção Argo. Boletim CEBRID, São Paulo, n. 34, jun. 1998.

CARLINI, E. A. et al. I levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, 2001.

CARNEIRO, Henrique, 1960. **Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas:** histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas / Henrique Carneiro. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

CARNEIRO, Henrique S. Bebidas alcoólicas e outras drogas na época moderna (2003). **Agência Baiana de Notícias**, jul. 2004.

CASTEL, R. Qué significa estar protegido? In: DABAS, E; NAJMONOVICH, D. (Orgs.). **Rede:** el language de los vinculos. Buenos Aires: Paidós, 1998.

CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. Livreto Informativo; Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo; 2004.

CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. Bebidas Alcoólicas – Álcool Etílico e Etanol; Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo; 2005.

COGGIOLA, Osvaldo. O tráfico internacional de drogas e a influência do capitalismo. **Revista Adusp**, n. 7, ago. 1996.

CORREIA, João Carlos. **O Espaço público e a questão operária:** o testemunho do Jornal A Estrela. Portugal: Univ. da Beira Interior, 1998 - Notas de ropadé 17 e 18.

CURSO DE FORMAÇÃO DE PALESTRANTES EM PREVENÇÃO AO USO INDEVIDO DE DROGAS, I., 30 de maio a 03 de junho de 2005. ANP – Academia Nacional de Polícia. Brasília, 2005. Apostila.

DABAS, E. **Red. Social**: sistema familiar y aprendizaje. Revista Sistemas Familiares, Buenos Aires, n. 3, ano 13, 1997.

DANGL, Benjamim. Exército dos EUA no Paraguai se prepara para “Espalhar a Democracia”. **Circulo Bolivariano de São Paulo**, 15 set. 2005.

DROGAS. Cartilha sobre maconha, cocaína e inalantes. Brasília: SENAD, 2004.

DUARTE, Paulina Vieira. **Curso de Formação de Palestrantes na Prevenção ao Uso Indevido de Drogas, I.**, Brasília: DF, 2005.

GALDURÓZ, José Carlos F. et al. V Levantamento Nacional Sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, 2004.

GIORDANO, Al. Fábio Mesquita no Limiar da Vitória. **The Narco News Bulletin**, 12 maio 2003.

GLOSSÁRIO DE ÁLCOOL E DROGAS. Tradução e Notas: J. M. Bertolote, 2004.

IANNI, Octavio. **A política mudou de lugar**. Rio e Janeiro: Vozes, 1997.

INSTITUTO PARANAENSE DE PSICOLOGIA – IPP-PUC/PR. Grupo de Apoio ao Dependente Químico. Disponível em: <<http://www.puc.br/saude/história>> Acesso em: 2005.

KOPP, Pierre. **A economia da droga**. Bauru: EDUSC, 1998.

LEXICON OF PSYCHIATRIC AND MENTAL HEALTH TERMS, 2. ed. Geneva, Word Health Organization, 1984. (Adaptação brasileira; Glossário de termos de psiquiatria e saúde mental da CID-10 e seus derivados. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997).

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2002.

LUZ, Araci Asinelli da. **Políticas públicas educacionais de prevenção ao abuso de drogas e o PROERD**. Curitiba, UFPR, 20 out. 2004.

_____. **Revista Família Cristã**: prevenção às drogas, p. 46.

MACEDO, Ana Paula. **Correio Brasiliense**. Crime Organizado – Barões do Tráfico, 8 maio 2005.

- MARQUES, J. Luiz. **O Socialismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1991.
- MARQUES, Luiz Fernando. **A política de redução de danos e sua contribuição à proteção de adolescentes em situação de risco pelo envolvimento com drogas**. [S.l.: s.n., s.d.].
- MARQUES, Walter Ernesto Ude. **Adolescentes e drogas no contexto da justiça**. Brasília: Plano, 2003.
- MARTINS, J. S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. Tradução: Reginaldo Sant'Anna. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- NICASTRI, Sérgio. **Drogas: classificação e efeitos no organismo**. Brasília, 2004. Palestra.
- NIDA – National Institute on Drug Abuse. Prevention Brochure, EUA, 2001.
- NOWLIS, Helen. **Droque demysthisiee: droque et education**, 1975. Unesco.
- POLÍTICA NACIONAL ANTIDROGAS. Brasília: SENAD, 2004.
- PREVENÇÃO NA ESCOLA, Boletim do OBID/SENAD, Brasília, 2003/2004.
- PROERD. Paraná, 2001.
- PROERD – PMPR. Coordenação-Geral. Curitiba, 2005. Cartilha.
- ROSSI, Adriana. América Latina, un continente em vias de militarización. **Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur**, n. 16, Oct. 2000.
- _____. **Argentina: cão de guarda, futuro das américas?** Transnational Institute. Disponível em: <<http://www.tni.org/reports/drugs/folder1/rossi-s.htm>>. Acesso em: 2005.
- _____. O vício da violência. **Carta Capital**, São Paulo, ano 10, n. 281, 10 mar. 2004, p. 42-43.
- SBPC – Ciência e Cultura, v. 38 , n. 05, maio 1986.
- SUDBRACK, Maria de Fátima Olivier. **O adolescente e as drogas no contexto da justiça**. Brasília: Plano, 2003.
- TELLES, Paulo. **Formação de multiplicadores de informações preventivas sobre drogas**. Brasília: Senad, 2002.

TRABAJA PARA LA CREACIÓN DE UM EJÉRCITO REGIONAL EM CENTROAMÉRICA, **Jornal “El Diario de Hoy” de El Salvador: EE.UU**, Buenos Aires, 16 jul. 2003.

VEJA, n. 1923, 21 set. 2005, p. 11-15.

VILELA, Jaime. **Coca, narcotráfico e recolonização**. Revista Marxismo Vivo nº 06, Edição nº 142 de 12 de dezembro a 22 de janeiro de 2003, La Paz, Bolívia

www.quiprocura.net/alcool.htm

www.tesouro.gov.br.

ANEXO I – QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

1) VOCÊ JÁ TOMOU REFRIGERANTE, ALGUMA VEZ NA VIDA?

() SIM () NÃO

2) VOCÊ JÁ TOMOU CHIMARRÃO, ALGUMA VEZ NA VIDA?

() SIM () NÃO

3) VOCÊ JÁ TOMOU CERVEJA, CAIPIRINHA, PINGA OU OUTRA BEBIDA ALCOÓLICA, ALGUMA VEZ NA VIDA?

() SIM () NÃO

4) VOCÊ JÁ FUMOU ALGUM TIPO DE CIGARRO?

() SIM () NÃO

5) VOCÊ JÁ FEZ USO DE ALGUMA DROGA?

() SIM () NÃO () NÃO, MAS TENHO CURIOSIDADE DE EXPERIMENTAR

6) QUAIS DROGAS VOCÊ JÁ FEZ USO? (PODE ASSINALAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA)

() COLA DE SAPATEIRO () MACONHA

() COCAÍNA () LANÇA PERFUME, LOLÓ

() EXTASE () LSD OU ÁCIDO

() OUTRO – Especifique _____

7) COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ USA ÁLCOOL, CIGARRO OU DROGA?

() UMA VEZ POR MÊS () DUAS VEZES POR MÊS

() UMA VEZ POR SEMANA () UMA VEZ POR DIA

() VÁRIAS VEZES AO DIA

() OUTRO – Especifique _____

08) QUAL FOI O MOTIVO QUE TE LEVOU A EXPERIMENTAR ÁLCOOL, CIGARRO OU OUTRA DROGA?

- CURIOSIDADE
- PORQUE TODOS MEUS AMIGOS JÁ HAVIAM EXPERIMENTADO
- PORQUE TINHA BRIGADO EM CASA E ESTAVA MUITO TRISTE, DEPRIMIDO
- PARA MOSTRAR AOS MEUS AMIGOS QUE EU SOU “O CARA”
- OUTRO MODO, ESPECIFIQUE ABAIXO
-
-

09) QUEM TE OFERECIU DROGA PELA PRIMEIRA VEZ?

- AMIGO (A) DA PRÓPRIA ESCOLA PAI OU MÃE
- AMIGO (A) DO BAIRRO DESCONHECIDO (A)
- TIO, PRIMO OU OUTRO PARENTE PRÓXIMO
- OUTRO – Especifique _____

10) VOCÊ JÁ TOMOU HOLOTEN, CARPINOL OU MEDAVANE PARA SENTIR ALGUM “BARATO”?

- SIM NÃO

QUAL? _____

11) ONDE FOI QUE TE OFERECERAM A DROGA PELA PRIMEIRA VEZ?

- EM UM BAR PRÓXIMO DA ESCOLA
- NO INTERVALO DA ESCOLA JUNTO COM MEUS AMIGOS(AS)
- EM UM BAR PRÓXIMA DA MINHA CASA
- EM UMA FESTA COM MEUS AMIGOS
- EM CASA JUNTO COM MEUS PAIS
- OUTRO – Especifique _____

12) COMO FOI QUE TE OFERECERAM? (PODE ASSINALAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA)

-) EXPERIMENTA, É MUITO BOM
 -) NÃO SEJA CARETA
 -) TODO MUNDO USA, PORQUE VOCÊ NÃO USA TAMBÉM
 -) USE ISSO QUE VOCÊ VAI SE SENTIR BEM MELHOR
 -) OUTRO MODO, ESPECIFIQUE ABAIXO
-
-

13) O QUE VOCÊ ACHA DA PESSOA QUE NÃO FAZ USO DE DROGAS? (PODE ASSINALAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA)

-) NÃO SABE APROVEITAR A VIDA) BEM RESOLVIDA
-) NÃO SE INTEGRA COM A TURMA) CARETA
-) MEDROSA) DE BEM COM A VIDA
-) OUTRO – Especifique _____

14) QUANDO VOCÊ FEZ A QUARTA SÉRIE, VOCÊ PARTICIPOU DO PROERD?

-) SIM) NÃO

15) SE VOCÊ PARTICIPOU DAS AULAS DO PROERD, O QUE VOCÊ ACHOU?

-) NEM ME LEMBRO MAIS DO PROERD
 -) ACHEI BEM LEGAL, GOSTARIA DE TER AULAS DO PROERD NOVAMENTE
 -) O PROERD NÃO AJUDOU A RESOLVER MEUS PROBLEMAS COM AS DROGAS
 -) O PROERD ME AJUDOU A FICAR LONGE DAS DROGAS
 -) OUTRO, ESPECIFIQUE
-
-

ANEXO II – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

1) VOCÊ JÁ SE SENTIU PRESSIONADO POR ALGUM ALUNO OU GANGUE DE ALUNOS USUÁRIOS DE DROGAS?

() SIM () NÃO

2) VOCÊ SABE COMO PROCEDER QUANDO DETECTA QUE ALGUM ALUNO(S) ESTÁ FAZENDO USO DE DROGAS?

() SIM () NÃO

CASO SAIBA COMO PROCEDER, ESPECIFIQUE ABAIXO

3) VOCÊ ACHA IMPORTANTE A INSERÇÃO NA ESCOLA DE PROGRAMAS DE PREVENÇÃO AO USO INDEVIDO DE DROGAS?

() SIM () NÃO

POR QUE?

PORQUE VOCÊ ACHA IMPORTANTE A INSERÇÃO DE PROGRAMAS DE PREVENÇÃO NA ESCOLA?

SE VOCÊ RESPONDEU AFIRMATIVAMENTE A QUESTÃO, QUAL SUA OPINIÃO SOBRE O PROERD? O QUE VOCÊ ACHA DO PROGRAMA?

4) VOCÊ JÁ OUVIU FALAR DAS ATIVIDADES DO PROERD?

() SIM () NÃO

5) VOCÊ JÁ PARTICIPOU DAS ATIVIDADES DO PROERD?

() SIM () NÃO

6) ASSINALE COM (X) AS DROGAS ABAIXO QUE VOCÊ CONHECE?

- () COLA DE SAPATEIRO () MACONHA () BEBIDA ALCOÓLICA
() COCAÍNA () EXTASE () CIGARRO
() LANÇA PERFUME, LOLÓ () LSD OU ÁCIDO

7) O QUE VOCÊ SUGERIRIA À SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO DO PARANÁ PARA AUXILIAR NO COMBATE ÀS DROGAS DENTRO DA ESCOLA?

8) EM AULA, VOCÊ JÁ DEBATEU COM ALUNOS A QUESTÃO DO USO INDEVIDO DE DROGAS?

- () SIM () NÃO

09) SE VOCÊ RESPONDEU AFIRMATIVAMENTE À QUESTÃO 08, EXPLIQUE QUAIS FORAM AS FONTES DE INFORMAÇÃO QUE MAIS SUBSIDIARAM O DEBATE? (PODE ASSINALAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA)

- () CONVERSA COM AMIGOS E CONHECIDOS () PROGRAMA DE TV
() PROGRAMA DE PREVENÇÃO ÀS DROGAS () IGREJA
() CURSOS OFERTADOS POR ÓRGÃOS PÚBLICOS () OUTROS, ESPECIFIQUE:
-
-

ANEXO III - FOTOS



PLANTAÇÃO DE COCA



CAMPONESES PLANTADORES DE COCA



PASTA BASE DE COCAÍNA



CLORIDRATO DE COCAÍNA



LABORATÓRIO DE COCAÍNA



PLANTAÇÃO DE MACONHA NO PARAGUAI



DESTRUIÇÃO DE CULTIVO DE MACONHA



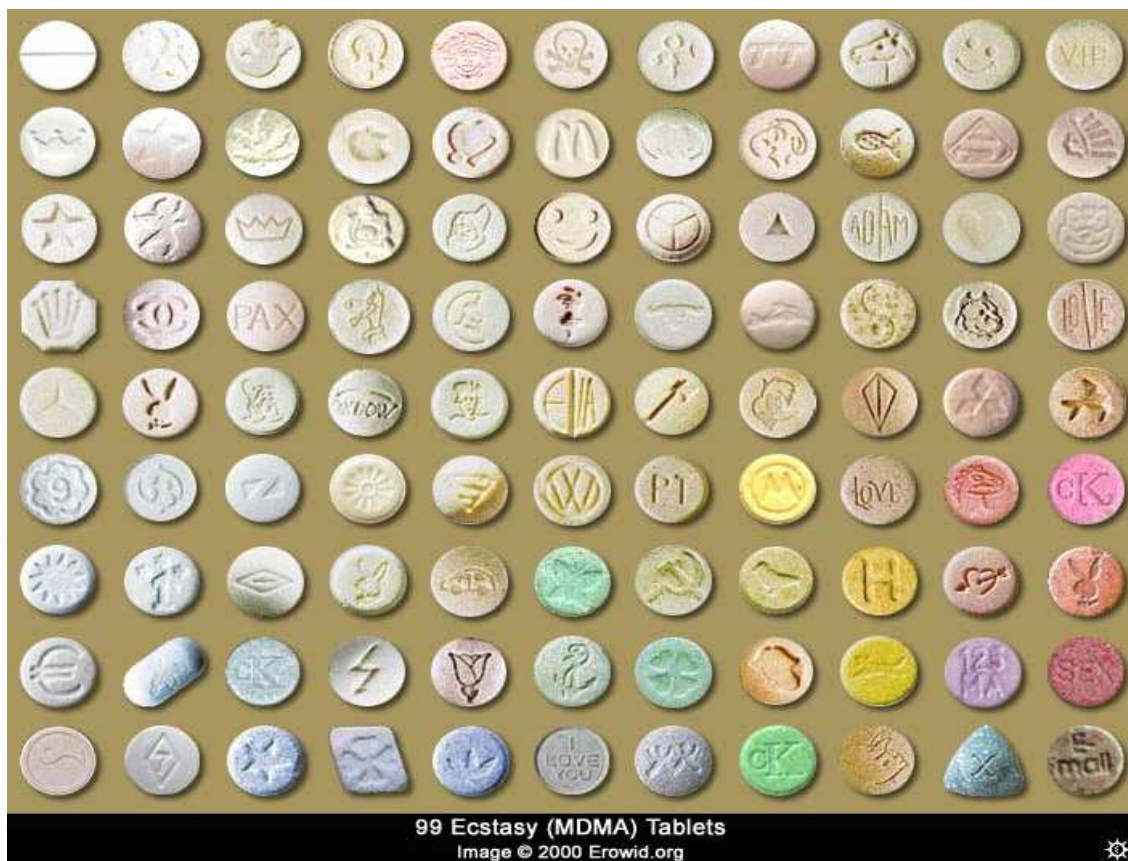
APREENSÃO DE MACONHA NO RIO DE JANEIRO



PLANTAÇÃO DE PAPOULA



RETIRADA DO ÓPIO



TIPOS DE ÊXTASE

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)